

UM TREM DO INFERNO



ALISTAIR MACLEAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Alistair MacLean

UM TREM
DO INFERNO

Título original inglês

BREAKHEART PASS

1974

Tradução

A. WEISSENBERG

Record, 1974

Sinopse

Um trem repleto de tropas está a caminho do Fort Humboldt, em missão de socorro através de um dos mais desolados trechos ferroviários do Velho Oeste. Missão bem fora do comum: naquele 1873, o forte enfrentava um inimigo mais perigoso do que supunham os componentes da expedição. Também não era um trem militar comum. Além da cavalaria, levava o Governador de Nevada, sua sobrinha, a filha do comandante do forte e um xerife em busca de um criminoso. Nesta longa viagem, até os obstáculos seriam incomuns.

Nota do Autor

Os seguintes acontecimentos têm muito a ver com a escolha de 1873 para data desta história.

A Corrida do Ouro na Califórnia 1855-75

A Descoberta de Comstock Lode 1859

Rebelião dos Índios em Nevada 1860-80

Nevada torna-se Estado 1864

Construção da Union Pacific Railway 1869

Descoberta de Bonanza 1873

Cólera nas Montanhas Rochosas 1873

Fabricação das Primeiras armas de Repetição Winchester

1873

Fundação da Universidade de Nevada 1873

Incêndio Catastrófico em Lake's Crossing 1873 (que se tornou Reno em 1879)

Talvez pareça estranho que uma missão de socorro do Exército Americano tenha sido enviada ao local de um surto de cólera, mas não é: o Serviço Sanitário do Estado de Nevada só foi criado em 1893.

Prólogo

No bar do Imperial Hotel de Reese City, de nome altissonante, respirava-se um ar de derrota, de desleixada decrepitude e da persistente nostalgia dos gloriosos tempos já meio esquecidos e que jamais retornariam. As paredes de estuque estavam rachadas, sujas e abundantemente cobertas, de fotos desbotadas do que parecia ser grupos de bandidos com imensos bigodes. A ausência do "Procura-se" sob cada uma delas era quase de estranhar. As tábuas lascadas que passavam por assoalho estavam inacreditavelmente empenadas e apresentavam uma tonalidade que fazia com que as paredes parecessem recém-pintadas. As escarradeiras — alvos pouco atingidos — encontravam-se em bastante evidência, e eram raros os centímetros quadrados de chão que deixavam de ostentar pontas de charuto.

Estascontaram -se às centenas e a ampla maioria apresentava calcinada evidência de que seus proprietários não se tinham dado ao trabalho de apagá-las antes de deixá-las cair no chão. O abajur das lâmpadas de óleo, assim como o teto, fora enegrecido pela fuligem, e o grande espelho por detrás do bar ostentava marcas de moscas e de sujeira. Para o viajante cansado, em busca de um recanto para repousar, o bar nada oferecia senão total falta de higiene, um adiantado grau de decadência e uma quase embrutecedora atmosfera de depressão e desespero.

O mesmo se dava com a maioria dos seus frequentadores, em extraordinária harmonia com o ambiente geral do salão. Eram quase todos idosos, profundamente desanimados, barbados e desleixados, e, com raras exceções, contemplavam o futuro sombrio e sem esperanças, através do fundo de copos de uísque. O solitário barman, indivíduo míope, com o peito coberto por um avental que, provavelmente para evitar problemas de lavanderia, ele tingira de preto em passado distante, parecia compartilhar do desânimo geral. Manejando uma venerável toalha, onde se poderia com dificuldade

distinguir alguns vestígios de branco, tentava a tarefa impossível de polir um copo rachado e lascado. Seus movimentos ultralentos pareciam os de um zumbi artrítico. Entre o Imperial Hotel e o conceito dickensiano daquela mesma época, relativo à hospitaleira e acolhedora hospedaria da Inglaterra vitoriana, jazia um abismo insondável.

Em todo o bar havia apenas um isolado oásis de conversação: seis pessoas sentadas ao redor de uma mesa nas proximidades da porta, três das quais num banco de encosto alto apoiado à parede. Das três, a figura central dominava todo o grupo. Alto e — esguio, pele curtida, ostentando, ao redor dos olhos, as rugas daqueles que se expõem muito ao sol, vestia uniforme de Coronel da Cavalaria dos Estados Unidos. Tinha uns cinquenta anos e — o que era raro na época — faces escanhoadas. Seu nariz era aquilino, a fisionomia inteligente, coroada por cabeleira grisalha escovada para trás. No momento, sua expressão dificilmente poderia ser descrita como animadora.

Tal expressão dirigia-se para um homem de pé à sua frente, do outro lado da mesa. Indivíduo alto e vigoroso, rosto saturnino, fino bigode negro. O distintivo do seu posto — Xerife dos Estados Unidos — brilhava-lhe no peito.

— Mas, Coronel Claremont, nas atuais circunstâncias...

— dizia.

— Regulamento é regulamento. — O tom de Claremont, embora polido, era áspero e incisivo, um reflexo fiel de sua aparência. — Questões militares são questões militares. Questões civis são questões civis. Lamento, Xerife...

— Pearce. Nathan Pearce.

— É claro. É claro. Peço desculpas. Eu deveria saber — Claremont meneou a cabeça, mas não havia laivo de remorso em sua voz. — Nosso trem é militar. Nada de civis a bordo, exceto com permissão especial de Washington. Pearce retrucou, macio: — Mas não estaremos todos trabalhando para o Governo Federal? — Segundo definição do Exército, não.

— Compreendo.

Era evidente que Pearce não compreendia. Olhou devagar, pensativo, para os outros cinco, um dos quais uma moça, nenhum deles de uniforme. E fixou-se num homenzinho magro, de casaca e colarinho clerical, a testa saliente parecendo perseguir a linha dos cabelos que recuavam rápidos, e expressão de permanente ansiedade. Sob o olhar penetrante do Xerife, ele se agitou e seu proeminente pomo de Adão subiu e desceu como se estivesse engolindo com considerável velocidade e frequência.

Seco, Claremont falou: — O Reverendo Theodore Peabody tem permissão e qualificações especiais. — Era claro que a consideração de Claremont pelo pastor estava longe de ser ilimitada.

— Seu primo é secretário particular do Presidente. O Reverendo Peabody será capelão de Virgínia City.

— Será o quê? — Pearce fixou o pastor que positivamente se encolheu, e em seguida, voltou-se incrédulo para Claremont. — Ele é louco! Seria capaz de resistir mais tempo entre os índios Paiute.

Peabody umedeceu os lábios com a língua, continuando a movimentar o pomo de Adão.

— Mas... mas dizem que os Paiutes matam à primeira vista qualquer homem branco.

— Não à primeira vista. Preferem fazê-lo lentamente. Pearce desviou mais uma vez o olhar. Sentado junto ao pastor, agora inegavelmente apavorado, via-se um homem rotundo, de terno xadrez berrante. Suas mandíbulas coadunavam-se com a compleição; o sorriso era expansivo e a voz tonitruante.

— Dr. Edward Molyneux, às suas ordens, Xerife.

— Suponho que também vá para Virgínia City. Muito trabalho ali, doutor, preenchendo atestados de óbito. Bem poucos de causas naturais.

Molyneux replicou, bem-humorado: — Esses antros de iniquidade não são para mim. Vê à sua frente o recém-nomeado médico residente de Fort Humboldt. Ainda não arranjam um uniforme que me sirva.

Pearce anuiu, calou vários comentários óbvios, e desviou o olhar. Manifestando irritação na voz, Claremont falou: — O melhor é

poupar-lhe o trabalho do interrogatório individual. Não que tenha o direito de saber. Uma simples questão de cortesia.

Se a censura era intencional e foi aceita, ninguém saberia dizer. Claremont fez um gesto em direção ao homem sentado à sua direita, uma esplêndida figura patriarcal, de ampla cabeleira, bigode e barba branca, que poderia assumir um lugar no Senado americano sem que ninguém sequer pestanejasse. Afora a barba, a semelhança geral com Mark Twain era assombrosa.

— Governador Fairchild, de Nevada, conforme deve saber — disse Claremont.

Pearce fez uma inclinação de cabeça e em seguida olhou com certo interesse a jovem sentada à esquerda de Claremont. Teria pouco mais de vinte anos, rosto pálido, estranhos olhos escuros, cabelos severamente penteados para trás, dos quais o pouco que se via sob o chapéu cinzento de abas largas era negro como a noite. Vestia um pesado casaco igualmente cinzento que a envolvia toda pois o proprietário do Imperial Hotel não considerava a sua margem do lucro suficiente para justificar um escoamento extravagante de suas reservas de lenha para fogareiro. Claremont apresentou: — Senhorita Mariah Fairchild, sobrinha do Governador.

— Ah! — Pearce desviou o olhar da moça para o Coronel. — O novo sargento da Intendência?

Claremont replicou, seco: — A senhorita Fairchild vai reunir-se a seu pai, o Comandante do Fort Humboldt. Oficiais superiores têm esse privilégio. — E com um gesto para a esquerda: — Auxiliar do Governador e oficial de ligação com o exército, Major Bernard O'Brien. Major O'Brien...

Interrompeu-se, olhando curioso para Pearce. Este, por sua vez, fixava O'Brien, homem robusto, bronzeado, rosto redondo e bem-humorado, que retribuiu o olhar com crescente interesse. Quando o reconhecimento ocorreu, quase de imediato, levantou-se de um salto. Com amplos sorrisos, os dois adiantaram-se um para o outro e trocaram apertos de mãos e um grande abraço, como irmãos que há muito não se encontrassem. Os velhos frequentadores do Imperial Hotel observaram a cena com espanto;

nenhum dos presentes se recordava de ter jamais visto o Xerife Nathan Pearce manifestar a mais ligeira emoção.

Grande alegria estampava-se no rosto de O'Brien.

— Sargento Pearce! Como foi que não percebi logo! Nathan Pearce! Não o teria reconhecido. Ora, em Chatanooga sua barba estava...

— Quase tão comprida como a sua, tenente.

— Major. — O'Brien falou com fingida severidade, acrescentando: — A promoção demora a vir, mas acaba vindo. Nathan Pearce, hem? O melhor batedor do exército, o melhor combatente contra os índios, o melhor gatilho...

Pearce replicou secamente: — Com exceção do senhor, Major. Lembra-se do dia...

Braços nos ombros um do outro e aparentemente esquecidos dos presentes, os dois dirigiram-se ao bar, monstruosidade arquitetônica tão espantosa que chegava a merecer uma relutante admiração por sua desleixada magnificência. Consistia de três enormes e provavelmente pesadíssimos dormentes de estrada de ferro, apoiados num par de cavaletes aparentemente incapazes de sustentar uma fração do peso pelo qual eram responsáveis. A simplicidade clássica do estilo fora originariamente encoberta pelo linóleo verde e pela colcha de veludo que tombava formando três voltas drapeadas. Mas o tempo exercera o seu inevitável desgaste tanto sobre o linóleo como sobre a toalha de veludo, e os segredos do designer estavam à mostra para quem quisesse ver. Apesar da fragilidade da construção, Pearce não hesitou em apoiar os cotovelos no bar e fazer um sinal ao homem que polia os copos. Os dois tiveram uma conversa em voz baixa.

Os outros cinco, que permaneceram na mesa junto à porta, ficaram em silêncio por algum tempo, até que Mariah Fairchild falou, intrigada: — Que queria o Xerife dizer com "À exceção do senhor"? Falavam sobre batedores, lutas com os índios, tiros, e o Major só sabe preencher formulários, entoar canções irlandesas, contar histórias horríveis e...

— E matar pessoas com mais eficiência do que qualquer pessoa que eu tenha jamais conhecido. Concorda, governador? —

Concordo — O Governador pousou a mão no braço da sobrinha. — O'Brien, minha querida, foi um dos mais condecorados oficiais do Exército da União, na Guerra de Secessão. Sua habilidade com rifle ou revólver é inacreditável. É meu assistente, mas de tipo muito especial. Naqueles estados montanheses, a política — afinal, sou político — tende a assumir um aspecto — como diremos? — bastante físico. Mas enquanto o Major O'Brien estiver nas proximidades, as perspectivas de violência não me preocupam.

— Há gente que gostaria de prejudicá-lo? Tem inimigo?

— Inimigos! — O Governador quase cuspiu a palavra. — Mostre-me um governador a oeste do Mississippi que afirme não ter inimigos e eu lhe mostrarei um mentiroso.

Mariah fitou-o meio incerta, depois fixou as costú amplas de O'Brien junto ao bar, com expressão incrédula. Fez menção de falar, mas mudou de ideia quando o Major e o Xerife, copos em punho, regressaram à mesa. Pareciam sérios e Pearce falava meio exasperado, enquanto O'Brien procurava acalmá-lo.

— Diabo, O'Brien, você sabe quem é esse sujeito Sepp Calhoun. Matou, roubou diligências e estrada de ferro, fomentou guerras entre proprietários de terras, vendeu armas e uísque aos índios...

— Todos nós sabemos o que ele é. — O'Brien procurava tranquilizá-lo. — Se alguém merece a forca, é Calhoun. E será enforcado.

— Só depois que um homem da lei o agarrar. Sou esse homem da lei, não você e sua gente. E ele está sob custódia em Fort Humboldt. Só quero trazê-lo de volta. Sigo no seu trem, volto no próximo.

— Ouviu o que disse o Coronel, Nathan. — Pouco à vontade, O'Brien voltou-se para Claremont. — Acha que podemos mandar esse criminoso de volta a Reese City sob escolta armada, Coronel? Claremont não hesitou.

— Isto pode ser providenciado. Fitando-o, Pearce disse friamente: — Julguei que havia dito que não se tratava de uma questão militar.

— E não é. Trata-se de um favor. Ou isto, ou nada, Xerife. — Tirando do bolso o relógio, consultou-o com olhar irritado. — Aqueles malditos cavalos não terão ainda bebido e comido o suficiente? Meu Deus, quem quiser fazer algo no exército hoje em dia precisa tomar as providências pessoalmente. — Empurrando a cadeira, levantou-se. — Com licença, Governador, mas precisamos partir dentro de meia hora. Voltarei num instante.

O Coronel Claremont saiu. Pearce observou: — Bem, não é ele quem paga a música, e sim o contribuinte americano. Assim mesmo é quem dá as ordens. Meia hora? — Tomando o braço de O'Brien fez menção de conduzi-lo ao bar. — Pouco tempo para quem não se vê há dez anos.

— Um momento, por favor, senhores — disse o Governador Fairchild. Abrindo uma pasta, dela retirou um pacote lacrado. — Esquecemos algo, não é, Major? Esses encontros de velhos amigos... — Tomando o pacote, entregou-o a Pearce. — O Xerife de Ogden pediu-nos que lhe entregássemos isto.

Pearce agradeceu com um movimento de cabeça e os dois amigos voltaram ao bar. A caminho, O'Brien olhou casualmente em redor. A olhos irlandeses nada escapa. Nos últimos cinco minutos nada se modificara, movimento algum se esboçara; os velhos junto ao bar e às mesas pareciam silhuetas imobilizadas para toda a eternidade.

Naquele instante, a porta que dava para fora abriu-se e cinco homens entraram, instalando-se numa mesa afastada. Um deles tirou do bolso um baralho. Ninguém falou.

— Gente animada, esta de Reese City — observou O'Brien.

— Todos os cidadãos animados — e nisto incluo alguns que precisaram de ajuda para montar a cavalo — partiram há meses por ocasião da descoberta do Grande Veio, em Comstock Lode. Restaram os velhos — e Deus sabe que são poucos, pois envelhecer não é costume nestas bandas — os vagabundos e os bêbados, os irrequietos e os fracassados. Não que eu me queixe. Reese City precisa tanto de um xerife pacifista quanto o cemitério local.

Suspirou, ergueu dois dedos para o barman e sacando de uma faca, abriu o pacote que O'Brien lhe entregara. Dele saiu um

monte de cartazes de "Procura-se" muito mal impressos, que o Xerife alisou sobre o linóleo rachado do bar.

— Não parece muito entusiasmado — observou O'Brien.

— E não estou. A maioria chega ao México seis meses antes que suas fotos comecem a circular. Em geral, a foto errada do homem errado. O prédio da estação de Reese City encontrava-se aproximadamente no mesmo estado de decrepitude que o bar do Imperial Hotel. Os verões calcinantes e os invernos da montanha, com temperaturas abaixo de zero, haviam afetado as paredes de madeira. Embora não tivesse ainda completado quatro anos, a construção parecia em iminente perigo de desabar. O letreiro em dourado anunciando Reese City achava-se tão carcomido e batido pelo tempo que se tornara praticamente indecifrável.

1

O Coronel Claremont afastou a cortina de lona que substituíra às vezes a porta há muito arrancada das enferrujadas dobradiças, e gritou para chamar atenção. Não houve resposta. Tivesse o Coronel melhor conhecimento da vida em Reese City e não se surpreenderia, pois à exceção do tempo dedicado a dormir, comer e observar a chegada e a partida dos trens — ocasiões raras, das quais era prevenido com grande antecedência pelos telegrafistas amigos ao longo da linha — o chefe da estação, único funcionário da Union Pacific Railway em Reese City, encontrava-se invariavelmente na sala dos fundos do Imperial Hotel, bebendo uísque como se este nada lhe custasse, o que aliás era um fato. Havia um trato cordial, mas tácito, entre o proprietário do hotel e o chefe da estação: embora todas as remessas de bebidas do Imperial chegassem de Ogden via estrada de ferro, o hotel não recebia conta do transporte há quase quatro anos.

Claremont, fisionomia irada, afastou a cortina e saiu, percorrendo com o olhar toda a extensão do trem militar. Por detrás da locomotiva elevada e do reboque carregado de lenha, viam-se sete carros de passageiros, com o vagão de freio no final. O quarto e o quinto vagões não eram na verdade de passageiros, o que se tornava evidente pelo fato de duas rampas bem escoradas se projetarem do centro de cada um até a margem da estrada. De pé junto à primeira encontrava-se um homem de esplêndidos bigodes, em mangas de camisa, verificando os itens de uma lista que segurava. Claremont¹⁸ aproximou-se a passos vivos. Considerava Bellew o melhor sargento da cavalaria dos Estados Unidos e Bellew, por sua vez, classificava Claremont como o melhor comandante sob cujas ordens servira. E ambos faziam consideráveis esforços para ocultar a opinião que tinham um do outro.

O Coronel fez um sinal de cabeça a Bellew e, galgando a primeira rampa, espreitou para o interior do vagão. Cerca de quatro

quintos do espaço estavam ocupados por baias para os cavalos e o restante, pela ração e a água. Todas as baias estavam vazias. O coronel tornou a descer.

— Onde estão os cavalos, Bellew? Nem falemos nos homens. Foram todos para o inferno, suponho.

Bellew, abotoando o dólmã, não se perturbou.

— Alimentaram-se e beberam água, Coronel. Os rapazes levaram-nos para dar uma volta. Após dois dias de viagem precisam de exercício.

— Eu também, mas ainda não tive tempo para isso. Muito bem, nossos amigos de quatro pernas são responsabilidade sua, mas faça-os subir no trem. Partiremos dentro de meia hora. Há alimento e água suficiente para os cavalos até chegarmos ao Forte?

— Sim, senhor.

— E para seus homens?

— Sim, senhor.

— Combustível para todos os fogareiros, inclusive os dos vagões de animais? Vai fazer um frio terrível naquelas montanhas.

— Muito frio, Coronel.

— Para o seu bem e para o bem de todos é melhor que haja. Onde está o Capitão Oakland? E o Tenente Newell?

— Estiveram aqui pouco antes que eu levasse os homens e os cavalos para as estrebarias. Eu os vi caminhando em direção à locomotiva, como se estivessem a caminho da cidade. Não os viu, Coronel?

— Como diabo os veria? Estaria perguntando a você se os tivesse visto? — A irritação de Claremont aumentava rapidamente de nível. — Mande uma patrulha procurá-los, com ordens para se apresentarem a mim no Imperial. Meu Deus! Imperial! Bellew soltou um perceptível, mas discretamente, inaudível suspiro de sofrimento quando Claremont se afastou caminhando em direção à locomotiva. Galgando os degraus de ferro, o Coronel penetrou na cabine. Chris Banlon, o engenheiro, era baixo e magro, quase esquelético; tinha o rosto moreno incrivelmente enrugado, constituindo estranho engaste para olhos de um azul vivo. Naquele instante fazia alguns ajustes munido de uma pesada tenaz.

Percebendo a presença de Claremont fez um último ajuste à cavilha que estava torcendo, devolveu a ferramenta à sua caixa e sorriu para o Coronel, — Boa tarde, Coronel. Isto é uma honra.

— Algum problema?

— Tomando providências para que não haja nenhum.

— Vapor?

Banlon abriu a porta da fornalha e o sopro de calor emitido pela madeira incandescente fez com que Claremont recuasse involuntariamente alguns passos. O engenheiro fechou a portinhola.

— Pronto para a partida, Coronel.

Claremont olhou para a retaguarda, onde se encontrava o tender abarrotado de lenha bem empilhada.

— Combustível?

— Suficiente para chegarmos até o primeiro depósito. Mais que suficiente. — Banlon lançou um olhar orgulhoso para o tender.

— Henry e eu enchemos até o último cantinho. Henry sabe trabalhar.

— Henry? O mordomo? — O franzir de sobrancelhas estava na voz, não no rosto.

— E seu companheiro... Jackson, não é? O foguista?

— Eu sempre falo demais — disse Banlon, lamentoso. — Jamais aprenderei. Henry me pediu para ajudar. Jackson ajudou também... depois.

— Depois do quê?

— De voltar da cidade com a cerveja. — Os olhos extraordinariamente azuis fixaram Claremont, ansiosos. — Espero que o Coronel não se importe.

Claremont replicou secamente: — São empregados da estrada de ferro, não soldados. Não me importa o que façam, contanto que se mantenham sóbrios e nos levem em segurança pelas pontes daquelas malditas montanhas. — Voltou-se para descer, mas tornou a recuar: — Viu o Capitão Oakland, ou o Tenente Newell?

— Vi os dois. Pararam aqui para conversar comigo e com Henry, depois seguiram para a cidade.

— Disseram aonde iam?

— Não. Lamento, Coronel.

— Obrigado.

Desceu, olhou trem abaixo na direção do lugar onde Bellew selava seu cavalo e gritou: — Diga ao destacamento que eles estão na cidade. Bellew respondeu com uma breve continência. O'Brien e Pearce voltaram as costas ao bar, no hotel, enquanto o Xerife tornava a guardar no envelope os cartazes de "Procura-se", mas detiveram-se bruscamente e giraram nos calcanhares quando um grito de raiva partiu de um canto afastado da sala.

À mesa onde se jogava cartas, um homem vigoroso, de magnífica barba ruiva, vestindo calças de pele de toupeira e jaqueta que parecia ter herdado do avô, levantou-se, inclinado para a frente. A mão direita empunhava o que parecia um pequeno canhão, descrição aproximada de um Peacemaker Colt, enquanto a esquerda imobilizava sobre a mesa o pulso do homem sentado diante dele. A fisionomia do jogador era indistinta, oculta por uma gola de pele de carneiro e chapelão negro inclinado sobre a testa. O homem de barba ruiva falou: — Passou da conta, amigo.

Aproximando-se da mesa, Pearce indagou, tranquilo: — Que foi que passou da conta, Garrity? Garrity movimentou o Peacemaker até que o cano se encontrou a menos de quinze centímetros do rosto do homem sentado.

— Há dedos escorregadios por aqui, Xerife. O miserável trapaceiro me roubou cento e vinte dólares em quinze minutos.

Pearce lançou um rápido olhar por sobre o ombro, mais por instinto do que por curiosidade, quando a porta do bar se abriu e o Coronel Claremont entrou. Detendo-se por um instante, o militar localizou em segundos o centro de atividade e, sem hesitar, para lá se encaminhou. Representar papel secundário ou de espectador não estava na natureza de Claremont. Pearce voltou a atenção para Garrity.

— Talvez ele seja apenas um bom jogador.

— Bom? — Garrity parecia sorrir, mas por detrás de toda aquela vegetação ruiva sua expressão não dava margem senão a conjecturas. — Ele é ótimo. Demais até. Eu sei. Não esqueça, Xerife, que jogo cartas há cinquenta anos.

Pearce anuiu.

— Você me deixou mais pobre depois de um jogo de pôquer.

Garrity torceu o pulso esquerdo do jogador, que, sentado, tentou em vão resistir. O outro levava vantagem mais do que necessária. Com a mão imprensada contra a mesa, foi obrigado a expor as cartas que segurava, todas elas figuras, sendo a primeira um ás de copas.

— Parece-me uma boa jogada — falou Pearce.

— Boa não é a palavra que eu usaria — replicou Garrity com um movimento de cabeça em direção ao baralho sobre a mesa. — Verifique, Xerife... Pearce tomou o que restava do baralho e examinou-o. Súbito, deteve-se, erguendo a mão direita: encontrara outro ás de copas. Colocando-o na mesa tomou o ás que se achava na mão do jogador e o colocou, voltado para baixo, junto ao outro. O verso das cartas era idêntico.

— Dois baralhos iguais — falou Pearce. — Quem forneceu este?

— É fácil adivinhar.

As inflexões de voz de Garrity já eram bastante sombrias. Os subtons, muito piores.

— Um velho truque — disse o jogador sentado. Falava em voz baixa, mas, considerando-se a situação altamente comprometedoras em que se encontrava, bastante firme.

— Alguém colocou a carta no baralho. Alguém eme sabia que eu estava com o ás.

— Como se chama? — Deakin. John Deakin.

— Levante-se, Deakin.

O homem levantou-se. Pearce rodeou lentamente a mesa, postando-se de frente para o jogador. Fitaram-se nos olhos. O Xerife perguntou: — Arma? — Desarmado.

— Você me surpreende. Julguei que uma arma fosse essencial a um homem como você. Para defesa pessoal, pelo menos.

— Não sou um homem violento.

— Tenho a impressão de que vai entrar em contato com a violência, goste ou não.

Com a mão direita, Pearce ergueu o lado esquerdo do casaco de pele de carneiro de Deakin, e com a outra, mergulhou nas profundezas do bolso interior. Após alguns segundos de exploração, recuou, ostentando uma interessante variedade de ases e figuras.

— Ora, ora — murmurou O'Brien. — Isto é o que se chama jogo escondido.

Pearce empurrou o dinheiro amontoadado diante de Deakin na direção de Garrity, que não fez o menor gesto para recolhê-lo, dizendo, áspero: — O dinheiro não basta.

— Sei que não. — Pearce falava com paciência. — Você deveria ter percebido pelo que eu disse. Conhece a minha posição, Garrity. Trapacear no jogo não é crime federal, de modo que não interfiro. Mas se um ato de violência ocorrer diante de meus olhos, eu, como autoridade local, sou obrigado a interferir. Dê-me sua arma.

— Com todo o prazer.

A nota de ominosa satisfação na voz de Garrity soou bem clara para todos. Entregando a enorme pistola a Pearce, fixou Deakin e movimentou o polegar em direção à porta da frente. Deakin permaneceu imóvel. Rodeando a mesa, o outro repetiu o gesto. O trapaceiro esboçou um meneio de cabeça quase imperceptível, mas inequivocamente negativo. Garrity esbofeteou-o com as costas da mão. Não houve reação.

— Fora! — berrou Garrity.

— Já disse que não sou homem violento.

Garrity agrediu-o com fúria e sem aviso. Deakin recuou oscilando, bateu contra uma cadeira e caiu pesadamente no chão. Sem chapéu, permaneceu consciente onde havia caído, apoiado num cotovelo, sem fazer qualquer tentativa para reagir. O sangue começou a escorrer-lhe do canto da boca. NO que deve ter constituído um esforço sem precedente, toda a clientela habitual do bar levantou-se, adiantando-se para ver melhor o que se passava. As fisionomias deixavam transparecer uma lenta incredulidade, que foi aos poucos cedendo lugar a algo parecido com profundo desprezo. O fio vermelho da violência era elemento integrante e inalienável da trama da vida na fronteira: a violência sem revide, a

mansa aceitação do insulto ou da injúria sem qualquer tentativa de retaliação física, constituía a extrema degradação, a destruição da própria masculinidade.

Garrity fixou com frustrada incredulidade a figura imóvel de Deakin e a ira crescente começou a retirar-lhe os últimos vestígios de autocontrole. Pearce, que se adiantara para impedir o próximo golpe de Garrity, claramente destinado a iniciar uma furiosa briga, parecia intrigado. Logo em seguida, o espanto foi substituído por súbita compreensão. Num gesto quase mecânico, quando Garrity recuou o pé direito com intenções nitidamente homicidas, Pearce adiantou-se e mergulhou sem gentileza o cotovelo no diafragma do grandalhão. Garrity, quase vomitando, arquejou de dor e dobrou o corpo, segurando com ambas as mãos o estômago, temporariamente incapaz de respirar.

— Eu preveni, Garrity — falou Pearce. — Nada de violências diante de um Xerife dos Estados Unidos. Se continuar, será meu hóspede esta noite. Não que isto tenha importância agora. Temo que o caso já não esteja em suas mãos.

Garrity tentou endireitar o corpo, gesto que não lhe proporcionou nenhum prazer. Sua voz, quando conseguiu falar, lembrava uma rã com laringite.

— Que diabo quer dizer com isso? Não está em minhas mãos?
— É um caso federal.

Pearce retirou do envelope os cartazes de "Procura-se", folheou-os rapidamente, separou um deles, devolveu os restantes ao invólucro e, lançando um rápido olhar ao papel e, em seguida, a Deakin, voltou-se e chamou o Coronel Claremont. Este, sem pestanejar sequer, reuniu-se a Pearce e O'Brien. Sem uma palavra, o Xerife mostrou-lhe o papel que segurava. A foto de um dos criminosos procurados, pouco melhor que um daguerreótipo, era em sépia acinzentado, manchado, e de contornos pouco nítidos, mas sem dúvida, o retrato do homem que dizia chamar-se John Deakin.

— Bem, Coronel, creio que isto me dá direito a uma passagem de trem — falou Pearce.

Claremont fixou-o sem uma palavra. Sua expressão também pouco dizia. Era a de um homem que aguardava polidamente.

Pearce leu em voz alta: — "Procura-se — por jogo, dívidas, roubo, incêndio culposo e homicídio".

— Um fino senso de prioridades — murmurou O'Brien.

— "John Houston, aliás John Murray, aliás John Deakin, aliás", bem, não importa, é uma série de nomes. "Ex-professor de medicina da Universidade de Nevada".

— Universidade? — O tom de voz de Claremont refletia o leve espanto do rosto. — Naquelas montanhas esquecidas de Deus?

— Não se pode deter o progresso, Coronel. Fundada em Elko este ano. — E continuou a ler: "Despedido por dívidas de jogo e jogatina ilegal. Desvio de fundos da Universidade, subsequentemente descobertos e atribuídos ao homem procurado. Foi seguido até Lake's Crossing e acuado numa mercearia. Para perpetrar a fuga, ateou fogo à loja usando querosene. O incêndio propagou-se e a parte central de Lake's Crossing foi destruída, causando a morte de sete pessoas." A leitura de Pearce provocou uma esplêndida série de expressões entre os expectadores e ouvintes, expressões que iam da incredulidade ao horror, da ira à repulsa.

Somente Pearce, O'Brien e, o que era estranho, o próprio Deakin, não registraram qualquer emoção.

O Xerife prosseguiu: — "Sua pista foi seguida até a oficina de consertos da estrada de ferro, em Sharps. Mandou pelos ares um vagão de explosivos, destruindo três abrigos e todo o equipamento útil. Seu paradeiro atual é desconhecido".

A voz de Garrity continuava enrouquecida:— É este o homem que incendiou Lake's Crossing e explodiu Sharps? — Se acreditarmos neste aviso, e eu acredito, é este o homem. Todos nós conhecemos o longo braço da coincidência, mas este foi um tanto longe demais. Coloca os seus míseros cento e vinte dólares em correta perspectiva, não é, Garrity? Aliás, se eu fosse você, guardaria o dinheiro agora mesmo. Ninguém verá Deakin por muito, muito tempo. — Dobrou o papel e fixou Claremont. — E então? — Nem será preciso júri. Mas o caso continua a não ter nada a ver com o Exército.

Desdobrando novamente o papel, o Xerife passou-o a Claremont.

— Não li tudo. O texto é muito grande. — Indicou um parágrafo. — Saltei isto, por exemplo.

Claremont leu em voz alta: — "O vagão de explosivos, no episódio de Sharps, estava a caminho do depósito da Intendência do Exército dos Estados Unidos em Sacramento, Califórnia."

Dobrando o papel, devolveu-o.

— Isto é questão do Exército.

2

O Coronel Claremont, cujo temperamento explosivo situava-se em geral bem próximo à superfície, fazia um esforço hercúleo para mantê-lo sob controle. E era bem claro que estava perdendo a batalha. Indivíduo metuculoso e excepcionalmente severo, que se aferrava aos detalhes da rotina e sentia forte aversão às interrupções do fluxo harmonioso de seus dias e mais ainda às alterações, pessoa totalmente incapaz de suportar tolices ou incompetência, Claremont ainda não descobrira, e com certeza jamais descobriria, uma válvula de escape para a sua única falha como homem e como oficial. Não servia para ele o desabafo gradual, ou a sublimação da ira rápida e da crescente frustração que fervilhava pouco abaixo do ponto de explosão e que tinha péssimas consequências para a sua pressão arterial. Em termos geológicos, nem expelia gases vulcânicos, nem manifestava excesso de energia em forma de jorros ou gêiseres. Como a Krakatoa, simplesmente explodia, e os resultados, pelo menos para os que se encontravam nas proximidades imediatas, eram quase sempre igualmente devastadores .

O Coronel tinha um público de oito pessoas. O Governador um tanto apreensivo, Mariah, o capelão e o médico encontravam-se à porta do Imperial. Pouco adiante, na calçada de madeira, estavam O'Brien, Pearce e Deakin que também observavam o Coronel em plena explosão, embora estivesse bem claro que Pearce observava mais atentamente Deakin que o Coronel. O oitavo presente era o infeliz sargento Bellew. Em rígida posição de sentido, ou tão rígido quanto lhe era possível, sobre um cavalo irrequieto, olharfixo num ponto a anos-luz da distância para além do ombro esquerdo do Coronel. A tarde esfriara, mas Bellew transpirava abundantemente.

— Em toda parte? — A incredulidade de Claremont era total e ele não fazia esforços para ocultá-la. — Procurou em toda parte? —

Sim, senhor.

— Oficiais da Cavalaria dos Estados Unidos não podem ser visitantes comuns nestas paragens. Alguém deve tê-los visto.

— Ninguém com quem falamos, Coronel. E falamos com todas as pessoas que encontramos.

— Impossível, sargento, impossível!

— Sim, senhor. Isto é, não, senhor. Abandonando a contemplação do infinito, Bellew fixou o rosto do Coronel e disse com calmo desespero: — Não conseguimos encontrá-los, Coronel.

A coloração da fisionomia do militar atingiu uma tonalidade perigosa. Não era preciso nenhuma proeza de imaginação para visualizar a lava da fúria a ponto de explodir.

Adiantando-se rapidamente alguns passos, Pearce falou: — Talvez eu consiga, Coronel. Posso escolher vinte, trinta homens que conhecem todos os cantos e recantos da cidade — e Deus sabe que não são muitos. Em vinte minutos nós os encontraremos. Se é que se acham aqui.

— Que diabo quer dizer o "se"?

— Exatamente o que disse. — Era óbvio que Pearce não se achava em disposição conciliatória. — Estou oferecendo ajuda e não sou obrigado a isso. Não espero um agradecimento, nem sequer uma aceitação. Mas um pouco de cortesia seria útil. Sim ou não? Claremont hesitou, a pressão arterial baixando de leve. Fora sacudido pelo tom seco de Pearce e precisaria lembrar a si mesmo, penosamente, que lidava com um civil, um membro daquela infeliz maioria sobre a qual ele não possuía nem controle, nem autoridade. Claremont reduzira a ummínimo o seu contato com os civis e o resultado é que quase esquecera como se falava com eles. Mas a causa dessa indecisão temporária era a humilhante perspectiva de que aqueles sujos e indisciplinados vagabundos de Reese City poderiam ter êxito onde os seus queridos soldados haviam fracassado. Responder custou-lhe esforço considerável.

— Muito bem, Xerife. Faça isso, por favor. E obrigado. Partiremos dentro de vinte minutos. Vamos aguardar na estação.

— Lá estarei. Um favor em troca, Coronel. Quer destacar dois ou três dos seus homens para escoltar o prisioneiro até o trem? —

Uma escolta? — Claremont foi francamente zombeteiro. — Ele não me parece um homem violento, Xerife.

Tranquilo, Pearce replicou: — Depende do que considere violência, Coronel. Quando a violência inclui ele próprio... bem, vimos que não gosta de brigas de botequim. Mas, de acordo com sua ficha pregressa, é bem capaz de atear fogo ao Imperial, ou lançar pelos ares o seu precioso" trem no momento em que eu volte as costas.

Deixando Claremont com esta ideia animadora, Pearce correu ao interior do Imperial. Voltando-se para Bellew, o Coronel ordenou: — Chame seus homens. Leve o prisioneiro ao trem. Mande atar-lhe as mãos às costas e coloque-o em grilhões de dezoito polegadas. O nosso amigo parece ter o hábito de desaparecer no ar.

— Quem pensa que é? Deus Todo-poderoso — Havia um leve traço de justa ira e trêmulo desafio na voz de Deakin. — Não pode fazer isso comigo. Não é homem da lei.

É apenas um soldado.

— Apenas um soldado. Ora, seu... — Claremont conteve-se, dizendo com certa satisfação: — Grilhões de doze polegadas, sargento Bellew.

— Será um prazer. Coronel. Era óbvio que o maior prazer do sargento residia em ver sua própria ira e a do Coronel voltadas contra um mesmo antagonista, por mais que parecesse, de preferência a vê-la canalizada para a sua pessoa. Tirando um apito da túnica, inspirou fundo e emitiu três agudos assobios em rápida sequência. Claremont fez uma careta e, fazendo um gesto para que os outros o seguissem, encaminhou-se para a estação. Cerca de trezentos metros adiante, o Coronel, ladeado por O'Brisn, deteve-se e olhou para trás. Das portas do Imperial emergia o que devia ser um êxodo sem precedentes nos anais à Reese City. O grupo desordenado dificilmente seria classificado como paralíticos, coxos e cegos, mas estavam bem próximos disso.

Devido ao fato da diluição do uísque com água trazer imediato e permanente ostracismo a qualquer membro da fiel clientela do Imperial, pelo menos metade dos que surgiram tinham

o andar ondulante e incerto do marinheiro que passou demasiado tempo no mar. Dois deles claudicavam seriamente, e um deles, tão embriagado como os demais, movimentava-se com vivacidade ajudado por um par de muletas. Este pelo menos dispunha de um apoio que faltava aos outros. Pearce reuniu-se a eles e distribuiu uma série de rápidas instruções. O'Brien observou o bando grisalho dispersar-se em várias direções e meneou lentamente a cabeça.

— Se houvesse uma caça ao tesouro, isto é, uma garrafa de uísque enterrada, eu apostaria neles sem medo de perder. Mas, no caso...

— Eu sei, eu sei.

Claremont voltou-se desanimado e tornou a seguir rumo à estação. Fumaça e vapor saíam em profusão da locomotiva e era claro que Banlon mantinha a máquina a vapor.

Espiando para fora, o engenheiro perguntou: — Algum sinal deles, Coronel?

— Temo que não, Banlon. O engenheiro hesitou:— Ainda quer que eu mantenha a locomotiva a pleno vapor, Coronel?

— Por que não?

— Partirá com ou sem o Capitão e o Tenente?

— Isso mesmo. Quinze minutos, Banlon. Quinze minutos apenas.

— Mas o Capitão Oakland e o Tenente Newell...

— Terão que pegar o próximo trem, não é? — Sim, senhor, mas isso talvez leve dias...

— No momento não estou disposto a me preocupar com o bem-estar do Capitão e do Tenente. — Voltando-se para os demais, fez um gesto indicando os degraus que conduziam ao primeiro vagão. — Está frio e vai esfriar ainda mais. Governador, com a sua permissão, gostaria que o Major O'Brien permanecesse comigo um pouco.

Só até que aquele sujeito Deakin seja trazido para cá. Não quero subestimar os meus homens, que são ótimos, mas não sei se poderão enfrentar um sujeito escorregadio como Deakin. Creio que o Major se sairá dessa tarefa admiravelmente e sem maiores esforços. Só até que Pearce volte.

O'Brien sorriu e nada falou. O Governador Fairchild fez um gesto de aquiescência e subiu rapidamente a escada. Nos últimos quinze minutos, a temperatura baixara sensivelmente.

Claremont esboçou um leve sinal de cabeça para O'Brien, e pôs-se a caminhar lentamente ao longo do trem, batendo contra as botas de couro o seu muito britânico rebenque, única concessão à individualidade ou excentricidade, dependendo do ponto de vista. O Coronel nada entendia de locomotivas, mas nascera com um olhar observador e raramente dispensava uma oportunidade de utilizá-lo. Além disso, era comandante do trem e acreditava que devia manter em vigilância estreita e ciumenta qualquer propriedade sua, por mais temporária que fosse.

O primeiro vagão abrigava o salão dos oficiais — onde o Governador se refugiara — e as cabines de Fairchild e de sua sobrinha. Aos fundos, a sala de jantar dos oficiais. No segundo vagão ficava a cozinha, os alojamentos de Henry e Carlos — mordomo e cozinheiro respectivamente -, e as cabines dos oficiais. O terceiro era o vagão dos mantimentos, e o quarto e o quinto, os dos cavalos. Uma parte do sexto vagão era ocupada pela cozinha da tropa, e o restante, além do sétimo vagão, acomodava os soldados. Nada tendo encontrado na sua visita de inspeção, Claremont chegou ao vagão do freio quando, ouvindo tropel de cavalos, voltou-se para a parte dianteira do trem. Bellew reunira suas ovelhas perdidas: tanto quanto se poderia afirmar daquela distância, todo o destacamento de cavalaria ali se encontrava.

O sargento postara-se na dianteira, segurando frouxamente com a mão esquerda uma corda, cuja extremidade rodeava o pescoço de Deakin. O grilhão de doze polegadas obrigava o prisioneiro a um andar ridículo, rápido e rígido, fazendo com que parecesse uma marionete mais do que um ser humano. Era uma posição vergonhosa e humilhante para qualquer adulto, mas Claremont não se deixou abalar. Deteve-se o suficiente para ver O'Brien interceptar Bellew, depois galgou os degraus do vagão do freio, abriu a porta e entrou.

Comparada ao frio exterior, a atmosfera no interior do Vagão era quase sufocante. A razão disso não foi difícil de ser percebida:

um fogareiro a lenha, a um canto, fora abastecido com tanta habilidade e dedicação, que seu tempo de ferro circular e removível ganhara uma tonalidade avermelhada. Junto dele, via-se uma arca bem abastecida de lenha. Mais adiante havia um armário de provisões. A julgar pela arca, o armário devia estar igualmente cheio. Para além, via-se a grande roda do freio.

Do lado oposto ao fogareiro havia uma poltrona acolchoada e, finalmente, um colchão coberto por uma pilha de cobertores do Exército, além de um par de peles de urso. Quase mergulhado nas profundezas da poltrona, lendo um livro com a ajuda de óculos de aros de aço, encontrava-se um homem que, de acordo com o velho clichê, poderia ser descrito como um encanecido veterano. Uma barba branca de quatro dias cobria-lhe o rosto. Os cabelos, se é que os tinha, estavam ocultos pelo que parecia um boné de barqueiro holandês puxado sobre as orelhas, sem dúvida para protegê-las do frio. Estava envolto em considerável e indefinida quantidade de roupas, dominadas por um anoraque tipo esquimó, feito de peles igualmente indefiníveis. Para derrotar as más intenções de qualquer corrente de ar, uma manta Navajo cobria-o da cintura aos tornozelos.

Quando Claremont entrou, o guarda-freios agitou-se, tirou cortesmente os óculos e olhou o militar com olhos azuis, pálidos e aquosos. Pestanejando de surpresa, falou: — É uma honra, Coronel Claremont.

3

Embora mais de sessenta anos houvessem transcorrido desde que o guarda-freios fizera a sua única travessia do Atlântico, a pronúncia irlandesa era ainda tão acentuada que levava a crer ter ele deixado na véspera o seu torrão natal: Connemara. Fez esforços para levantar-se, tarefa tornada difícil pela posição em que se instalara — mas Claremont deteve-o com um gesto. O guarda-freios obedeceu de boa vontade, lançando um olhar significativo para a porta aberta.

Claremont apressou-se em fechá-la, indagando: — Devlin, não é? — Seamus Devlin, às suas ordens, Coronel.

— Leva uma vida meio solitária aqui.

— Depende do que se considera solitária. Sim, é claro que vivo sozinho, mas nunca solitário. — Fechando o livro que estava lendo, segurou-o com ambas as mãos. — Quem quiser um trabalho solitário, Coronel, poderá encontrá-lo no carro da locomotiva. Claro que existe o foguista, mas não se pode conversar com ele por causa do barulho. E quando cai chuva, neve ou granizo é preciso ficar vigiando para saber aonde é que se vai, de modo que a pessoa ou morre decalor, ou congela. Sei disso bem, porque passei quarenta e cinco anos na locomotiva. Mas há alguns anos o trabalho se tornou pesado para mim. — Olhou ao redor, orgulhoso.

— Acho que ganhei o melhor emprego da Union Pacific. Meu próprio fogareiro, minha comida, minha cama, minha poltrona...

— Eu estava para interrogá-lo a respeito — disse Claremont, curioso. — Isto não deve estar nos padrões da Union Pacific.

— Eu o recolhi por aí — replicou Devlin, vagamente.

— Faltam muitos anos para se aposentar?

Devlin sorriu, com ar conspirador.

— O Coronel é muito... como direi?... diplomata. Sim, é isso, diplomata. Sim, tem razão, sou um tanto velho para este trabalho, mas perdi o meu registro de nascimento há anos & isso complicou

as coisas para a Union Pacific. Esta é a minha última viagem, Coronel. Quando voltar para o leste pretendo me instalar na casa de uma neta e ficar junto à lareira.

— Que os céus despejem lenha sobre você — murmurou Claremont.

— Hein? Isto é, perdão, Coronel.

— Nada. Diga-me, Devlin, como passa o tempo aqui?

— Cozinho, como, durmo e...

— Sim, mas como dorme? Se estiver adormecido e surgiu uma curva fechada, ou uma subida íngreme, o que...

— Não há problema, Coronel. Chris Banlon, o engenheiro e eu possuímos o que se chama hoje em dia meio de comunicação. É apenas um arame no interior de um tubo, mas funciona. Chris dá meia dúzia de puxadelas, a sineta soa aqui e eu dou uma puxadela para mostrar que ainda estou no mundo dos vivos. Depois ele dá um, dois, três ou quatro sinais, dependendo da pressão que quer que eu aplique no freio. Nunca falhou, Coronel.

— Mas você não pode passar o tempo todo comendo e dormindo...

— Eu leio. Leio muito. Horas seguidas.

Claremont olhou em redor.

— Escondeu muito bem a sua biblioteca.

— Não tenho uma biblioteca, Coronel. Apenas um livro. É o único que leio. — Movendo o livro que segurava, mostrou-o a Claremont: era uma antiga e desgastada Bíblia de família.

— Compreendo.

O Coronel Claremont, que jamais frequentava a igreja e cujos contatos mais próximos com a religião ocorriam em esporádicas cerimônias de sepultamento, sentiu-se meio embaraçado.

— Bem, Devlin, que tenhamos uma boa viagem até Fort Humboldt. E que você regresse em segurança pela última vez para o leste.

— Obrigado, Coronel. Muito obrigado.

Devlin recolocara os óculos de aço e abriu a Bíblia antes mesmo que o Coronel fechasse a porta do vagão.

Claremont dirigiu-se a passos vivos para a parte dianteira do trem. Bellew e meia dúzia de soldados desarmavam as rampas dos vagões dos cavalos.

— Animais e homens, todos presentes? — perguntou Claremont.

— Sim, senhor.

— Cinco minutos?

— Certamente, Coronel.

Com um movimento de cabeça, Claremont prosseguiu caminho. Pearce surgiu no ângulo da estação e aproximou-se rápido.

— Sei que jamais o fará, Coronel, mas deve a Bellew e seus homens um pedido de desculpas.

— Nem sinal deles? Nenhum absolutamente?

— Estejam onde estiverem, em Reese City é que não se encontram. Aposto minha vida.

A primeira reação de Claremont, por estranho que pareça, foi quase de alívio porque Pearce e seu bando de vagabundos não haviam tido êxito onde seus homens falharam. Mas o impacto da aparente deserção, ou atraso imperdoável, fez-se então sentir com força renovada. Sem descerrar os dentes falou: — Comparecerão diante da corte marcial e serão expulsos das fileiras por indisciplina.

Pearce fitou-o interrogativamente.

— Não cheguei a conhecê-los, é claro. Eram indisciplinados?

— Não, diabo, não eram. — Claremont bateu ferozmente com o rebenque na bota de montar e mal conteve uma careta de dor. — Oakland e Newell eram dois dos melhores oficiais que já serviram sob minhas ordens. Mas nada de exceções, nada de exceções, ótimos oficiais, ainda assim. Vamos, Xerife. Hora de partir.

Pearce subiu ao trem. Claremont voltou-se para verificar se as portas dos vagões dos cavalos estavam fechadas, e em seguida ergueu a mão. Banlon acenou em resposta de sua cabina, entrou e acionou o controle do vapor. As rodas giraram uma, duas, três vezes, e depois começaram a acelerar. Ao anoitecer, o trem deixara tão para trás Reese City e o platô onde a cidade se erguia que ambos haviam desaparecido completamente de vista. A planície

elevada cedera lugar aos sopés do terreno verdadeiramente montanhoso e o trem galgava suavemente uma extensão ampla, coberta de pinheiros, onde as ondulações dos trilhos acompanhavam de perto as do rio de fundo rochoso, junto ao qual a estrada corria. O céu estava sombrio, sem traços das cores do poente, escondido por detrás de nuvens baixas. Não havia estrelas ou lua naquela noite. O céu plúmbeo só continha uma promessa: neve.

Os ocupantes do salão dos oficiais não manifestavam a mínima preocupação, o que era compreensível, com a gelada escuridão do tempo que se tornava obviamente ameaçador para além das janelas. Aninhados no calor e no conforto, parecia-lhes não só inútil como erróneo preocuparem-se com os rigores da temperatura lá fora. O luxo é um anestésico eficaz e, para um trem destinado ao transporte de tropas, o compartimento dos oficiais era, sem dúvida alguma, luxuoso. Havia dois grandes sofás com apoio para os braços de cada lado do vagão, e várias poltronas esparsas, esplendidamente estofadas de veludo verde. As cortinas bordadas, presas por cordões de seda terminados em borlas, eram feitas do mesmo tecido. O tapete espesso era cor de ferrugem. Viam-se diversas mesas de mogno polido nas proximidades dos sofás e das poltronas. No canto da direita, na parte anterior do salão, havia um armário de bebidas que não se encontrava ali apenas como vitrina. Todo o compartimento era banhado pela claridade âmbar de lâmpadas de cobre reluzente.

Havia oito pessoas no compartimento, sete das quais empunhavam copos. Nathan Pearce, sentado junto a Mariah no sofá ao fundo, segurava um copo de uísque, enquanto a moça bebia vinho do Porto. No sofá em frente, o Governador e o Coronel Claremont e em duas poltronas o Dr. Molyneux e o Major O'Brien, todos bebendo uísque. O Reverendo Peabody empunhava um copo de água mineral com expressão de justa superioridade. A única pessoa que não bebia coisa alguma era John Deakin. Afora o absurdo da ideia de se demonstrar hospitalidade para com um criminoso tão notório, seria para ele fisicamente impossível levar um copo aos lábios, pois tinha ambas as mãos atadas às costas.

Também os tornozelos estavam amarrados. Sentado no chão, incomodamente curvado para a frente, encontrava-se junto ao corredor que conduzia às cabinas.

À exceção de Mariah, que lhe lançava ocasionalmente um olhar perturbado, nenhum dos presentes parecia achar que a figura de Deakin constituía uma nota dissonante no ambiente. Na fronteira, a vida tinha pouco valor e o sofrimento era tão comum que pouca atenção merecia e ainda menos simpatia.

Nathan Pearce ergueu o copo.

— À sua saúde, cavalheiros. Não sabia que o Exército viajava em tal estilo, Coronel. Não admira que nossos impostos. ..

Claremont replicou, severo: — O Exército, Xerife, não viaja em tal estilo. Este é o vagão particular do Governador. Para além há duas cabinas em geral reservadas ao Governador e sua senhora — neste caso a sobrinha — e mais adiante ainda, o salão de jantar particular. O Governador teve a gentileza de permitir que viajássemos e fizéssemos com ele as refeições.

Pearce tornou a erguer o copo.— Bem, eu o saúdo, Governador. — Calou-se, fixando intrigado Fairchild. — Que houve, Governador? Parece-me um tanto preocupado.

De fato, Fairchild parecia preocupado. Estava mais pálido que de costume, fisionomia tensa, lábios contraídos. Forçando um sorriso, esvaziou o copo e tornou a enchê-lo, tentando falar em tom despreocupado: — Questões de estado, meu caro Xerife. A vida na legislatura não se resume a recepções e bailes, bem sabe.

— Decerto que não, Governador. — O tom pacífico de Pearce adquiriu uma nota de curiosidade. — Por que está fazendo esta viagem, Governador? Afinal, como civil...

O'Brien interrompeu-o.

— O Governador tem plenos poderes militares em seu Estado, Nathan. Sabe disso, certamente.

Fairchild falou, solene: — Há certas questões que exigem a minha presença e atenção em Fort Humboldt. — Lançou um olhar para Claremont, que fez um imperceptível movimento de cabeça.

— Nada mais posso dizer no momento.

Pearce anuiu como se estivesse satisfeito e não insistiu no assunto. Um silêncio de constrangimento caiu sobre o compartimento, interrompido duas vezes pelo aparecimento de Henry, o mordomo alto e extremamente magro, que na primeira vez renovou as bebidas, e na segunda reabasteceu de lenha o fogareiro. Deakin, cabeça tombada sobre o peito e olhos fechados, parecia ter-se isolado do mundo que o rodeava, ou adormecido, o que seria uma proeza para alguém atado em posição tão incômoda e obrigado a equilibrar-se, ainda que de modo inconsciente, contra os movimentos cada vez mais irregulares do vagão. O trem, tendo alcançado terreno relativamente plano, adquirira velocidade e começava a jogar de um lado para outro. Mesmo naquelas poltronas macias, o movimento estava se tornando desconfortável.

Inquieta, Mariah perguntou ao Governador:— Precisamos seguir a esta velocidade, tio Charles? Por que tanta pressa? Claremont respondeu pelo Governador: — Porque o engenheiro, senhorita Fairchild, recebeu ordens para seguir o mais rápido possível. E, como se trata de um destacamento de socorro do Exército, já estamos atrasados. A Cavalaria dos Estados Unidos não gosta de atrasos e já estamos dois dias aquém do planejado.

Calou-se e ergueu a vista quando Henry entrou pela terceira vez, a própria imagem do dispéptico, para quem a existência era um fardo intolerável.

— Governador. Coronel. O jantar está servido.

4

A sala de jantar era pequena, com espaço apenas para duas mesas de quatro lugares, mas fora instalada no mesmo padrão de luxo do salão. O Governador, a sobrinha, Claremont e O'Brien instalaram-se numa das mesas, e Pearce, o Dr. Molyneux e o Rev. Peabody, na outra. Viam-se garrafas de vinho branco e tinto e, por um passe de mágica conhecido apenas por Henry, o primeiro estava gelado. O mordomo movimentava-se pela sala com tranquilidade, embora lúgubre, eficiência.

Peabody ergueu a mão austera ante o oferecimento de vinho, emborcou o copo num gesto significativo e passou a fixar Pearce com expressão mista de espanto e horrorizado fascínio.

— Por coincidência, Xerife, tanto o doutor como eu somos de Ohio, mas até naquelas distantes paragens se ouve falar no senhor. Palavra que me dá uma estranha sensação — peculiar, muito peculiar — estar sentado com o mais famoso homem da lei do Oeste.

Pearce sorriu.

— Notório é o que quer dizer, Reverendo.

— Não, não, não! Famoso, asseguro-lhe. — A afirmativa de Peabody foi feita em tom apressado. — Sou homem pacífico, um homem de Deus, se quiser, mas compreendo que foi por dever que matou aquela quantidade de índios... Pearce protestou: — Calma, Reverendo, calma. Não foi uma grande quantidade. Apenas um punhado e mesmo assim somente quando era obrigado. E poucos índios havia entre eles. Eram quase todos renegados e bandidos. Isso aconteceu há muitos anos. Hoje, como o senhor, sou um homem pacífico. Pergunte ao Governador. Ele confirmará.

Tomando coragem, Peabody perguntou: — Então, por que anda armado com dois revólveres, Xerife? — Porque se não o fizer sou um homem morto. Uma dúzia de sujeitos, pelo menos, a maioria recémliberados de prisões para onde os enviei, adoraria

colocar a minha cabeça sobre uma bandeja. Nenhum deles será capaz de sacar a arma contra mim, porque adquiri uma certa reputação como bom gatilho. Mas essa mesma reputação valeria tanto quanto um pedaço de papel se me encontrassem desarmado. — E batendo nos revólveres: — Não são armas ofensivas, Reverendo. São o meu seguro de vida.

Peabody ocultou cuidadosamente o seu ceticismo.

— Um homem pacífico? — Atualmente? Sim. Fui batedor do Exército, lutei contra os índios. Há muitos ainda por aí. Mas a gente se cansa de matar.

— Cansa? — Apesar da expressão que julgava ser impassível, o pastor não se convencera. — O senhor cansou? — Há maneiras de pacificar os índios sem que seja preciso crivá-los de balas. Pedi ao Governador que me nomeasse agente deste território índio. Eu resolvo desentendimentos entre os nativos e os brancos, determino o local das reservas, procuro impedir o tráfico de armas e uísque, e zelo para que os brancos indesejáveis sejam removidos do território. — Sorriu. — Tudo isto faz parte dos meus deveres de Xerife, aliás. É um trabalho lento, mas estou fazendo certo progresso. Creio que os Paiutes quase confiam em mim. Isso me lembra... — Voltou-se para a outra mesa: — Coronel. Claremont ergueu interrogativamente a sobrancelha.

— Seria uma boa ideia cerrar as cortinas. Estamos atravessando território hostil e não vale a pena atrair desnecessária atenção sobre nós.

— Já? Bem, você deve saber. Henry. Ouviu? Depois diga ao sargento Bellew que faça o mesmo.

Peabody tocou a manga de Pearce. Seu rosto era uma máscara de apreensão.

— Território hostil? Índios hostis? — Em geral só os chamamos de hostis.

A indiferença de Pearce agravou ainda mais os temores de Peabody.

— Mas... mas disse que confiavam no senhor! — É exato. Confiam em mim.

— Ah! O significado das palavras não era bem claro e Peabody não pediu explicações. Engoliu em seco várias vezes, em rápida sucessão, e mergulhou em silêncio.

Henry serviu o café no salão, enquanto O'Brien revelava considerável eficiência em servir brandy e licores tirados do bar. Com as janelas bem fechadas e o tampo do fogareiro adquirindo um tom avermelhado, a temperatura no compartimento subira a trinta graus, mas ninguém parecia perturbar-se com isso. Na fronteira, os extremos de calor e frio eram parte inevitável da vida e como tal, aceitos com fleuma. As cortinas de veludo verde estavam bem cerradas. Deakin, olhos abertos, apoiado num cotovelo, parecia menos à vontade que nunca, mas sendo o desconforto, como o frio " o calor, a parte integrante da vida na fronteira, pouca atenção, afora olhares ocasionais de Mariah, recebia dos presentes e menos ainda simpatia. Após uma conversa sem interesse o Dr. Molyneux pousou o copo na mesa, levantou-se, abafou discretamente um bocejo e declarou:— Com licença. Amanhã será um dia difícil para mim. E um velho como eu precisa de descanso.

Em tom polido, Mariah indagou: — Um dia difícil, Dr. Molyneux? — Temo que sim. A maioria dos nossos suprimentos médicos só foi entregue ontem em Ogden e se encontra no vagão de mantimentos. Preciso verificar tudo antes de chegarmos a Fort Humboldt.

Mariah fitou-o com divertida curiosidade.

— Por que tanta pressa, Doutor Molyneux? Não pode esperar até chegarmos? — E como o médico não respondesse imediatamente, acrescentou sorrindo: — Ou essa epidemia em Fort Humboldt, essa gripe, ou gripe gástrica, seja lá o que for, já ultrapassou as medidas? Molyneux não retribuiu o sorriso.

— A epidemia em Fort Humboldt... — Interrompeuse, fitou Mariah especulativamente e depois voltou-se para o Coronel Claremont. — Suponho que qualquer sigilo seja, de agora em diante, não só inútil e infantil, como ofensivo para um grupo de adultos inteligentes. Havia necessidade de segredo para afastar temores desnecessários e compreensíveis, admito, mas os que se

encontram a bordo deste trem estão isolados do resto do mundo e assim permanecerão até chegarmos ao Forte, onde saberão com certeza...

Claremont ergueu a mão cansada para deter aquele fluxo de palavras.

— Concordo, doutor, concordo. Creio que o melhor é contar tudo. O Doutor Molyneux não é médico do Exército e jamais será, assim como não é um simples clínico geral.

É um famoso especialista em doenças tropicais. As tropas que se encontram neste trem não se destinam a socorrer e sim substituir os muitos soldados que morreram em Fort Humboldt.

O espanto refletido no rosto de Mariah transformou-se logo em temor. Com voz que era pouco mais que um murmúrio repetiu: — Os soldados... os muitos soldados que morreram...

— Gostaria que não fosse preciso responder assim, Senhorita Fairchild, às suas perguntas relativas à velocidade do trem, à pressa do Doutor Molyneux e à ansiedade do Governador. — O Coronel comprimiu as pálpebras com a mão e meneou a cabeça. — Fort Humboldt está nas garras de uma terrível epidemia de cólera.

Dos sete ouvintes do Coronel, apenas dois demonstraram reação mais viva. O Governador, Molyneux e O'Brien já sabiam da existência da epidemia. Pearce limitou-se a erguer de leve uma sobrancelha; e o semi-recostado Deakin assumiu expressão pensativa; aparentemente era ainda menos inclinado que Pearce a manifestar reações emocionais. A um observador, a falta de manifestações por parte dos cinco pareceria decepcionante, mas essa falta foi mais que compensada por Mariah e pelo Rev.

Peabody. Medo e horror refletiram-se no rosto da primeira, espanto e incredulidade na fisionomia do segundo. A moça foi a primeira a falar.

— Cólera! Cólera! Meu pai...

— Eu sei, minha filha, eu sei.

Levantando-se, o Governador aproximou-se da poltrona da sobrinha e rodeou-lhe os ombros com o braço.

— Gostaria de poupar-lhe isto, Mariah, mas achei que se... bem, se seu pai adoecesse você gostaria...

O Rev. Peabody recuperou-se do estado de choque com espetacular rapidez. Das profundezas da poltrona, saltou de pé como um boneco de mola. Sua fisionomia era uma máscara de ultraje e incredulidade. Com voz insegura e aguda exclamou: — Como ousam! Governador Fairchild, como ousa expor esta pobre criança aos riscos, aos riscos terríveis dessa medonha peste? Faltam-me palavras. Insisto em que voltemos imediatamente a Reese City e... e...

— Voltar como? — O'Brien mantinha tom de voz e expressão cuidadosamente neutros. — Não é fácil, Reverendo, voltar de trem numa estrada de ferro de linha única.— Pelo amor de Deus, Pastor, por quem nos toma? — Se Claremont agitasse uma bandeira vermelha não demonstraria mais claramente a sua irritação. — Assassinos? o Suicidas? Ou simples idiotas? Temos provisões a bordo para um mês. E neste trem permaneceremos todos nós, até que o Doutor Molyneux declare o local livre da epidemia.

— Mas é impossível! É impossível! — Levantando-se, Mariah agarrou o braço do Dr. Molyneux e disse, desesperada: — Sei que é médico, mas os médicos têm as mesmas ochances — maiores ainda — de pegar a doença que qualquer outra pessoa.

Molyneux, com leves pancadinhas na mão ansiosa, replicou: — Não este médico. Já peguei cólera e sobrevivi. Sou imune. Boa noite.

Meio reclinado no chão, em seu canto, Deakin peroguntou: — Onde pegou cólera, Doutor? Fitaram-no todos, espantados. Os bandidos, assim como as crianças, devem ser vistos e não ouvidos. Pearce fez menção de levantar-se, mas Molyneux deteve-o com um ogesto.

— Na Índia, onde estudei a doença. — Sorriu sem humor. — Muito, muito de perto. Por quê? — Curiosidade. Quando? — Há oito ou dez anos. De novo, por quê? — Ouviu o Xerife ler o edital a meu respeito. Conheço um pouco de medicina. Estava apenas interessado, é só.

Durante alguns instantes, Molyneux observou atentamente Deakin. Em seguida, com um cumprimento de cabeça para o grupo, saiu.

— Nada agradável — falou Pearce, pensativo. — Refiro-me à notícia. Quantos, na última contagem, Coronel? Os mortos da guarnição.

Claremont olhou interrogativamente para O'Brien que, como sempre, replicou com presteza e autoridade.— Na última contagem, feita cerca de seis horas atrás, eram quinze, numa guarnição de vinte e seis. Ignoramos quantos estão doentes embora ainda vivos, porém Molyneux, que é muito experiente em tais assuntos, calcula, baseado no número de mortos, que de dois terços a três quartos dos restantes devem estar contaminados.

— Então é possível que haja apenas quinze soldados sadios defendendo o Forte? — É possível.

— Que oportunidade para White Hand. Se ele soubesse.

— White Hand, o sanguinolento chefe dos Paiutes? Pearce fez que sim e O'Brien meneou a cabeça.

— Pensamos nessa possibilidade, mas desistimos dela. Todos nós conhecemos o seu ódio obsessivo pelo homem branco em geral e pela Cavalaria dos Estados Unidos em particular, mas sabemos também que está bem longe de ser um tolo. Se fosse, o Exército ou — O'Brien permitiu-se um leve sorriso — os nossos intrépidos xerifes do Oeste o teriam liquidado há algum tempo. Se White Hand souber que Fort Humboldt está desesperadamente desguarnecido, saberá também a causa e o evitará como a própria peste. — Outro sorriso, desta vez, glacial. — Desculpem, não pretendia fazer gracejos.

Com voz trêmula, Mariah indagou: — Meu pai? — Está bem até agora.

— Quer dizer...

— Lamento. — O'Brien tocou-lhe de leve o braço. — Quero dizer que sei tanto quanto a senhorita.

— Quinze filhos de Deus partiram para o repouso final. — A voz de Peabody parecia vir das profundezas do sepulcro. — Quantas pobres almas serão recolhidas antes da madrugada? — Ao amanhecer saberemos — disse Claremont, seco. Era claro que, na opinião do Pastor, o Coronel não era uma pessoa desejável em tais circunstâncias.— Saberemos? — Pearce ergueu de leve a

sobrancelha direita. — Como? — Nada de magia. Temos um telégrafo portátil no trem. Prendemos um longo fio aos cabos do telégrafo da estrada de ferro e assim entramos em contato com o Forte a Oeste de Reese City e até Ogden, a Leste. — Fixando Mariah, que se voltara, perguntou: — Vai nos deixar, Senhorita Fairchild? — Estou cansada. — Sorriu palidamente. — Não é culpa sua, Coronel, mas acontece que não foi portador de boas notícias.

Deteve-se à porta do corredor olhando pensativa para Deakin, e depois virou-se para encarar Pearce.

— Este pobre homem não vai comer nem beber nada? — Pobre homem! — Havia franco desprezo na voz de Pearce, mas dirigido a Deakin, não a Mariah. — Gostaria de repeti-lo aos parentes dos que morreram no incêndio de Lake's Crossing? Ainda há muita carne sobre os ossos desse bandido. Ele sobreviverá.

— Mas certamente não vai deixá-lo amarrado a noite inteira? — É exatamente o que pretendo fazer. — O tom de voz era decidido. — Eu o libertarei pela manhã.

— Pela manhã? — Exatamente. E não por qualquer sentimento de compaixão pelo nosso amigo. À essa altura estaremos em pleno território hostil. Ele não tentará fugir. Um homem branco sozinho, desarmado e sem cavalo não sobreviveria duas horas entre os Paiutes. Até uma criança de dois anos encontraria suas pegadas na neve. Além disso, morreria de fome, ou de frio. Ignoramos muita coisa a respeito do Senhor John Deakin, mas sabemos que tem um grande amor à própria pele.

— Então, ficará ali sofrendo a noite inteira? Pearce replicou, paciente:— É um assassino, incendiário, ladrão, trapaceiro e covarde. Está desperdiçando a sua compaixão, senhorita.

— E o senhor está dando um triste exemplo de homem da lei, Senhor Pearce.

A julgar pelos olhares espantados dos ouvintes, a explosão era fora do comum.

— Ou não conhece a lei? Não, meu tio, nada de "Quietinha, minha filha". A lei dos Estados Unidos é bastante explícita sobre isto. Um homem é inocente até que se prove a sua culpa, mas o Senhor Pearce já o julgou, condenou-o e provavelmente o enforcará

na árvore mais próxima. A leif Mostre-me uma lei que diga que alguém tem o direito de tratar um homem como a um cão raivoso! Com um rodopiar da longa saia, Mariah retirou-se furiosa. O'Brien, mostrando uma fisionomia impassível, falou: — Pensei que conhecesse leis, Nathan.

Pearce fixou-o zangado, depois sorriu e estendeu a mão para o copo.

No horizonte, para os lados do ocidente, as nuvens escuras haviam adquirido uma coloração negro-azulada. Os picos longínquos e indistintos erguiam-se pálidos contra o firmamento ameaçador. Os pinheiros do vale, junto aos quais a estrada de ferro serpenteava de conformidade com o rio parcialmente gelado, já estavam cobertos de neve. O trem de socorro, arrastando-se na íngreme subida, penetrava na gelada escuridão da montanha.

O contraste com o interior da cabine não podia ser mais agudo, porém Deakm, sozinho agora no salão dos oficiais, não se encontrava com disposição para apreciá-lo.

O calor do fogareiro, a claridade acolhedora da lâmpada a óleo não eram com certeza as suas maiores preocupações. Continuava inclinado para a frente, mas tombara de lado. Careteou de dor ao fazer mais uma vez a tentativa inútil de afrouxar as cordas que lhe atavam os pulsos. O rápido gesto cessou tão logo teve início. Deakin não era a única pessoa acordada naquele vagão. Mariah, sentada no estreito beliche que ocupava mais de metade do minúsculo cubículo, mordida pensativamente o lábio inferior e lançava, de quando em quando, rápidos olhares para a porta. Seus pensamentos concentravam-se na mesma questão que ocupava Deakin: a situação embaraçosa em que este se encontrava. Súbito, levantou-se, decidida, envolveu-se num roupão e saiu para o corredor, fechando silenciosamente a porta.

Encostou o ouvido na porta contígua à sua. Era claro que no interior não dominava o silêncio. A julgar pelo ressonar estentóreo, o Governador do Estado de Nevada resolvera deixar que as preocupações do amanhã cuidassem de si mesmas. Satisfeita, Mariah abriu a porta do salão, fechou-a atrás de si e olhou para Deakin, que retribuiu o olhar, sem que nada transparecesse em sua

fisionomia. Fazendo um esforço para falar com calma e objetividade, a moça perguntou: — Está se sentindo bem? — Ora, ora — Deakin fitou-a com ligeiro interesse. — Talvez a sobrinha do Governador não seja tão mimada quanto parece. Sabe o que o Governador e o Coronel, ou até mesmo Pearce, fariam se a encontrassem aqui? — E o que fariam? — Não faltava à voz um laivo acerbo. — Não me parece, Senhor Deakin, que esteja em posição de prevenir ou censurar ninguém. E quero lembrar-lhe que hoje é hoje e não mais como há cem anos e que sei me arranjar muito bem, obrigada, sem mimos e pétalas de rosa. Perguntei-lhe se estava bem.

Deakin suspirou.

— É isso: dê um pontapé em quem está no chão. Claro que estou bem, não vê? Sempre durmo assim.

— Detesto o sarcasmo como forma de gracejo — replicou friamente. — E parece que estou perdendo o meu tempo. Vim perguntar se precisava de alguma coisa.— Desculpe. Não se ofenda. John Deakin não está no melhor dos humores. Quanto ao seu oferecimento, ouviu o que disse o Xerife. Não desperdice comigo a sua simpatia.

— O que diz o Xerife entra por um ouvido e sai pelo outro. — Ignorou a leve surpresa e o crescente interesse que se estampavam no rosto do rapaz. — Há comida na cozinha.

— Perdi o apetite. Obrigado, assim mesmo.

— Uma bebida? — Ah, isto! Terei ouvido suave música? — Endireitou o corpo com dificuldade, até conseguir sentar-se direito. — Eu os vi bebendo o serão inteiro e não foi agradável.

Não gosto que me alimentem com colher. Poderia desatar meus pulsos? — Poderia... será que pareço doida? Se libertasse suas mãos, você...

— Envolveria com elas o seu encantador pescoço? — Olhou com mais atenção o pescoço da moça, que o fixou em silêncio. — É mesmo encantador. Mas não é este o problema. No momento duvido que pudesse segurar um copo de uísque. Já viu minhas mãos? Voltou-se para que ela as examinasse. Estavam azuladas e

grotescamente inchadas, as cordas tendo penetrado fundona carne dos pulsos.

— Sejam quais forem os defeitos do Xerife, precisamos admitir que põe entusiasmo nas tarefas que empreende.

Mariah contraiu os lábios, a ira e a compaixão no olhar. Finalmente disse: — Promete...

— É a minha vez de perguntar: será que pareço doido? Fugir com todos aqueles ferozes Paiutes lá fora? Prefiro me arriscar a beber o mau uísque do Governador.

Cinco minutos transcorreram antes que Deakin se arriscasse. Mariah levou apenas um minuto para desamarrá-lo, mas o rapaz precisou dos outros quatro, depois de arrastar-se até a poltrona mais próxima, para restabelecer, em parte a circulação das mãos entorpecidas. A dor devia ser cruciante, mas sua fisionomia permaneceu impassível. Mariah, observando-o atentamente, falou: — Creio que John Deakin é muito mais resistente do que julgam.

— Não fica bem para um adulto chorar diante de uma mulher. — Flexionou os dedos. — Creio que mencionou um drinque, Senhorita Fairchild.

Mariah apresentou-lhe um copo de uísque. Deakin, de um só gole, bebeu metade do conteúdo, suspirou de satisfação, colocou o copo na mesinha a seu lado, inclinou-se e fez menção de desatar os tornozelos. Mariah levantou-se de um salto, punhos contraídos, olhar apavorado. Assim permaneceu por um breve instante, depois saiu correndo do compartimento. Voltou após alguns segundos, enquanto Deakin ainda desatava as cordas. Ele fixou com desagrado a pequena mas decidida pistola de cabo de madrepérola, e perguntou: — Para que anda com isso?

— Meu tio disse que se os índios me pegassem... — Interrompeu-se, furiosa. — Diabo! Prometeu...

— Quando um homem é um assassino, incendiário, ladrão, trapaceiro e covarde, ninguém se surpreende quando ele se revela também um mentiroso. Na verdade seria uma idiota se esperasse outra coisa.

Removendo os grilhões dos tornozelos, levantou-se, oscilante, deu dois passos, tomou-lhe o revólver casualmente, como

se ela não tivesse a menor intenção de atirar, o que aliás era claro. Impelindo-a de leve para uma poltrona, colocou-lhe a arma no colo e sentou-se com uma breve careta.

— Descanse, moça. Acontece que não vou a parte alguma. Um problema de circulação, é só. Gostaria de ver meu tornozelo?

— Não! — Era óbvio que estava furiosa com sua própria falta de decisão.

— Para falar a verdade, nem eu. Sua mãe ainda vive?

— Minha mãe... — O inesperado da pergunta pegou-a de surpresa. — O que tem a ver com isso?

— Estou tentando conversar. Sabe como é difícil quando dois estranhoço se encontram pela primeira vez. — Levantou-se novamente e tentou alguns passos inseguros de um lado para outro, copo em punho. — E então, ela vive?

— Sim. — O tom era seco.

— Mas está doente?

— Como sabe disso? Além do mais, não é da sua conta.

— Não é. Mas sou dotado de curiosidade incorrigível.

— Interessante. — Era duvidoso que Mariah fosse capaz de sorrir com zombaria, mas esteve bem próxima disso. — Muito interessante, Senhor Deakin.

— Fui professor numa Universidade. É importante impressionar os alunos, nwfctrando-lhes que se é mais inteligente que eles. Eu usava palavras difíceis. Então, sua mãe está doente. Senão, seria muito mais natural que fosse ela e não a filha a reunir-se ao Comandante do Forte. Na minha opinião, o seu lugar é junto de sua mãe doente. Parece-me estranho que lhe permitam ir a um local onde grassa um surto de cólera e os índios estão tão agitados. Isso não lhe parece estranho, Senhorita Fairchild? Deve ter havido um convite muito insistente e urgente do seu pai, Deus sabe por que razões. O convite foi feito por carta? — Não pretendo responder às suas perguntas. Mas era claro que estava intrigada.

— Além de todas as outras faltas relacionadas pelo Xerife possuo uma boa parcela de impertinência e de persistência. Por carta? Claro que não.

Foi por telegrama. Todas as mensagens urgentes são mandadas por telegrama.

— Bruscamente desviou o rumo do interrogatório. — Seu tio, o Coronel Claremont, o Major O'Brien, conhece-os todos muito bem, não conhece? — Ora, essa! — Mariah voltara a contrair os lábios.

— Acho intolerável...— Obrigado, obrigado. — Deakin esvaziou o copo, sentou-se e começou a amarrar novamente os tornozelos. — Era o que eu queria saber. — Levantando-se, entregou à moça um pedaço de corda e voltou-lhe as costas, com as mãos entrelaçadas atrás do corpo. — Quer ter a bondade? Mas não tão forte desta vez.

Lentamente Mariah perguntou: — Por que toda essa preocupação, todo esse interesse pela minha pessoa? Creio que deve ter preocupações e problemas pessoais suficientes...

— Tenho, minha cara jovem, tenho sim. Estou apenas tentando afastar a mente deles. — Franziu as pálpebras quando a corda comprimiu seus pulsos inflamados e protestou: — Vá com calma.

Ela não replicou. Ajustando o último nó, ajudou Deakin a sentar-se e, em seguida, a deitar-se, e depois saiu sem nada dizer. De volta à sua cabina, fechou a porta silenciosamente e ficou sentada na cama por longo tempo, o olhar perdido, a expressão pensativa.

5

Na locomotiva brilhantemente iluminada, o rosto de Banlon — o engenheiro — era também pensativo, enquanto dividia a atenção entre os controles e o que via pela janela ao perscrutar os trilhos e o firmamento. A negra massa de nuvens movimentando-se rapidamente para leste obscurecia mais da metade do céu; em breve a escuridão seria tão absoluta quanto possível numa região onde as montanhas, os pinheiros e o próprio solo se achavam recobertos por uma espessa camada branca.

Jackson, o foguista, era a cópia mais aproximada possível de Banlon: extremamente magro, tez morena e duas imensas rugas que riscavam o rosto de pergaminho desde as orelhas até quase a ponta do nariz. Apesar do frio, Jackson transpirava abundantemente. Em terreno íngreme como aquele, a contínua exigência de vapor devorava o combustível com a mesma velocidade com que era lançado nas bocas vorazes da fornalha, reduzindo o foguista ao papel de escravo de um senhor muito exigente. Atirando uma última porção de lenha ao cintilante amontoado de carvão, enxugou a testa com uma toalha suja e fechou a porta da fornalha. O efeito imediato foi reduzir a claridade da cabina a uma semi-obscuridade.

Banlon afastou-se da janela e aproximou-se dos controles. Súbito, ouviu-se um estrondo metálico bastante ameaçador. O engenheiro lançou uma série de vitupérios irrepetíveis em direção ao lugar de onde provinha o barulho.

— Que houve? — perguntou Jackson vivamente. Banlon não respondeu logo. Estendeu rápido a mão para o freio. Houve um instante de silêncio, seguido de um ranger e de estrondos, quando o trem, sofrendo uma série de colisões nos pára-choques, começou a diminuir a marcha. Por todo o comboio, a minoria desperta — à exceção de Deakin, manietado — e a maioria que fora violentamente acordada agarrou-se ao apoio mais próximo,

enquanto o trem, com um solavanco, estremeceu, fazia a parada de emergência. Alguns dos que dormiam mais profundamente foram atirados ao chão.

— De novo aquela maldita válvula de vapor! — exclamou Banlon. — Acho que a porca que a prendia soltou-se. Toque o sino chamando Devlin. Frear completamente.

— Tirando do gancho um candeeiro perscrutou o regulador. — E abra a porta da fornalha. Já vi vaga-lumes melhores que esta maldita lâmpada.

Jackson fez o que lhe pediam. Depois, inclinando-se para fora, examinou o caminho.

— Vem uma porção de gente nesta direção — anunciou.

— E não me parecem nada satisfeitos.

— Que é que você esperava? — replicou Banlon, azedo.

— Uma delegação para agradecer o fato de termos, salvo a vida deles? — Espiou para fora da outra janela. — Uma porção de clientes insatisfeitos vindos também deste lado.

Mas um viajante não correu para a frente. Vaga silhueta na escuridão, saltou do trem, olhou rapidamente em volta, inclinou-se, correu para a beira da estrada e desceu a ribanceira em direção ao rio. Puxando sobre a testa um estranho boné de pêlo de guaxinim pôs-se a correr em direção à retaguarda do trem.

O Coronel Claremont, apesar de um coxear pronunciado e muito recentemente adquirido — era um dos que dormiam pesadamente e a colisão do quadril direito com o assoalho fora violenta — foi o primeiro a chegar à cabina. Com certa dificuldade alçou-se à plataforma.

— Que diabo de história é essa, Banlon? Quer nos assustar a todos? — Lamento, Coronel. — Banlon estava muito rígido, muito correto. — Regulamento de emergência da companhia. Falha nos controles. A porca de retenção...

— Não me venha com isso. — Claremont esfregou o quadril dolorido. — Quanto tempo levará para fazer o conserto? A noite inteira, suponho.

Banlon permitiu-se um leve sorriso de especialista.

— Cinco minutos apenas.

Enquanto Banlon fazia valer o seu talento, a silhueta de gorro de quaxinim deteve-se bruscamente junto a um poste telegráfico e olhou em direção ao lugar de onde viera. A retaguarda do trem ficava a uns trinta metros. Aparentemente satisfeito, passou um comprido cinto ao redor do próprio corpo e do poste, e começou a galgá-lo com rapidez. Chegando ao topo tirou do bolso um alicate e cortou os fios do telégrafo junto aos isoladores, do lado oposto àquele em que se encontrava o trem. Os fios tombaram na escuridão. Com a mesma rapidez, o homem deslizou para o chão.

Na plataforma do maquinista, Banlon retesou o corpo, empunhando ainda a chave inglesa. Claremont quis saber: — Consertado? Banlon ergueu a mão enegrecida para ocultar um imenso bocejo.

— Consertado. Desviando em parte a preocupação com o quadril dolorido, o Coronel perguntou: — Tem certeza de que é capaz de dirigir durante o resto da noite? — Café quente, é o de que precisamos. E temos tudo aqui mesmo na cabina. Mas, se pudesse mandar substituírnos amanhã...

— Providenciarei.

A frieza de Claremont não era resultado de qualquer animosidade contra Banlon, e sim da dor no quadril que de novo reclamava a sua atenção. Descendo com passos rígidos para a plataforma, percorreu o lado esquerdo do trem e subiu os degraus metálicos que conduziam à entrada do primeiro vagão. O trem recomeçou a marcha devagar. Naquele momento, o homem de boné de quaxinim surgiu na beira da estrada à direita do comboio em movimento, lançou um olhar à direita, outro à esquerda e, a passos rápidos, subiu na plataforma traseira do terceiro carro. O amanhecer chegou tarde, como acontece nos vales das montanhas, quando o ano vai adiantado. Os picos, distantes na noite anterior, eram agora invisíveis, embora muito mais próximos; o céu cinzento e opaco a Oeste levava a crer que, a poucos quilômetros dali, a neve caía. E, conforme se concluía pelo leve ondular do topo dos pinheiros carregados de neve, o vento matinal estava cada vez mais frio. Nos remansos do rio, onde a água ficava quase parada, o

gelo estendia-se, das margens quase até o centro. O inverno se aproximava da montanha.

Henry — o mordomo — abastecia o fogareiro já aceso do salão dos oficiais quando o Coronel Claremont entrou, passando pela figura deitada e aparentemente adormecida de Deakin, sem sequer dirigir-lhe um olhar. Com o coxear da véspera reduzido a uma lembrança, o Coronel esfregou vivamente as mãos.

— Manhã fria, Henry.

— Sem dúvida, Coronel. Café? Carlos já preparou tudo. Claremont aproximou-se da janela, afastou a cortina, esfregou o vidro embaçado e espiou para fora sem entusiasmo. Meneando a cabeça, falou: — Mais tarde. Parece que o tempo vai melhorar. Neste caso, gostaria de me comunicar antes com Reese City e com o Fort Humboldt. Vá chamar o telegrafista Ferguson, por favor. Diga--lhe que traga o equipamento.

Henry fez menção de sak, mas recuou ao ver entrar o Governador, O'Brien e Pearce. O Xerife aproximou-se de Deakin. sacudiu-o grosseiramente e começou a desamarrar-lhe as mãos.— Bom dia, bom dia. — Claremont ostentava seu habitual ar de eficiência. — Pretendo telegrafar para o Fort Humboldt e Reese City. O telegrafista chegará agora mesmo.

— Vai parar o trem, Coronel? — Com sua licença.

O'Brien abriu a porta, saiu para a plataforma dianteira, e puxou um cordão. Um ou dois segundos após, Banlon, espiando de sua cabina, viu-o movimentar para cima e para baixo o braço direito. Respondendo ao gesto, o engenheiro desapareceu. O trem começou a diminuir a velocidade. Entrando no salão, O'Brien exclamou, apertando os braços: — Jesus! Como faz frio lá fora.

— Um simples toque revigorante, meu caro O'Brien — falou Claremont, com a cordial desaprovação de quem ainda não havia posto o nariz fora de casa. Fitando Deakin, que massageava os pulsos, e depois Pearce, indagou: — Onde pretende conservar este sujeito, Xerife? Posso mandar o sargento Bellew colocar um guarda armado junto dele.

— Sem qualquer desrespeito a Bellew, Coronel, mas a um homem tão hábil com fósforos, querosene e explosivos — e imagino

que qualquer transporte do Exército tenha de tudo isso um bom suprimento — eu prefiro vigiar pessoalmente.

Claremont fez um breve aceno de cabeça e voltou a atenção para dois soldados que entravam depois de bater à porta. O telegrafista Ferguson carregava uma mesinha de armar, fios, e uma caixa contendo material para escrever. Atrás dele seu assistente, um jovem soldado de nome Brown, trazia nos braços um volumoso transmissor.

— Avise assim que estiver pronto — disse Claremont. Dois minutos após, o telegrafista Ferguson tinha tudo pronto. Encarapitara-se no braço de um sofá e, do telégrafo instalado à sua frente, fizera sair um fio que atravessava uma brecha minúscula da janela. Com o lenço, Claremont esfregou a vidraça enevoada e espiou para fora. O fio subia ondulante até o alto de um poste telegráfico, no qual Brown estava suspenso por um cinto de segurança. Ao terminar o ajuste necessário, o soldado voltou-se e fez um sinal com a mão. Dirigindo-se a Ferguson, Claremont falou: — Pronto. O Forte em primeiro lugar.

O telegrafista transmitiu três vezes seguidas o sinal de chamada. Os fones começaram a emitir os sons débeis e repetidos do Morse. Recuando um dos aparelhos, Ferguson falou: — Um momento, Coronel. Foram chamar o Coronel Fairchild.

Enquanto aguardavam, Mariah entrou, seguida pelo Rev. Peabody. O Pastor tinha a expressão sombria e parecia ter passado mal a noite. Mariah lançou um olhar inexpressivo a Deakin e outro interrogativo, ao tio.

— Estamos em contato com Fort Humboldt, minha querida — disse o Governador. — Receberemos o último relatório dentro de um minuto.

De novo ouviu-se o leve tique-taque do Morse nos fones e Ferguson pôs-se a escrever rapidamente, mas com letra nítida. Em seguida, arrancando a folha do bloco entregou-a a Claremont.

A mais de um dia de viagem, para além das montanhas, oito homens encontravam-se reunidos na sala do telégrafo de Fort Humboldt. A figura central e dominante ocupava uma cadeira de molas, tendo à frente a escrivaninha de mogno luxuosamente

recoberta de couro, onde suas sujas botas de montar repousavam em cheio. As esporas que usava inutilmente haviam estraçalhado o tampo de couro, detalhe que aparentemente não o afetava. Sua aparência geral confirmava de imediato o pouco de estética que havia em sua pessoa. Mesmo sentado via-se que era um homem alto, vigoroso, de ombros largos. Vestia jaqueta de couro de veado, aberta de modo a revelar o cinto arqueado pelo peso de dois Peacemaker Colts. Acima da jaqueta e abaixo de um chapéu. que já devia ser velho no tempo em que a jaquetase achava na juventude, o rosto de olhos salientes, nariz adunco, olhos frios, de um cinzento pálido, barba de uma semana recobrando epiderme naturalmente morena, dava ao interlocutor a impressão de se encontrar na presença de um bandido implacável, o que era na verdade uma descrição bastante correta de Sepp Calhoun.

Um homem trajando uniforme da Cavalaria, dps Estados Unidos encontrava-se sentado junto à mesa é, a poucos metros, via-se um soldado diante do telégrafo. Fixando o oficial ao seu lado, Calhoun falou: — Bem, Carter, vejamos se Simpson realmente transmitiu a mensagem que lhe dei.

Cenho franzido, Carter passou-lhe o papel, que o bandido leu em voz alta: — "Mais três casos. Nenhuma morte. Esperamos que a epidemia tenha atingido o ponto máximo. Indique a hora da chegada, por favor". — Dirigindo-se ao operador: — Só um homem inteligente não se mostra inteligente demais, não é, Simpson? Nenhum de nós pode se dar ao luxo de cometer um erro, não acha? No salão do trem, o Coronel Claremont acabara de ler a mensagem. Colocando o papel sobre a mesa falou: — Boas notícias. A hora da chegada? — Relanceou para O'Brien. — Aproximada.

— Transportar esta pesada carga com uma só locomotiva? — O'Brien calculou rapidamente. — Trinta horas, diria. Posso verificar com Banlon.

— Não é necessário. Isto basta. — E voltando-se para Ferguson: — Você ouviu? Diga-lhes...

Mariah interveio: — Meu pai...

Ferguson fez que sim e começou a transmitir a mensagem. , Escutou a resposta, afastou os fones e ergueu a vista, dizendo: Nós

os esperamos amanhã à tarde. O Coronel Fairchild está bem. Enquanto Mariah sorria, tranquilizada, Pearce falou: — Poderia dizer ao Coronel que estou no trem e que vou levar Sepp Calhoun sob custódia? Na sala do telégrafo de Fort Humboldt, Sepp Calhoun sorria também, mas não de alívio. Sem qualquer tentativa para ocultar o maldoso divertimento que se refletia no seu olhar, entregou o telegrama a um coronel alto, de cabelos e bigodes grisalhos, vestindo uniforme da Cavalaria dos Estados Unidos.

— Francamente, Coronel Fairchild, isto é o máximo! Vêm buscar o pobre Sepp Calhoun para o levarem preso. Que é que eu vou fazer? O Coronel leu a mensagem, mas não respondeu. Sua fisionomia nada revelava. Num gesto de desprezo, abriu os dedos e deixou o papel cair no chão. Calhoun imobilizou-se por um instante, depois relaxou e sorriu. Podia dar-se a esse luxo. Fixando os quatro homens junto à porta, dois brancos maltrapilhos e dois índios igualmente repulsivos, rifles apontados para Fairchild e para os dois soldados, falou: — O Coronel deve estar com fome. Ele que volte ao seu café da manhã.

— Agora, ligue para o telegrafista da estação de Reese City. Pergunte se tem alguma notícia do Capitão Oakland e do Tenente Newell — ordenou Claremont.

— A estação, Coronel? — perguntou Ferguson. — Quem vai atender é o próprio chefe. Já não existe sala do telégrafo em Reese City. Disseram-me que o telegrafista partiu para a Grande Mina há algum tempo.

— Bem, chame o chefe da estação.

— Sim, senhor. — Ferguson hesitou. — Ouvi dizer que ele não é visto com frequência na estação. Passa quase todo o tempo na sala dos fundos do Imperial Hotel.

— Tente assim mesmo.

Ferguson tentou. Transmitiu o sinal de chamada pelo menos uma dúzia de vezes, depois ergueu a vista.— Parece que não respondem, Coronel. À meia voz O'Brien disse a Pearce: — Talvez fosse uma boa ideia transferir o telégrafo para o Imperial.

A contração dos lábios de Claremont revelou que a observação não fora feita em voz tão baixa quanto deveria. Mas o

militar ignorou-a, dizendo a Ferguson: — Continue insistindo.

O telegrafista tentou e continuou tentando, mas seus fones permaneceram num obstinado silêncio. Meneando a cabeça fixou Claremont, que se antecipou ao que ele ia dizer.

— Ninguém do outro lado do fio? — Não, senhor, não é isso. — Ferguson parecia intrigado. — A linha não está funcionando. Muda. Um dos relês falhou, provavelmente.

— Não entendo como possa ter falhado. Não nevou. Não houve vento forte. E estavam em ordem quando telegrafamos para o forte e Reese City, ontem. Continue tentando enquanto tomamos café. — Calou-se, olhou sem entusiasmo para Deakin, depois em aborrecida interrupção para Pearce: — Este criminoso, Houston, precisa fazer as refeições conosco? — Deakin — corrigiu o rapaz. — Não sou Houston.

— Cale-se — ordenou Pearce. E voltando-se para o Coronel: — Por mim ele morreria de fome, mas... pode sentar-se à minha mesa. Isto é, se o reverendo e o doutor não se importarem. — E olhando em volta: — Vejo que o doutor ainda não se levantou. — E tomando Deakin sem gentileza pelo braço: — Vamos.

6

As sete pessoas que tomavam café haviam se sentado como na véspera, à exceção de Deakin, que se instalara no lugar do Doutor Molyneux, ainda recolhido. Peabody, ao seu lado, fez sua refeição pouco à vontade. Lançava olhares furtivos e frequentes em direção ao bandido e tinha o ar de um teólogo pronto para qualquer emergência, como o aparecimento de um par de chifres e uma cauda bifurcada. Deakin, por sua vez, não lhe prestava atenção. Como era de se esperar de alguém que sofrera forçado afastamento dos prazeres da mesa, toda a sua atenção concentrava-se no conteúdo do prato à sua frente.

Claremont, terminada a refeição, recostou-se na cadeira. Fazendo sinal a Henry para que lhe servisse mais café, acendeu um charuto e olhou para a mesa de Pearce, permitindo-se um dos seus raros e glaciais sorrisos.

— Temo que o Doutor Molyneux sinta dificuldade em adaptar-se ao horário do café da manhã no Exército. Henry, vá chamá-lo. — Girando na cadeira, chamou: — Ferguson? — Sem sorte, Coronel. Nada. Linha morta.

Por um instante, cabeça ainda voltada, Claremont tamborilou irresoluto na mesa, depois tomou uma decisão.

— Desarme seu equipamento — ordenou. E voltando-se para o grupo: — Partiremos tão logo ele termine. Major O'Brien, quer ter a bondade...

Interrompeu-se, espantado, quando Henry, esquecendo geu andar pausado de mordomo, entrou quase a correr na sala, olhos arregalados, choque refletido em toda a sua lúgubre fisionomia.

— Que houve, Henry? — Ele está morto, Coronel! Está lá deitado, morto! O Doutor Molyneux.

— Morto? Morto? O doutor? Tem certeza, Henry? Sacudiu-o? Henry fez que sim e estremeceu ao mesmo tempo. E gesticulando em direção à janela: — Parece o gelo daquele rio. — Desviou-se

para deixar que O'Brien passasse. — Coração, acho, Coronel. Parece que morreu tranquilo.

Levantando-se, Claremont passou a caminhar de um lado para outro naquele espaço confinado.

— Oh, meu Deus! Isto é horrível, horrível.

Era claro que o Coronel, além do choque natural pela morte de Molyneux, estava abismado diante das implicações de tal fato. Mas foi o Reverendo Peabody quem verbalizou os sentimentos gerais: — Em plena vida... — Para uma pessoa com constituição de um espantalho subnutrido, Peabody possuía voz soturna, sepulcral, que parecia vir das profundezas do túmulo. — Horrível para ele, Coronel. Horrível ser colhido em plena vida, horrível para os doentes e moribundos do forte, que dele dependiam e só dele. Ah, que ironia. Que amarga ironia. A vida não passa de uma sombra em movimento.

Não era claro o significado da última observação, e Peabody não parecia disposto a elucidá-lo. Dedos entrelaçados e olhos bem fechados, o pastor mergulhou em silenciosa prece.

Grave e comedido, O'Brien entrou, meneando a cabeça afirmativamente em resposta ao olhar interrogativo de Claremont.

— Morreu dormindo, creio. Conforme disse Henry, parece ter sido um ataque cardíaco, súbito e arrasador. Olhando seu rosto, tem-se a impressão de que ele nem sequer percebeu o que estava acontecendo.

— Posso dar uma espiada? — perguntou Deakin. Sete pares de olhos, inclusive os do Reverendo Peabody, que interrompeu momentaneamente sua intercessão junto ao Todo-poderoso, voltaram-se para Deakin, mas nenhum continha a fria hostilidade do olhar do Coronel Claremont.

— Você? Por que diabo...

— Determinar a causa da morte, talvez — Deakin deu de ombros, indiferente. — Sabem que estudei medicina.

— Diplomou-se? — E fui expulso da profissão.

— Inevitavelmente.

— Não por incompetência. Não por conduta profissional indecorosa. — Calou-se e depois prosseguiu delicadamente:— Por

outras razões, digamos. Mas, uma vez médico, sempre médico.

— Creio que sim. — Claremont era realista o bastante para permitir que o pragmatismo dominasse qualquer sentimento pessoal. — Por que não? Mostre-lhe o quarto, Henry.

Profundo silêncio desceu sobre o salão quando os dois saíram. Havia tanto a dizer, mas era tudo tão óbvio que parecia inútil manifestar-se. Um acordo tácito fez com que evitassem olhar uns para os outros, cada um parecendo coicentrar-se em objetos longínquos. Mesmo a chegada de Henry com outro bule de café fresco não dissipou a atmosfera sombria, tanto mais que o mordomo parecia talhado para chefe de cerimónias de qualquer funeral. Mas os sete pares de olhos afastaram-se dos pontos longínquos quando Deakin regressou.

— Ataque cardíaco? — perguntou Claremont. Deakin considerou a pergunta.

— Creio que se pode dizer que sim. Uma espécie de ataque. — Lançando um olhar a Pearce: — Ainda bem que a lei está a bordo.

— Que quer dizer com isso, senhor? O Governador Fairchild parecia ainda mais aflito do que na véspera. Tinha muito boas razões para estar positivamente angustiado.

— Alguém deu uma pancada em Molyneux que o fez cair. Retirou em seguida um instrumento de estojo cirúrgico e enfiou-o no peito do doutor, atravessando-lhe o coração.

A morte deve ter sido quase instantânea. — Deakin observou o grupo com sua habitual tranquilidade. — Eu diria que isso foi feito por alguém que possui conhecimentos médicos, ou pelo menos anatómicos. Quem de vocês conhece anatomia? Claremont falou em tom áspero: — Em nome de Deus, que quer dizer com isso? — Ele foi agredido na cabeça por algo pesado e sólido.

A coronha de uma arma, digamos. A pele acima da orelha esquerda está escoriada. Mas a morte ocorreu antes que houvesse tempo para se formar um galo. Logo abaixo das costelas há um minúsculo ponto azul-avermelhado. Podem verificar.

— Isto é um absurdo. — A expressão de Claremont não se coadunava com a convicção expressa, pois havia perturbadora

segurança na maneira como Deakin falara.

— Absurdo! — Claro que sim. O que realmente aconteceu foi que ele se apunhalou, depois limpou o instrumento e devolveu-o ao estojo. Minucioso até ao fim.

— Não e momento...

— Há um assassino a bordo. Por que não vai verificar?

Claremont hesitou, depois seguiu à frente de um grupo que se movimentou em direção ao segundo vagão. Até o Reverendo Peabody adiantou-se apreensivo, na retaguarda. Deakin foi deixado a sós com Mariah, que permaneceu tensa na caderia, mãos cruzadas ao colo, fitando-o com estranha expressão. Quando falou, sua voz não passava de um murmuro.

— Um assassino! Você é assassino. O Xerife disse. O edital dizia. Foi por isso que me levou a desamarrar-lhe os pulsos de modo que mais tarde conseguisse desembaraçar-se ...

— Que Deus me ajude. — Cansado, Deakin serviu-se de café. — Motivo bem definido, é claro. Eu queria o lugar dele, de modo que o liquidei em plena noite. Matei-o de modo a parecer morte natural, depois provei a todos que não era. Claro que em seguida tornei a atar minhas mãos às costas, usando os dedos dos pés para dar os nós. — Levantou-se, tocou-a de leve no ombro e em seguida aproximou-se de uma janela embaçada, pondo-se a limpá-la. — Estou cansado. Começou a nevar. O céu escureceu, o vento está ficando mais forte e há uma nevasca espreitando daqueles picos. Não é dia para um funeral.— Não haverá funeral. Vão levá-lo de volta a Salt Lake City.

— Vão fazer o quê? — Levar de volta o Doutor Molyneux. E todos os que morreram de epidemia em Fort Humboldt. É o que se faz normalmente em tempos de paz. Os parentes e amigos gostam de estar presentes.

— Mas levará dias até... Sem fitá-lo, ela falou: — Há cerca de trinta caixões vazios no vagão de suprimentos.

— Verdade! Diabo! Um coche na estrada de ferro.

— Mais ou menos. Disseram-nos que os caixões seguiam para Elko. Agora sabemos que vão para o Fort Humboldt.

— Estremeceu, apesar do calor do compartimento. — Ainda bem que não voltarei neste trem. Diga-me, quem terá sido? — Quem o quê? Ah, o doutor. Colocar um assassino na pista do assassino, não é? — Não. — Os olhos escuros fitaram-no com seriedade.

— Não era o que eu queria dizer.

— Bem, não fui eu e não foi você. Restam o Xerife e cerca de setenta suspeitos. Não sei quantos soldados estão a bordo. Ah! Alguém vem chegando.

Claremont entrou, seguido de Pearce e O'Brien. Deakúí captou-lhe o olhar. O Coronel fez um aceno afirmativo e,, em silêncio, sentou-se pesadamente e estendeu a mão para a cafeteira.

No decorrer da manhã, a neve caiu cada vez mais espessa, conforme Deakin previra. O vento não se manteve em ritmo com a neve, de modo que a tempestade continuava à distância, mas todos os seus indícios já se faziam sentir.

O trem encontrava-se na espetacular região montanhosa. Os trilhos já não percorriam vales cortados por rios, mas penetravam gargantas de paredes a pique, atravessavam túneis, ou ultrapassavam plataformas arrancadas à rocha maciça, com um rebordo que tombava vertiginoso até as faldas das ravinas.

Mariah, espiando por uma janela do lado protegido do trem e relativamente livre de neve, pensava, não pela primeira vez, que aquelas montanhas não eram lugar para os fracos e os que sofriam de vertigens. No momento, o trem se sacudia e ondulava, atravessando uma ponte que unia dois pontos de uma garganta aparentemente insondável, pois os contrafortes inferiores perdiam-se nas profundezas da ravina sombria e coberta de neve.

Ao sair da ponte, a locomotiva descreveu uma curva para a direita e começou a galgar a face esquerda de um vale profundo, com imensos pinheiros de um lado e um precipício do outro. O vagão do freio acabava de transpor a ponte quando Mariah oscilou e quase caiu. Com um rangido agudo, o trem parou violentamente. Cada um dos homens que se encontravam na sala de jantar foi atingido de modo diverso, pois estavam todos sentados, mas a

linguagem explosiva de Claremont devia expressar os sentimentos gerais. Em poucos segundos, o Coronel, O'Brien, Pearce e, mais tranquilamente, Deakin levantaram-se e saíram para a plataforma traseira do primeiro vagão, saltando para a neve que lhes chegou aos tornozelos.

Banlon, rosto alterado pela ansiedade, desceu correndo a estrada. O'Brien deteve-se, mas o engenheiro lutou para libertar-se, gritando: — Vamos, pelo amor de Deus! Ele caiu! — Ele quem, homem? — Jackson! O meu foguista! Libertando-se, Banlon correu até a ponte e olhou para as sombrias profundezas. Deu alguns passos e tornou a olhar. Desta vez permaneceu onde estava, primeiro ajoelhando-se, e depois curvando-se até deitar na neve. Logo em seguida os outros o rodearam. O grupo incluía o sargento Bellew e alguns soldados, que espiavam desajeitados por sobre a amurada da ponte. Dezoito, talvez vinte metros abaixo, uma silhueta jazia encolhida sobre uma projeção da rocha. Cerca de trinta metros abaixo, vislumbravam-se as águas espumantes do rio correndo nas profundezas da garganta.

— E então, Doutor Deakin? — falou Pearce.

A ênfase no "Doutor" era mínima, porém discernível. Deakin respondeu, seco: — Está morto. Qualquer idiota é capaz de perceber.

— Não me considero idiota, mas não percebo — replicou Pearce, tranquilo. — Talvez precise de assistência médica. Concorda, Coronel Claremont? — Não tenho o direito de pedir a este homem...

— Pearce também não tem — replicou Deakin. — Se eu descer, que garantias me dão de que Pearce não fará com que a corda escorregue? Todos conhecemos o alto conceito em que o Xerife me tem, e sabemos, que, após o julgamento, estou destinado à forca. Pouparia ao Xerife muito tempo e trabalho se eu caísse acidentalmente no fundo da garganta.

— Seis dos meus soldados segurarão a corda, Deakin — replicou Claremont, cujo rosto parecia talhado em pedra.

— Isto é um insulto à minha pessoa.

— Verdade? — Deakin fitou-o, pensativo. — Sim, creio que sim. Peço desculpas. — Tomando uma corda fez um laço duplo, por onde passou as pernas, envolvendo, em seguida, a cintura. — Gostaria de levar outra corda.

— Outra corda? — Claremont franziu o cenho. — Esta é capaz de aguentar um cavalo.

— Não estava pensando em cavalos. Acharia justo que um Coronel do Exército ficasse ali caído para que as aves de rapina o devorassem até aos ossos? Ou são só os homens da Cavalaria que têm direito a um sepultamento decente? Claremont lançou um olhar de soslaio a Deakin e, voltando-se, fez um sinal para Bellew. Um minuto após, um soldado voltava com outra corda. Depois de uma descida ondulante, de entontecer, Deakin apoiou-se na projeção de rocha onde tombara o corpo despedaçado de Jackson.

Por quase um minuto, açoitado pelo vento que uivava na ravina, Deakin permaneceu inclinado sobre o corpo. Em seguida, atou a corda na cintura do foguista, levantou-se e fez sinal para que o içassem à ponte.

— E então? — perguntou o impaciente Claremont. Deakin desatou a corda e friccionou os joelhos doloridos.

— Crânio fraturado, quase todas as costelas quebradas. — E, fitando Banlon interrogativamente: — Ele tinha um trapo amarrado no pulso direito.

— É exato. — Banlon parecia ter encolhido uns cinco centímetros. — Estava do lado de fora, limpando a neve da minha janela, quando caiu. Amarrar um trapo no pulso é um velho truque de foguista. Assim pode segurar-se com ambas as mãos.

— Mas não se segurou por muito tempo, não é? Acho que sei por quê. Xerife, é melhor que venha. Como representante da lei terá que assinar o certificado de óbito.

Médicos expulsos da profissão não têm tal privilégio.

Depois de hesitar, Pearce acompanhou Deakin, seguido de perto por O'Brien. Chegando à locomotiva, o rapaz deu alguns passos e olhou para cima. A neve nas proximidades da janela do engenheiro fora retirada. Subiu para o trem e, observado por

Pearce, O'Brien e Banlon, que se reunira a eles, olhou primeiro em volta, depois à retaguarda.

Dois terços do tênder se achavam vazios, com a maior parte da lenha amontoada no fundo. À direita, os toros achavam-se em desordem pelo chão, como se uma pilha houvesse desabado .

O olhar de Deakin tornara-se muito alerta. Franziu o nariz e, após um instante, baixou a vista. Inclinando-se, estendeu a mão para além de um amontoado de lenha, levantou-se e exibiu uma garrafa.

— Tequila. Cheirava a bebida, e parte caíra nas suasroupas.
— Fixando Banlon com olhar incrédulo perguntou: — E você não sabia? — Era o que eu ia perguntar.

A expressão de Pearce era sombria.

— Juro por Deus, Xerife. — Se Banlon continuasse a encolher naquela proporção, seu eventual desaparecimento seria simples questão de tempo. — Não tenho sentido do olfato. Pergunte a qualquer um. Não conhecia Jackson até que ele se reuniu a nós em Ogden. E eu não sabia que ele bebia isso.

— Agora sabe. — Claremont entrou no vagão. — Agora todos nós sabemos. Pobre diabo. Quanto a você, Banlon, vou colocá-lo sob regulamento militar. Se beber acabará na prisão de Fort Humboldt e providenciarei para que seja expulso da Union Pacific.

Banlon tentou assumir expressão ofendida, mas não conseguiu.

— Nunca bebo em serviço, Coronel.

— Estava bebendo ontem na estação de Reese City.

— Não quando dirijo o trem.

— Basta por hora. Alguma pergunta. Xerife? — Nenhuma, Coronel. Para mim é um caso encerrado.

— Certo. — Claremont voltou-se para Banlon. — Darei ordens a Bellew para escalar um soldado que sirva de foguista.

Com um gesto de despedida, voltou-se para sair.

Banlon deteve-o, dizendo apressadamente: — Duas coisas, Coronel. Como vê, o combustível está acabando e há um depósito cerca de dois quilómetros adiante, no vale.

— Sim, sim. Providenciarei um destacamento para carregar a lenha. E...? — Estou exausto, Coronel. E essa história de Jackson ... Se Devlin... o homem do freio — pudesse me substituir daqui a duas horas...

— Providenciarei. Um soldado, usando o boné pontudo da Cavalaria, espreitou para fora da locomotiva através a neve que caía espessa e disse para Banlon: — Acho que o depósito de combustível se aproxima.

Banlon reuniu-se a ele, fez que sim, e voltou aos controles, parando o trem devagar, de modo a colocar a locomotiva e o tender precisamente junto ao depósito — um barracão de três paredes -, com a parte dianteira aberta, e atulhado de lenha.

— Chame a turma que vai fazer o carregamento — pediu Banlon.

7

A turma, uma dúzia de soldados, surgiu em questão de segundos e parecia bastante infeliz. Tinha-se a impressão de que, se lhes permitissem escolher, optariam por lutar contra índios hostis, duas vezes mais numerosos do que eles mesmos, em vez de executar aquela tarefa. Sua relutância era perfeitamente compreensível: embora fosse quase meio-dia, o céu estava tão escuro, a neve açoitada pelo vento era tão espessa, que a claridade era a mesma do anoitecer, a visibilidade estendia-se a uns poucos metros e o frio tornava-se mais vivo a cada instante. Os soldados, tremendo e batendo com os pés, formaram fileiras de costas para a nevasca e passaram a lenha de mão em mão entre o depósito e o tender, trabalhando com rapidez. Ninguém precisava dizer-lhes que quanto mais cedo terminassem, mais depressa voltariam ao relativo calor dos vagões.

Um tanto à retaguarda, do outro lado do trem, uma figura indistinta movimentava-se rápida e silenciosamente ao longo da linha, galgando a plataforma do vagão de carga. A porta estava trancada. O homem, vestindo um velho casaco do Exército e o boné pontudo da Cavalaria, inclinou-se e examinou a fechadura. Tirando do bolso um pesado molho de chaves, escolheu uma e utilizou-a. A porta abriu-se e fechou-se logo em seguida.

Um fósforo foi riscado, e uma pequena lâmpada a óleo acendeu-se. Deakin sacudiu a neve do sobretudo que O'Brien lhe emprestara como proteção contra os elementos.. Adiantou-se para o centro do vagão e olhou em volta.

Aos fundos, empilhados em fileiras de quatro, sobre prateleiras improvisadas de ambos os lados de um corredor central, viam-se exatamente trinta e dois caixões idênticos, em feitio e tamanho. A julgar pelas aparências, quem fabricava caixões para o Exército imaginava todos os militares da Cavalaria do mesmo porte, tamanho e peso. O restante do vagão estava ocupado por diversos

tipos de suprimentos. À direita, viam-se empilhados alimentos em sacas e em caixotes. À esquerda, havia uma pilha de caixas de madeira reforçadas com tiras de cobre, ocupando espaço relativamente reduzido, e objetos não identificados— recobertos por lona encerada.

As caixas de madeira traziam o letreiro: Suprimentos do Corpo Médico — Exército dos Estados Unidos. Deakin ergueu uma ponta da primeira lona. As caixas, também de madeira encerada, ostentavam em grandes letras vermelhas: Perigo! Perigo! Perigo! As demais protegiam volumes marcados da mesma maneira. O último e menor dos encerados revelou, ao ser erguido, uma caixa cinzenta, alta e estreita, munida de uma alça de couro e marcada com a legenda: Correio e Telégrafo do Exército dos Estados Unidos.

Deakin retirou a lona que a recobria, enrolou-a, guardou-a sob o sobretudo, pegou a caixa e, apagando a lâmpada, saiu fechando a porta. No breve espaço de tempo em que estivera no interior do vagão, a visibilidade reduzira-se. Ainda bem que possuíam a segurança dos trilhos para orientá-los, refletiu Deakin. Com um tempo daqueles, cavalo e cavaleiro, ou cavalos e carruagem acabariam provavelmente nas profundezas da ravina.

Arrastando o pesado transmissor e sem fazer nenhuma tentativa para esconder-se, Deakin caminhou apressado ao longo do vagão de carga e galgou a plataforma dianteira do primeiro vagão de cavalos. A porta estava aberta. Entrando, fechou-a, colocou o transmissor no chão, localizou o lampião, e acendeu-o. Quase todos os cavalos estavam de pé, a maioria mastigando, sorumbáticos, o feno das manjedouras presas à parede do vagão. Tinham pouco espaço para se mover nas baias individuais, mas pareciam não se importar. Nem sequer se preocuparam com a presença de Deakin. Os poucos que se deram ao trabalho de tomar conhecimento de sua presença olharam-no indiferentes e desviaram a cabeça. Deakin, por sua vez, não prestou atenção aos cavalos. Estava muito mais interessado na sua fonte de alimentação: uma caixa de madeira cheia de feno, que chegava quase ao teto. Removendo duas tábuas do alto, subiu até o cimo da pilha, abriu um profundo buraco ao fundo, junto à parede do vagão. Em

seguida, saltando ao chão, envolveu o transmissor na lona e carregou-o para o alto da pilha, enterrando-o no buraco e cobrindo-o com uma camada de feno de quase um metro de altura. Mesmo com o pior dos azares, calculou Deakin, o transmissor ficaria escondido pelo menos vinte e quatro horas. E um dia era quanto lhe bastava.

Apagou a lâmpada, saiu e dirigiu-se à porta traseira do segundo vagão. • Sacudindo o sobretudo na plataforma, entrou, pendurou-o num cabide no corredor dos beliches e adiantou-se, estufando o peito com ar satisfeito. Inclinando-se, espreitou por uma porta aberta à direita.

A cozinha era pequena, mas impecável, com uma fileira de panelas fervilhando no fogão a lenha. Seu ocupante, ao voltar-se, revelou ser um negro baixo e muito gordo, vestindo o uniforme regulamentar de cozinheiro, inclusive o chapéu alto de mestre-cuca. Abriu um sorriso largo para Deakin, exibindo os dentes brancos e brilhantes.

— Bom dia, senhor.

— Bom dia. Deve ser Carlos, o cozinheiro.

— Isso mesmo. — Carlos sorriu, feliz. — O senhor deve ser Deakin, o assassino. Bem a tempo para o café, senhor.

Tendo a seu lado Claremont, Banlon encontrava-se na plataforma da locomotiva, examinando o tênder. Voltandose, inclinou-se para fora.

— Basta. Está cheio. Muito obrigado.

O sargento Bellew ergueu a mão em resposta, e disse qualquer coisa para seus homens, que seguiram, gratos, em direção aos respectivos vagões, desaparecendo logo na escuridão onde a neve redemoinhava.

— Pronto para partir, Banlon? — perguntou Claremont.

— Tão logo a nevasca amaine, Coronel.

— Claro. Disse que queria ser substituído pelo guardafreios. Uma boa ocasião para isso.

— Disse isso, mas a ocasião não é boa, Coronel — replicou com firmeza. — Nos próximos cinco quilómetros quero Devlin exatamente onde se encontra.

— Nos próximos cinco quilómetros? — Até o alto da Garganta do Carrasco. A subida mais íngreme destas montanhas.

Claremont anuiu.

— Um guarda-freios deve ter a sua utilidade. O6 Fort Humboldt situava-se na cabeça de um estreito vale rochoso que desembocava a oeste, numa planície. Sua posição estratégica fora muito bem escolhida. À retaguarda, para o norte, havia um rochedo a pique; para leste e sul, o Forte era rodeado por uma ravina, estreita mas muito profunda, cujo lado oriental era atravessado pela ponte da estrada de ferro. A linha passava na direção leste-oeste diante do Forte, descendo lentamente o vale, rumo à planície situada mais adiante. Do ponto de vista da defesa, Humboldt não poderia estar mais vantajosamente situado. Só era acessível pela ponte ou pelo vale. Voltado para cada uma dessas direções, um pequeno grupo de homens decididos e bem entrincheirados deteriam com facilidade outro grupo dez vezes mais numeroso.

Do ponto de vista arquitetural, o Forte nada tinha de original. Erguido anos antes do término da construção da Union Pacific Railway em 1869, dependera inteiramente do material de construção local e das abundantes coníferas que lhe proporcionavam ilimitado suprimento de madeira. A estacada fora construída da forma costumeira: um quadrilátero com uma plataforma de cerca de metro e vinte de altura, em toda a sua extensão interna. O pesado portão, voltado para a estrada de ferro e para o rio que serpenteava pelo vale, abria-se para o sul; junto dele, no interior, à direita, havia a casa da guarda, e à esquerda, o depósito de armas, munições e explosivos.

Todo o lado leste do recinto era ocupado pelas estrebarias. Para oeste, ficavam os alojamentos dos soldados e a cozinha; a face norte era ocupada pelos alojamentos dos oficiais, as salas da administração e do telégrafo, a enfermaria e acomodações para os viajantes. . o , . Escritório Alojamento dos oficiais Enfermariacansados que faziam do Fort Humboldt seu porto de esca!a com natural frequência. O local ficava a uma longa distância de qualquer outro ponto civilizado.

Aproximava-se do Forte, vindo do oeste, dos lados do vale, um grupo de cansados viajantes que pareciam ansiar por tudo o que o local pudesse oferecer em matéria de abrigo e hospitalidade. Eram índios envoltos até as orelhas, na vã tentativa de se protegerem do frio cortante e da neve que caía esparsa. Pareciam cansados, muito cansados, mas não tão exaustos como seus cavalos, que literalmente se arrastavam pela neve que lhes chegava às juntas. Dentre eles, somente o chefe — índio de face extraordinariamente pálida e de beleza fora do comum — parecia alheio à fadiga, sentado muito ereto na sela. Mas era assim que se portava sempre o chefe dos Paiutes.

Conduzindo seus homens através dos portões abertos e desguarnecidos, ergueu a mão num gesto de dispersar e atravessou o recinto, parando diante de uma cabana que ostentava sobre a porta o letreiro: Comandante. Desmontando, o índio subiu os degraus, entrou e fechou rapidamente a porta para impedir que a neve rodopiante penetrasse.

Sepp Calhoun estava sentado na cadeira do Coronel Fairchild, pés sobre a escrivaninha, um dos charutos do Comandante entre os dedos, um copo de uísque na outra mão.

Erguendo a vista, tirou os pés de cima da mesa e levantou[^] se, gesto de respeito fora do comum em Sepp Calhoun, que em geral não manifestava respeito por ninguém.

Mas pessoa alguma era desrespeitosa diante daquele índio. Nunca por mais de uma vez.

— Bem-vindo, White Hand — saudou Calhoun. — Veio rápido.

— Em temperatura como esta, o homem sensato não se atrasa.

— Tudo bem? A linha para São Francisco...— Está cortada. — Com gesto imperioso, quase com desdém, White Hand afastou a garrafa de uísque que lhe era oferecida. — Destruímos a ponte sobre a garganta de Anitoba.

— Muito bem, White Hand. Agiram bem, você e seus homens. Quanto tempo nos resta? — Antes que os soldados cheguem do Oeste? — Sim. Não que haja razão para supor que desconfiem de algum problema em Fort Humboldt. Mas não podemos nos arriscar.

— Os riscos são grandes, Sepp Calhoun. — Meditou um instante. — Três dias, não menos.

— Maft que suficiente. O trem chega amanhã entre o meio-dia e o anoitecer.

— Os soldados do trem? — Ainda não temos notícia. — Calhoun hesitou, pigarreando, como quem pede desculpas. — Seria bom que você e seus homens descansassem algumas horas.

Talvez precisem viajar novamente antes do anoitecer.

Houve um silêncio, durante o qual o índio, impassível, fixou Calhoun que se tornava cada vez mais embaraçado.

— Há momentos, Calhoun, em que White Hand duvida de seu juízo. Fizemos um acordo para capturar este Forte, deve lembrar. Você e seus amigos viriam aqui na escuridão pedir abrigo para a noite. Seriam convidados a entrar, pois são homens brancos e a neve caía. Isto aconteceu. Depois matariam os guardas, abririam os portões e nos deixariam entrar para abater os soldados em suas camas.

Calhoun estendeu a mão para a garrafa de uísque.

— Foi uma noite terrível, White Hand. Não exergávamos bem. Conforme disse, nevava, havia uma tremenda tempestade . Pensamos...

— A tempestade estava em sua cabeça e a neve saiu da garrafa de aguardente. Eu senti o cheiro. Dois dos guardas que não foram abatidos tiveram tempo de soar o alarme.

O tempo foi suficiente para que quinze dos meus melhoreshomens morressem. Aguardente! Uísque! E os homens brancos são melhores que os de pele vermelha! — Escute, White Hand. Você precisa compreender...

— Compreendo tudo. Compreendo que você só se importa consigo mesmo, com seus amigos que são homens maus, e não os Paiutes. Depois viajamos uma noite e um dia para destruir a ponte de Anitoba. Isso também nós fizemos. E agora você nos pede para repetir isso.

Calhoun, nervoso, quis aplacá-lo.

— É só uma possibilidade, White Hand. É preciso impedir que aqueles soldados cheguem até aqui, você sabe.

— Posso perder mais homens, é certo que perca, mas não para você, Calhoun. Não para o seu uísquu, maligno, e •sim pelo que fizeram ao meu povo. O exército dos homens brancos é meu inimigo e sempre será enquanto eu viver, Mas eles são também guerreiros bravos e hábeis. E se descobrirem que foi White Hand e os Paiutes que os atacaram não descansarão até nos caçarem e destruírem cada um de nós. Eu digo que o preço é alto demais, Sepp Calhoun.

— E se não restar homem branco para contar o que aconteceu? — Calhoun deixou que a ideia tomasse corpo e continuou, persuasivo: — A recompensa será ainda maior.

Após uma longa pausa, White Hand meneou várias vezes a cabeça, em sinal de afirmação.

— A recompensa será ainda maior.

Quinze minutos depois que o trem militar começou a galgar penosamente o Passo do Carrasco, Mariah instalou-se à janela do salão, indiferente aos seis homens sentados às suas costas e ao frio glacial do vidro contra o qual apoiava a testa. Sem se dirigir a ninguém em particular, falou: — Que paisagem fantástica! Impossível censurá-la pelo comentário. A tempestade cessara, e de onde se encontrava, Mariah via a estrada descrever uma curva, prolongar-se pela extensão de quase três quilômetros, contornar o magnífico vale branco pontilhado de coníferas, até chegar à ponte leve, que unia a garganta ao pé do vale. Como tantas vezes acontece depois de uma nevasca, a atmosfera apresentava uma limpidez extraordinária.

Claremont não estava interessado na paisagem. Tinha assuntos mais prementes e graves em que pensar.

— Fez algum progresso no inquérito, Xerife? — Não, senhor. — Pearce não parecia infeliz, pois não estava em sua natureza sentir ou expressar tal emoção, mas não se poderia, de forma alguma, naquele momento, descrevê-lo como eufórico. — Ninguém sabe coisa alguma, ninguém viu nada, ninguém fez nada, ninguém ouviu nada e ninguém desconfia de pessoa alguma. Não, não se pode dizer que eu tenha feito progressos.

— Não sei — falou Deakin, encorajando-o. — Todo processo de eliminação ajuda, não é, Xerife? Por exemplo: eu estava amarrado, de modo que não poderia ter sido o assassino. Isto significa que restam apenas oitenta e poucos suspeitos. Para um homem de...

Deakin calou-se, pois naquele instante ouviu-se um estrondo. Claremont, já quase de pé, disse no tom de alguém que sabe que a ameaça não está pendente; já chegou: — Que foi isso?

Mariah não lhe permitiu dúvidas quanto à correção do seu diagnóstico, ao gritar: — Não! Não! Não! Além de Claremont, Pearce e Deakin, havia três homens no salão: O'Brien, o Governador e o Reverendo Peabody. Em dois segundos, estavam todos de pé e corriam para a janela onde se encontrava Mariah. E a fisionomia dos seis refletiu, ou pareceu refletir, toda a consternação, o choque e o horror que soavam na voz de Mariah.

Os três últimos vagões do trem — os que carregavam os soldados e o vagão-freio — haviam se separado do restante do comboio e rolavam velozes a íngreme descida do Passo do Carrasco. O espaço cada vez maior entre o primeiro carro de tropas e o segundo vagão dos cavalos mostrava a rapidez com que as três unidades desligadas aceleravam na descida. Deakin gritou: — Pelo amor de Deus, saltem! Saltem agora, antes que seja tarde demais.

Mas ninguém saltou.

O vagão do meio, o segundo de tropas, onde se encontrava o sargento Bellew, já começava a ondular da maneira mais alarmante. O ruído das rodas nas brechas de expansão dos trilhos acelerava de ritmo a cada instante. E, como as talas que sustentavam os trilhos estavam presas ao dormentes, por cavilhas, havia o crescente perigo de que a própria linha se desprendesse do leito da estrada.

A confusão entre os soldados dos carros era total. Suas fisionomias iam da estupefação ao pânico. Procurando' manter o equilíbrio, a maioria se agitava loucamente, sem finalidade ou propósito. Dois deles, porém, açoitados pelo tom de urgência na voz de Bellew, lutaram desesperadamente para abrir as portas laterais. Após instantes de luta inútil, desistiram. Um deles ergueu a

voz acima do escarcéu, e suas palavras eram pouco menos que um grito: — Meu Deus! As portas estão trancadas! Pelo lado de fora! Horrorizados, os seis homens e a moça, completamente incapazes de ajudá-los, olhavam os carros desgarrados, que já começavam a descrever a curva do Passo do Carrasco a um quilómetro de distância, pelo menos, acelerando implacavelmente e oscilando de modo aterrador, a ponto das rodas já começarem a se separar dos trilhos.

Claremont gritou: — Devlin! O guarda-freios! Por que, em nome de Deus, não faz alguma coisa?

A mesma ideia, e com mais urgência, ocorreu ao sargento Bellew. — O guarda-freios! O guarda-freios!

— Por que, em nome de Deus, não faz alguma coisa?

Bellew correu, ou antes, oscilou ao longo do corredor que vibrava todo, em direção à porta dos fundos, tarefa facilitada pelo fato de o espaço central estar livre, pois quase todos os soldados comprimiam o rosto aterrorizado contra as vidraças, magnetizada pela paisagem que deslizava indistinta, hipnotizados pelo choque, aceitando cegamente o inevitável.

Bellew alcançou a porta de trás e lutou desesperadamente com a maçaneta. Estava trancada também. Sacando do Colt, o sargento disparou quatro vezes acima e ao lado da maçaneta, indiferente aos ricochetes que assobiaram, letais, pelo vagão. Naquele instante havia perigos mais terríveis em que pensar. Após o quarto disparo, a porta cedeu sob a pressão desesperada.

Ao sair para a plataforma traseira, foi imediatamente açoitado pelo vento, que tinha quase a força de um furacão, e pelas sacudidas violentas do vagão. Para salvar-se foi obrigado a agarrar-se com ambas as mãos ao gradil. O Colt, que empunhava com a direita, caiu, rodopiando para fora do trem.

Bellew fez uma opção suicida, mas entre a morte súbita por suicídio e a outra, igualmente certa, por causas externas, não há diferença. Atirou-se para a plataforma dianteira do vagão do freio, agarrou-se ao gradil, deteve-se na temporária segurança que o lugar ofereceu e avançou para a porta. Girou a maçaneta, empurrou, puxou com violência descontrolada, mas também esta,

como era de prever, estava trancada. Bellew encostou o rosto à vidraça e espiou para dentro. Seus olhos arregalaram-se e o rosto assumiu a máscara do desespero total e derradeiro, ante uma constatação que chega tarde demais.

A grande roda do freio encontrava-se no extremo do vagão, mas não havia mãos segurando-a. Ao invés disso, as mãos seguravam uma Bíblia aberta e emborcada no assoalho do vagão. Devlin, de bruços, achava-se caído junto a sua cama improvisada. Entre os ombros magros projetava-se o cabo de um punhal.

Bellew desviou o rosto em pânico e fixou, quase sem compreender, os pinheiros carregados de neve que orlavam o rio, zunindo na obscuridade a uma velocidade de cem quilômetros horários. E persignou-se, coisa que não fazia desde a infância. O medo desapareceu de sua fisionomia, dando lugar à resignação, à aceitação da morte inevitável.

8

No salão, as sete testemunhas horrorizadas guardavam absoluto silêncio, pois nada havia a dizer. Como Bellew, embora de um ponto de vista totalmente diverso, aceitaram também a inevitabilidade da morte.

Os carros desgarrados, a dois quilômetros de distância e ainda milagrosamente nos trilhos, avançavam para a curva final que conduzia à ponte. Mariah voltou as costas à janela num movimento convulsivo e escondeu o rosto nas mãos quando viu que os carros não conseguiam descrever a última curva. Saltaram dos trilhos — ou talvez estes tivessem sido arrancados com eles, daquela distância era impossível dizer — e tombaram de lado no precipício da garganta, rodopiando quase lentamente no ar, até que os três, ainda unidos, assumiram posição vertical, posição que ainda mantinham quando se despedaçaram simultaneamente na rocha a pique da garganta, com o estrondo de um depósito de munições que tivesse ido pelos ares. Todos os que se encontravam a bordo tiveram morte instantânea, sem dúvida alguma. Por um longo segundo os vagões achatados, despedaçados, permaneceram naquela posição, aparentemente presos à face da garganta, e como que relutando em mover-se; depois, com decisão e vagar, num grotesco contraste com a velocidade do momento do impacto, rolaram preguiçosamente para as profundezas do abismo.

Os onze sobreviventes dos passageiros que haviam embarcado em Reese City, a maioria dos quais tremia violentamente, reuniram-se no extremo posterior do segundo vagão de cavalos — agora a retaguarda do trem — examinando os engates, cuja ponta livre estivera presa à parte dianteira do vagão dos soldados. Três das quatro resistentes cavilhas encontravam-se ainda no seu lugar, na plataforma.

Claremont fixou, incrédulo, a placa e as cavilhas.

— Mas como, como, como poderia ter acontecido? Veja o tamanho destas cavilhas!

— Não que eu tenha intenção de descer à ravina para investigar — embora quaisquer provas estejam agora reduzidas a estilhaços — mas o que eu gostaria de ver era a condição da madeira a que estavam presas estas cavilhas.

— Mas acho que ouvi um disparo...

— Ou talvez o estalo da madeira pesada partindo-se ao meio — sugeriu Deakin.

— É claro. — Claremont deixou cair a corrente e a placa. — É claro. Deve ter sido isso. Mas por que... Banlon, você é o engenheiro. Na verdade, é o único funcionário da ferrovia que nos resta.

— Juro por Deus que não tenho a menor ideia. A madeira devia estar podre — isto pode acontecer sem que haja sinais evidentes — e esta é a mais íngreme subida das montanhas. Mas estou apenas fazendo suposições. O que não entendo é por que Devlin não fez alguma coisa.

A fisionomia e a voz de Claremont eram sombrias, — Há coisas que jamais saberemos. O que passou, passou. A primeira coisa a fazer é entrar em contato com Reese City ou Ogden. Precisamos substituir imediatamente aqueles pobres-diabos e que Deus conceda descanso às suas almas. Que maneira de morrer! A única morte para um militar da cavalaria é diante do inimigo. — Claremont, menos pragmático do que gostaria de parecer, precisou fazer um esforço consciente para voltar à realidade do momento. - — Graças a Deus, pelo menos não perdemos os suprimentos médicos.

Deakin não aparentava disposição para demonstrar simpatia a Claremont.

— Não teria feito a menor diferença.

— Que quer dizer com isso? — Suprimentos médicos não têm grande valia quando não há médico para ministrá-los.

Claremont permitiu-se uma pausa de segundos.

— Você é médico. — Já não sou.

O círculo de ouvintes estava atento. Um laivo de interesse começava a manifestar-se até mesmo no rosto ainda chocado de Mariah.

Claremont começou a exaltar-se.

— Que diabo, Deakin, há cólera lá em cima! Seus semelhantes ...

— Meus semelhantes vão me enforcar, provavelmente, e apesar dos protestos de Pearce, na árvore mais próxima. Meus semelhantes que vão para o inferno. Além disso, conforme diz, há cólera lá em cima.

Claremont demonstrou tanto desprezo quanto possível sem arreganhar os dentes.

— É essa a sua verdadeira razão? — E das melhores.

O Coronel voltou-lhe as costas, enojado, e dirigiu-se ao trêmulo grupo.

— Nunca aprendi Morse. Um de vocês...

— Não sou nenhum Ferguson — disse O'Brien. — Mas, se me der algum tempo...

— Obrigado, Major. Henry, encontrará o aparelho na parte anterior do vagão de mantimentos, debaixo de uma lona. Traga-o para o salão, por favor. — E voltando-se para Banlon, amargo: — Creio que a única vantagem desta medonha história é conseguirmos chegar mais cedo ao Forte. Com a falta daqueles vagões...

— Não chegaremos mais rápido — replicou Banlon, pesadamente. — Devlin era, além de mim, a única pessoa capaz de dirigir o trem. E eu vou precisar dormir.

— Meu Deus, eu tinha esquecido. Agora? — Posso andar duas vezes mais rápido durante o dia. Procurarei aguentar até a noite. A essa altura — fez um sinal de cabeça para o soldado fogueira que estava próximo — Rafferty e eu estaremos muito cansados, Coronel.

— Compreendo. — Olhou para a corrente e a placa pendentes no chão. — E o fator segurança, Banlon? O engenheiro levou algum tempo esfregando a barba grisalha no rosto enrugado, depois falou: — Não sei, Coronel. Qualquer problema pode surgir. Quatro coisas

principalmente. Isto foi uma chance num milhão — nunca soube de um caso — e as probabilidades de repetir-se são as mesmas. Tenho muito menos peso para puxar, de modo que a pressão sobre os engates será menor. Esta é a subida mais íngreme da linha e quando chegarmos ao alto será muito mais fácil.

— Falou em quatro coisas. Mencionou apenas três.

— Desculpe, Coronel. — Esfregou os olhos. — Estou cansado, é só. O que vou fazer agora é pegar um cravo e um martelo e testar toda a madeira ao redor de cada engate.

a única maneira de se verificar com certeza se está podre ou não, Coronel.

— Obrigado, Banlon. — Claremont voltou a atenção para Henry, que ostentava a expressão de um homem a quem o destino já não pode surpreender. — Pronto? — Não.

— Que quer dizer? — Quero dizer que desapareceu.

— O quê? — Não está no vagão de carga, Coronel. Com toda certeza.

— Impossível.

Henry fixou o olhar num ponto distante.

— Tem certeza? Na voz de Claremont transparecia menos a incredulidade que o esforço para entender, o espanto e cansaço de um homem a quem um excesso de coisas incompreensíveis aconteceu muito rapidamente. Henry assumiu um ar de ofendida paciência, que assentava bem em sua lúgubre fisionomia.

— Não desejo parecer impertinente ao Coronel, mas sugiro que verifique pessoalmente.

Claremont conteve um incipiente ataque de apoplexia.

— Vamos, todos! Revistem o trem! — Duas coisas, Coronel — interveio Deakin, olhando em volta e contando pelos dedos. — A primeira é que das dez pessoas a quem está se dirigindo, Rafferty é a única que tem obrigação de obedecer às suas ordens. Nenhum dos demais está direta ou indiretamente sob o seu comando, o que torna a situação um tanto desagradável para coronéis autoritários, acostumados à obediência imediata. A segunda é: creio que não vale a pena fazer outra busca.

Claremont fez esforços ainda mais violentos para conter-se e, finalmente, lançou a Deakin um olhar de fria interrogação.

— Esta manhã, enquanto nos reabastecíamos, vi alguém tirar do vagão dos mantimentos uma caixa do tamanho aproximado de um transmissor e recuar pelo leito da estrada, levando-a consigo. A neve era espessa e a visibilidade... bem, todos sabemos como ela estava. Não pude distinguir quem era.

— Supondo-se que fosse Ferguson. Por que faria uma coisa dessas? — Como é que eu saberia? Ferguson ou não, falar com a pessoa não falei. Por que devo raciocinar pelo senhor? — Está cada vez mais impertinente, Deakin.

— Não creio que possa tomar alguma providência a respeito. — Deakin deu de ombros. — Talvez quisesse consertá-lo.

— E por que o tiraria do lugar? Deakin manifestou um repente de irritação que não lhe era característico.— Como diabo... — Interrompeu-se. — O vagão de mantimentos é aquecido?

— Não.

— E a temperatura está abaixo de zero. Se ele quisesse fazer reparos, ou trabalho de manutenção, teria levado o aparelho para um local aquecido. Um dos vagões de tropas. E ambos se encontram no fundo da ravina, inclusive o transmissor. Eis a resposta à sua pergunta.

Claremont, controlando-se com energia, falou, pensativo: — É muito fluente na réplica, Deakin.

— Oh, meu Deus! Vá revistar o maldito trem.

— Não. Deve ter razão, porque aparentemente não há outra explicação. — E aproximando-se de Deakin: — Você me parece familiar.

Deakin fixou-o rapidamente e desviou o rosto.

— Já estive no Exército? — Não.

— Da União ou Confederado? — Nenhum dos dois.

— Nenhum? — Já disse: detesto violência.

— Então, onde estava durante a Guerra de Secessão? Deakin fez como se procurasse recordar e finalmente respondeu: — Califórnia. Os acontecimentos do Leste não me pareciam importantes.

Claremont meneou a cabeça.

— Como você aprecia a segurança de sua própria pele, Deakin.

— Pode-se amar a piores coisas na vida — replicou, indiferente.

Voltando-se, caminhou lentamente pelo leito da estrada. Henry, olhar pensativo, viu-o afastar-se com seu jeito lúgubre. Dirigindo-se a O'Brien, falou em voz baixa:— Sinto o mesmo que o Coronel. Tenho a impressão de que já o vi antes.

— Quem é ele? — Não sei. Ignoro como se chama e não me lembro onde o vi. Mas lembrarei.

Pouco depois do meio-dia recomeçou a nevar, mas não o bastante para prejudicar a visibilidade. O trem, agora com cinco carros apenas, além do tender, adiantava-se a boa velocidade pelo vale serpenteante, deixando para trás uma longa pluma de fumaça. No salão de jantar, apenas um dos sobreviventes instalara-se para uma lúgubre refeição. Claremont voltou-se para Henry.

— Avise ao senhor Peabody que vamos almoçar. Quando Henry saiu, o Coronel disse ao Governador: — Mas Deus sabe que não tenho apetite.

— Nem eu, Coronel, nem eu.

A aparência do Governador confirmava as suas palavras. A ansiedade da noite anterior continuava em seu rosto, acrescida de uma nova palidez. As bolsas sob os olhos estavam escuras e rajadas de vermelho e, pelo que se podia ver das faces sob a esplêndida barba, parecia mais abatido que nunca. A cada minuto que passava o Governador se tornava menos parecido com Buffalo Bill.

— Que medonha viagem, que medonha viagem! — murmurou. — Todos os soldados, todos aqueles esplêndidos rapazes perdidos! O Capitão Oakland e o Tenente Newell desaparecidos. E é possível que estejam mortos também. Depois o Doutor Molyneux — também morto. Não só morto, mas assassinado. E o Xerife não tem a menor ideia de quem... Meu Deus! Poderia estar sentado aqui, entre nós. Refiro-me ao assassino.

Pearce falou, tranquilo: — Aposto um contra dez que não está, Governador. O mais provável é que se encontre lá no fundo da ravina.— Como sabe? — O Governador meneou lentamente a cabeça. — Como poderia alguém saber? A gente se pergunta o que virá a seguir.

— Não sei — respondeu Pearce. — Mas a julgar pela expressão de Henry já aconteceu.

Henry, que entrava naquele instante, parecia um homem acuado, abrindo e fechando convulsivamente as mãos. Com voz rouca, falou: — Não consigo encontrá-lo, senhor. O Pastor. Ele não está na cabina.

9

O Governador Fairchild emitiu um gemido audível. Ele e Claremont entreolharam-se com a mesma sombria premonição no olhar. A fisionomia de Deakin parecia esculpida em pedra, os olhos escuros e frios. Em seguida, relaxou e disse com calma: — Não pode ter ido longe. Falei com ele há uns quinze minutos.

— Eu notei — disse Pearce, sombrio. — A respeito de quê? — Estava tentando salvar a minha alma — explicou Deakin. — Mesmo quando observei que assassinos eram desalmados...

— Cale-se! — A voz de Claremont era quase um grito. — Revistem o trem! — Devemos parar, Coronel? — Parar, O'Brien? — Estão acontecendo coisas neste trem, Coronel. — O'Brien não tentou atribuir qualquer significado especial às suas palavras e nem era preciso. — Ele talvez esteja a bordo. Talvez não esteja. Neste caso, nós o encontraremos junto à linha. Não pode ter caído num precipício, pois não passamos por nenhum há mais de uma hora. Se estiver lá fora, teremos que recuar pela linha e cada metro que avançarmos...

— Claro. Henry, avise a Banlon.

Henry correu para a frente, enquanto o Governador" Claremont, O'Brien e Pearce se dirigiam para a retaguarda.. Deakin permaneceu onde se encontrava, evidentemente sem intenção de ir a parte alguma. Mariah fitou-o com expressão que estava longe de ser amigável. Seus olhos escuros eram tão frios quanto podem ser olhos cordiais; os lábios estavam contraídos. Quando falou foi com hostil incredulidade.

— Talvez esteja doente, ferido ou moribundo e você fica aí sentado. Não vai ajudar a procurá-lo? Deakin recostou-se tranquilamente na cadeira, cruzou as pernas, tirou do bolso um charuto e acendeu-o. Em tom de surpresa que parecia genuína falou: — Eu? Claro que não. Que significa ele para mim? Ou eu para ele? O reverendo que vá para o diabo.

— Mas é um homenzinho tão simpático. — Difícil dizer se Mariah estava mais chocada com o palavreado ou com a fria indiferença. — Ele estava aqui sentado, conversando com você...

— Veio porque quis. Agora, que se arranje. Incrédula, escandindo as palavras, Mariah murmurou: — Você não se importa.

— Exatamente.

— O Xerife tinha razão e eu estava errada. Devia ter escutado um homem experiente. A força não basta para você. Deve ser a pessoa mais egocêntrica, mais egoísta do mundo inteiro.

Em tom razoável Deakin replicou: — Bem, é melhor ser o máximo em alguma coisa do que em nada. Isso me lembra algo muito bom. — Levantou-se. — O uísque do Governador. Parece-me uma excelente oportunidade para me servir, já que todos estão ocupados.

E desceu o corredor, passando pela cabina do Governador e pela de Mariah. A moça permaneceu onde estava por alguns instantes. Sua expressão irada foi, aos poucos, dando lugar a um ar de curiosidade. Hesitou, mas levantou-se e seguiu silenciosamente no encalço de Deakin. Chegando à porta do salão, viu que ele se aproximara do armário colocado sobre o sofá, na parte dianteira do vagão, e despejava uísque num copo, bebendo o conteúdo de um único e enérgico gole. Mariah observou-o e seu rosto manifestava apenas espanto e incompreensão, enquanto Deakin se servia de nova dose, bebia a metade e se voltava para a direita, olhando, sem ver, através da vidraça. O rosto magro, moreno e amargo ostentava uma quase assustadora crueldade.

Franzindo o cenho, Mariah adiantou-se em silêncio, e •se encontrava a menos de um metro de distância quando Deakin se voltou com a mesma expressão implacável. A moça recuou como se esperasse ser agredida. Vários segundos transcorreram antes que Deakin notasse a sua presença. Gradualmente seu rosto reassumiu uma expressão normal — ou ausência de expressão. Afável, observou: — Assustou-me, senhorita.

Ela não respondeu imediatamente. Adiantando-se como uma sonâmbula, espantada ainda, ergueu a mão hesitante, quase

apreensiva, e tocou-lhe a lapela, murmurando: — Quem é você? Ele deu de ombros.

— John Deakin.

— Que é que você faz? — Ouviu o que disse o Xerife...

Interrompeu-se, ao ouvir vozes no corredor. Vozes alteradas que deviam ser acompanhadas por mãos gesticulantes. Claremont entrou, seguido pelo Governador, Pearce e O'Brien. O Coronel dizia: — Se não está aqui, deve ter caído junto aos trilhos. E aqui não está. Se recuarmos, digamos, sete quilômetros...

Fairchild interrompeu-o, ao se dar conta de mais um aborrecimento acrescentado ao seu mar de preocupações.

— Diabo, Deakin, este uísque é meu! Deakin fez uma inclinação de cabeça.— De excelente qualidade. Não receie oferecê-lo a quem quer que seja.

Sem uma palavra e sem aviso, Pearce adiantou-se e bateu violentamente no pulso direito de Deakin, atirando longe o copo.

A reação de Mariah foi involuntária e tão surpreendente para ela própria como para os outros. Com súbita ira, explodiu: — Que homem valente é o senhor, Xerife, com esta imensa arma pendurada no cinto.

À exceção de Deakin, todos a fitaram espantados. Pearce fixou o rapaz e a surpresa cedeu lugar ao desprezo,, um desprezo refletido no gesto de sacar do Colt, atirá-lo aosofá e sorrir convidativamente para Deakin. Este não reagiu. Pearce movimentou a esquerda e atingiu com força o adversário no queixo. Um golpe humilhante para quem quer que o recebesse. Deakin oscilou e caiu pesadamente no sofá. Após alguns segundos em que os homens desviaram o rosto, envergonhados ante tanta covardia, levantou-se, secoa o fio de sangue que escorria do lábio ferido e instalou-se no outro extremo do salão, próximo à entrada do corredor, para onde, acompanhados pelo ruído do ranger de freios, os outros correram, a fim de estabelecer seus postos de observação na plataforma. Mariah seguiu-os lentamente, detendo-se à frente de Deakin. De uma bolsinha tirou umtransparente lenço de cambraia e tocou-lhe o lábio, murmurando: — Pobre homem. Tem tão pouco tempo de vida.

— Ainda não morri.

— Não me referia a você e sim ao Xerife. Descendo o corredor, entrou em sua cabina sem olhar para trás. Deakin acompanhou-a com a vista, pensativo, e, voltando ao armário, serviu-se de mais uísque.

Enquanto ele diminuía o conteúdo da garrafa do Governador, Banlon recuou o trem devagar, descendo o vale. Quatro homens encontravam-se na plataforma traseira do "segundo vagão de cavalos — a extremidade do trem -, agasalhados contra o frio cortante e a neve que caía.

Claremont e Pearce observavam o leito da estrada à direita, o Governador e O'Brien, à esquerda. Contudo, quilômetro após quilômetro passou sem que avistassem coisa alguma. A neve tinha um aspecto virginal, intacta, manchada apenas pela leve fuligem que tombara anteriormente da locomotiva. Sua espessura não era suficiente para ocultar recentes marcas e muito menos recobrir o corpo de um homem. Em suma, não havia sinal do Reverendo Peabody, ou qualquer indício de que ele tivesse caído, ou sido atirado do trem.

Claremont endireitou o corpo e voltou-se no instante em que O'Brien fazia o mesmo do outro lado da plataforma. O Coronel meneou a cabeça e O'Brien anuiu com relutância.

O último tornou a voltar-se e, debruçando-se sobre o gradil da plataforma, acenou com o braço. Banlon, que nos últimos, quinze ou vinte minutos olhava em direção à retaguarda, acenou em resposta. O trem parou com um solavanco, e em seguida recomeçou a avançar. Relutantes, os quatro afastaram-se dos gradis e regressaram ao relativo calor do vagãodos cavalos.

Tão logo voltaram ao salão, Claremont reuniu ali, à exceção de Banlon e, do soldado fogueira Rafferty, os oito sobreviventes do trem. A atmosfera estava carregada de suspeita e ameaça misturada com medo. Cada um dos presentes evitava cuidadosamente os olhos dos outros, a não' ser Deakin, que parecia à vontade.

Claremont passou a mão cansada pela testa.

— É impossível. Absolutamente impossível. Sabemos que Peabody não se encontra no trem. Sabemos que não pode ter caído do trem. E ninguém o viu depois que ele deixou este compartimento. Um homem não pode desaparecer assim.

Claremont fixou seus interlocutores, mas não obteve ajuda, nenhuma reação, exceto o mover embaraçado dospés de Carlos — o cozinheiro negro — pouco à vontade na presença de pessoas ilustres. O Coronel repetiu: — Não é possível, é?

— Possível? — disse Fairchild pesadamente. — Ele desapareceu, não foi?

— Bem, sim e não — falou Deakin.

O antagonismo de Pearce explodiu instantaneamente. — Que quer dizer com sim e não? Que sabe a respeito desse desaparecimento? — Nada. Que poderia saber? Fiquei aqui desde o momento em que Peabody saiu até Henry anunciar o desaparecimento. A Senhorita Fairchild é testemunha.

Pearce fez menção de falar, mas Claremont ergueu a mão, dirigindo-se a Deakin: — Você tem algo em mente? — Sim, tenho. É verdade que não passamos por nenhuma ravina no período em que Peabody deve ter desaparecido. Mas atravessamos duas pequenas pontes nesse trecho. A parte exterior do trem fica praticamente ao nível das bordas da ponte. E nenhuma das duas possuía muretas. Ele poderia ter caído do trem e ultrapassado a borda sem deixar um traço.

O'Brien não fez tentativa para ocultar a sua descrença.

— Interessante teoria, Deakin. Agora só precisa explicar por que ele saltou? — Ele não saltou. Foi empurrado. O mais provável é -que alguém o tenha pegado e atirado no precipício. Afinal, era um homem muito frágil. Uma pessoa vigorosa poderia muito bem fazer isso. Quem seria? Não fui eu. Tenho um álibi. Nem a Senhorita Fairchild. Não é bastante forte e, além disso, eu sou o seu álibi, embora o meu testemunho não tenha valor aos olhos de vocês. Mas são todos homens altos e fortes. Todos vocês. Seis homens fortes. — Calou-se, observando-os com tranquila severidade. - Quem terá sido? O Governador não gaguejou, mas teve muito perto de fazê-lo.

— Absurdo! Totalmente absurdo! Glacial, Claremont falou: — Este homem é louco.

— Estou apenas tentando encontrar uma teoria que se ajuste aos fatos — replicou Deakin, tranquilo. — Alguém tem outra melhor? O silêncio embaraçado deixava evidente que ninguém tinha. Mariah falou então: — Mas, quem havia de querer matar um homenzinho inofensivo como o Senhor Peabody? — Não sei. Quem havia de querer matar um médico inofensivo como o Doutor Molyneux? Quem havia de querer matar — supõe-se — dois inofensivos oficiais de cavalaria como Oakland e Newell? As suspeitas de Pearce foram imediatas e inevitáveis.

— Quem disse que aconteceu alguma coisa aos dois? Deakin fitou-o longamente e, ao que parecia, com certa compaixão. Tudo indicava que a sua decisão em não se envolver fisicamente com o Xerife só era igualada por seu total desprezo pelo homem, atitude que Pearce achava cada vez mais intolerável.

— Se acredita, depois de tudo o que aconteceu, que o desaparecimento de ambos é mera coincidência, então é hora de devolver a sua insígnia a alguém que não tenha apenas ossos entre as duas orelhas. Ora, Xerife, talvez seja o homem que estamos procurando.

Pearce, a fisionomia alterada, levantou-se, erguendo o punho, mas Claremont interpôs-se entre os dois. E, fossem os defeitos de Claremont, falta de autoridade não era um deles.

— Basta, Xerife. Já houve excesso de violência.

— Concordo inteiramente com o Coronel Claremont. — Fairchild falou com o peso de sua autoridade governamental. — Creio que estamos caindo em pânico.

Não sabemos se é exato o que sugere este... este contraventor. Não sabemos se Molyneux foi assassinado... — Fairchild possuía o dom esplêndido da oratória, fazendo uma pausa significativa após cada palavra enfatizada — temos apenas o seu depoimento sobre o assunto. É também ele que afirma ser médico. E todos sabemos o que vale a palavra de um Deakin.

— Está destruindo em público o meu caráter, Governador. Há uma lei na constituição que diz que a pessoa — eu, no caso — pode

obter indenização por tais acusações sem provas. Tenho seis testemunhas do fato de que destruiu a minha reputação. — Deakin olhou em volta.

— Não diria que são todas tendenciosas.

— A lei! A lei! — Fairchild assumira uma feia coloração purpúrea e seus olhos azuis, raiados de sangue, pareciam a ponto de saltar das órbitas. — Um bandido como você, um assassino, um incendiário, ousando invocar a sagrada Constituição dos Estados Unidos! — Fez uma pausa, cômico, provavelmente, de estar agindo aquém de sua capacidade máxima. — Não sabemos se Oakland e Newell foram ou não assassinados. Não sabemos se Peabody foi vítima de...

— Está assobiando no escuro — falou Deakin, desdenhoso, fitando o Governador com olhar pensativo. — Ou talvez não pretenda trancar a porta da cabina esta noite.

— Como Fairchild não tirasse vantagem da prolongada pausa, Deakin prosseguiu: — A menos que esteja em posição de saber que não tem, pessoalmente, qualquer motivo de preocupação.

Fairchild fitou-o, com os olhos arregalados.

— Por Deus, Deakin! Pagará por tal insinuação. Deakin replicou, cansado: — Vejam quem fala de insinuações. Pagar por isso? Com quê? Meu pescoço? Já está ameaçado. Meu Deus, que maravilha! Estão todos decididos a me entregar à justiça, enquanto um de vocês é um assassino com as mãos manchadas pelo sangue de quatro homens. Talvez não sejam quatro e sim oitenta e quatro. — Oitenta e quatro homens? — replicou Fairchild com um resquício de altivez.

— Conforme o senhor mesmo disse, Governador, não sabemos se a perda do vagão de tropas foi ou não acidental: — Deakin fixou um ponto distante, depois voltou ao Governador. — Assim como não sabemos se foi apenas um entre oito o responsável pelas mortes. Embora não estejam aqui, não podemos deixar de lado Banlon e Rafferty, mas, é claro que a Senhorita Fairchild fica excluída. Talvez haja dois ou mais agindo de comum acordo e, neste caso, serão todos igualmente culpados aos olhos da lei. Estudei jurisprudência médica. Claro que ninguém acreditará.

Com tranquila ênfase, Deakin voltou as costas ao grupo, apoiou os cotovelos no corrimão metálico e pôs-se a contemplar o crepúsculo enevoado. Banlon freou lentamente a locomotiva, travou-a, trancou-a, retirou a pesada chave e, cansado, enxugou a testa com um trapo. Voltou-se então para Rafferty, apoiado na parede da cabina, olhos semicerrados, oscilando de exaustão.

— Basta — disse Banlon.

— Basta. Estou morto.

— Dois mortos. — Banlon espiou para a escuridão carregada de neve e estremeceu. — Vamos falar ao seu Coronel.

Naquele momento, o Coronel estava sentado o mais próximo possível do fogareiro aceso. Junto dele encontravam-se o Governador Fairchild, O'Brien, Pearce e Mariah, todos segurando copos contendo líquidos diversos. Dsakin, sentado no chão num canto afastado, ombros encolhidos por causa do frio, não segurava copo algum.

A porta que conduzia à plataforma da frente abriu-se e Banlon e Rafferty entraram rapidamente, acompanhados de uma rajada de ar gelado e neve redemoinhante. Estavam pálidos e exaustos. O engenheiro bocejou, cobrindo polidamente a boca com a mão. Não se boceja diante de governadores e coronéis. Sem conseguir controlar-se, tornou a bocejar e disse: — Bem, Coronel. Ou dormimos agora, ou caímos de sono.

— Você fez um bom trabalho, Banlon. Um esplêndido trabalho. Não esquecerei de mencioná-lo às autoridades da Union Pacific. Rafferty, orgulho-me de você. — Claremont refletiu rapidamente: — Pode ficar com o meu beliche, Banlon. Rafferty, fique com o do Major.— Obrigado. — Banlon bocejou pela terceira vez. — Uma coisa, Coronel. Alguém terá que manter a pressão do vapor.

— Parece-me um desperdício de combustível. Não é melhor deixar o fogo morrer e tornar a acendê-lo? — De modo algum. — O meneio enfático de Banlon excluía qualquer argumento. — Tornar a acender levaria cerca de duas horas e gastaria tanto combustível quanto manter o fogo aceso. Mas o importante é que se o fogo

apagar e a água congelar no tubo do condensador... Bem, Coronel, estamos ainda muito distantes de Fort Humboldt.

Deakin levantou-se com movimentos rígidos.

— Não sou bom andarilho. Eu vou.

— Você? — Pearce levantara-se também, o rosto carregado de desconfiança. — Por que ficou de repente tão prestativo? — Não me sinto nem um pouco prestativo. A última coisa que desejo fazer é cooperar com vocês. Mas quero salvar a pele e todos sabem a esta altura o quanto ela me é cara. Além disso, xerife, sou muito sensível e tudo indica que não me querem aqui. Estou com frio. — neste canto há uma corrente de ar — e na locomotiva estarei aquecido. Espero também não passar o restante da noite vendo vocês beberem ufsque. E me sentirei mais seguro longe daqui — refiro-me especialmente a você, Pearce. Sou a única oessoa de confiança. Ou terá esquecido, xerife, que sou o único acima de qualquer suspeita a bordo deste trem? Deakin voltou-se e fixou interrogativamente Banlon, que, por sua vez, olhou para o Coronel Claremont. O militar fez que sim, após uma hesitação.

— Remexa a fornalha de meia em meia hora — recomendou Batfon. — Acrescente combustível bastante para manter o indicador da pressão entre o azul e o vermelho. Se a agulha ultrapassar o vermelho, encontrará a válvula de escape junto ao mostrador. Deakin fez que sim e saiu. Pearce parecia inquieto e voltou-se para Claremont.

— Não gosto disso. O que o impedirá de desatrelar a locomotiva para poder seguir sozinho? Todos nós sabemos que este bandido não se detém diante de coisa alguma.

— Isto o deterá, Xerife. — Banlon ergueu a pesada chave. — Tranquei a roda do freio. Quer guardá-la? — Certamente.

Tomando a chave, Pearce sentou-se tranquilizado, e estendeu a mão para o copo. Naquele instante, O'Brien levantou-se e fez um sinal de cabeça a Banlon e Rafferty.

— Vou mostrar onde podem dormir. Venham.

Os três saíram do salão, conduzidos pelo Major até o extremo do segundo vagão. Indicando a Banlon o compartimento de Claremont, levou Rafferty para o seu, perguntando com um gesto:

— Serve? Enquanto Rafferty olhava em redor, respeitosamente, O'Brien tirou uma garrafa de uísque do armário e entregou-a ao soldado num gesto discreto.

— Muito obrigado, Major — disse Rafferty.

— Então, boa noite.

Fechando a porta, O'Brien recuou até a cozinha. Sem pensar sequer na cortesia de bater, entrou e cerrou a porta. A peça era minúscula, não teria mais que metro e oitenta por metro e meio, e, com o fogão a lenha, os armários para guardar as panelas, frigideiras, louca e alimentos, o que restava de espaço mal dava para o cozinheiro mover-se. Mas Caries e Henry, encarapitados em banquinhos, pareciam não se importar com a exiguidade das acomodações. Quando O'Brien entrou, ergueram a cabeça, cada qual com sua expressão costumeira: Henry, um lúgubre desespero, e Carlos, um ofuscante sorriso.

O'Brien colocou a garrafa na minúscula mesa.

— Vocês vão precisar disto. E das roupas mais quentes que conseguirem arranjar. A noite está gelada. Voltarei daqui pouco. — Olhou em volta, curioso. — Não ficariam mais à vontade na cabina?

— Sim, Senhor O'Brien — respondeu Carlos, com um longo sorriso, indicando o fogão tão quente que não se podia tocá-lo. — Mas não teríamos isto. É o lugar mais aquecido do trem.

10

O outro local aquecido era, sem dúvida alguma, a cabina da locomotiva. Naquele instante encontrava-se a alguns graus abaixo de sua temperatura habitual por causa das fortes rajadas de neve que ali penetravam quase ininterruptamente. Mas o feroz brilho vermelho da fornalha aberta, que tornava momentaneamente supérflua a luz das lanternas, dava, pelo menos, uma ilusão de calor. Mas Deakin não sentia frio algum. O suor banhava-lhe o rosto enquanto abastecia o fogo.

Atirando uma última braçada de lenha, endireitou o corpo e deu uma olhadela no mostrador de pressão. A agulha estava próxima à marca vermelha. Satisfeito, fechou a porta da fornalha. A iluminação reduziu-se de repente na cabina, e mais ainda quando Deakin pegou uma das lanternas e levou-a para o tênder, que continha ainda dois terços do carregamento de lenha. Colocando a lâmpada no chão, pôs-se a trabalhar febrilmente, transferindo a madeira da direita para a esquerda do vagão.

Quinze minutos depois, seu rosto já não brilhava; estava copiosamente coberto de poeira e de suor, apesar da temperatura no tênder exposto estar próxima ao grau de congelamento. Mas, movimentar pesados toros de lenha num trem em alta velocidade não é trabalho leve, e Deakin já transferira pelo menos metade do conteúdo do vagão da direita para a esquerda. Endireitando o corpo, esfregou as costas doloridas, passou à locomotiva e examinou a agulha do mostrador. Esta, enquanto ele se exercitava no vagão ao lado, caíra abaixo da linha azul. Deakin abriu apressadamente a fornalha, remexeu o fundo, atirou alguns toros àquela boca ávida, fechou-a e, sem uma olhadela sequer para o mostrador, voltou à exaustiva tarefa no tênder.

Removera nada menos de vinte braçadas quando se deteve bruscamente e pegou a lanterna para examinar de perto a pilha que sobrara. Colocando-a de lado, atirou uma dúzia de toros para a

esquerda antes de aproximar novamente a lâmpada. E então, deixou-se cair de joelhos, sua habitual impassibilidade substituída por profunda ira.

Os dois homens estendidos juntos estavam indubitavelmente mortos, rígidos, congelados. Deakin removera quantidade de lenha suficiente para descobrir-lhes o rosto e a parte superior do corpo. Apresentavam ambos ferimentos profundos na cabeça e vestiam uniforme da Cavalaria dos Estados Unidos. Um era capitão e o outro, tenente; sem dúvida os dois oficiais desaparecidos: Oakland e Newell.

A ira abandonara a fisionomia de Deakin. Para quem vivia uma existência como a sua, era emoção que não se podia permitir. Há muito descobrira. Levantando-se, começou a recolocar a lenha no lugar empilhando-a como a encontrara, fazendo o tênder voltar à sua aparência original. A necessidade de precisão e o crescente cansaço, agora já quase exaustão completa, fez com que levasse tempo para refazer as pilhas de lenha o dobro do tempo que precisara para desmantelá-las.

Terminando, verificou novamente o mostrador e descobriu que a agulha havia tombado bem abaixo da linha azul. Abriu novamente a fornalha e viu que o clarão vermelho do interior estava de fato bastante débil. Cansado, Deakin voltou a alimentar o fogo, nele atirando todos os toros de que pôde dispor. Fechou a porta sem examinar o mostrador. Ergueu a gola do casaco, baixou o chapéu e saltou para o leito da estrada, mergulhando na gelada bran cura que era quase uma nevasca.

Sem se dar ao trabalho de ocultar sua figura — a visibilidade era quase nula — recuou ao longo do trem, passando primeiro pelo vagão onde ficavam o salão e a salade jantar, e depois pelo da cozinha e dos beliches dos oficiais. Chegando ao extremo deste, deteve-se bruscamente, inclinando a cabeça. Ouvia com nitidez um som gorgolejante, estranho naquelas circunstâncias, mas facilmente identificável em ocasiões normais. Avançando silencioso como um fantasma, espreitou do ângulo traseiro do segundo carro.

Na plataforma dianteira do terceiro vagão — o de mantimentos — havia um homem sentado no gradil. Cabeça

inclinada para trás, bebia avidamente, segurando o gargalo de uma garrafa. Como a neve caísse quase horizontalmente da parte dianteira em direção à parte traseira do trem, o homem se encontrava numa espécie de oásis protegido da neve e Deakin não teve dificuldade em reconhecê-lo. Era Henry.

Comprimindo-se contra o vagão, soltou um suspiro de alívio, passou a manga pela testa e, silenciosamente, recuou vários passos. Em seguida, afastou-se do trem descrevendo um semicírculo que o levou até um ponto junto à retaguarda do vagão de carga. Caminhava, agora, com muito mais cautela. Pondo-se de quatro, arrastou-se para diante e olhou para cima. Havia um segundo homem de guarda nos fundos do carro. Era inconfundível o rosto negro e redondo de Carlos, embora o sorriso brilhante se encontrasse compreensivelmente ausente.

Deakin repetiu a 'tática do semicírculo e emergiu na extremidade posterior do primeiro vagão de cavalos. Subindo à plataforma, entrou cautelosamente e fechou a porta.

Quando se adiantava pelo carro, um dos cavalos relinhou, nervoso. Aproximando-se imediatamente, Deakin acariciou o focinho, e o animal emudeceu. Se Carlos ouviu o relincho não pareceu dar-lhe atenção; além de ser um ruído comum num vagão de cavalos, a noite não se prestava a tais minúcias.

Chegando à parte dianteira do carro, Deakin espreitou através de uma brecha da porta. Carlos, a alguns palmos de distância, parecia contemplar, sombrio, os pés gelados.

Deakin voltou-se para a caixa do feno à sua esquerda. Com todo o cuidado, e em completo silêncio, removeu as tábuas de cima e uma braçada de feno, recuperando o telégrafo.

Recolocou o feno e as tábuas como as havia encontrado e saiu com o transmissor pela retaguarda do vagão. Desceu os degraus, olhou rapidamente para a esquerda e para a direita — a visibilidade era quase nula — mergulhou silencioso na neve e adiantou-se a passos rápidos para a retaguarda do trem.

A uns vinte e cinco metros de distância, localizou um poste de telégrafo. Estendendo o fio do transmissor, prendeu uma das extremidades ao cinto e começou a galgar o poste.

"Começou" é a palavra correta. Conseguiu alçar-se a um metro do solo e ali permaneceu, incapaz de subir um centímetro além. A neve, o vento e a temperatura glacial haviam-se combinado para revestir o poste com uma impenetrável camada de gelo de coeficiente zero em matéria de atrito. Faltava a Deakin qualquer apoio para prosseguir.

Voltando ao chão, raciocinou por instantes, depois arrancou um pedaço da camisa e rasgou-o em tiras.

Dirigindo-se ao fio de retenção mais próximo, envolveu com ele as pernas e, usando-as ao mesmo tempo que as luvas improvisadas com a camisa para obter atrito, recomeçou a subir. Foi uma escalada difícil e, em vista do que realizara recentemente, exaustiva, mas não impossível. Quando chegou ao alto e se encarapitou na bifurcação de madeira, o que mais o preocupava era a sensação de que suas mãos enregeladas aparentemente não mais lhe pertenciam. Naquele momento, dedos congelados eram a última coisa que poderia desejar.

Dois minutos de fricção e pancadas, a dor que sobreveio, à medida que a circulação voltava, convenceu-o de que tal desgraça não lhe ocorrera. Tirando do cinto a extremidade do fio, prendeu-o com firmeza no cabo telegráfico e voltou ao chão com tal velocidade, que ao chegar tinha a impressão de que as mãos, tão recentemente congeladas, ardiam em fogo. Abrindo o transmissor, inclinou-se sobre ele, protegendo-o da neve o melhor possível, e começou a transmitir.

No Fort Humboldt, onde o tempo não estava nem melhor, nem pior do que no lugar onde Deakin se encontrava agachado, Sepp Calhoun, White Hand e dois outros homens brancos achavam-se sentados na sala do Comandante. Calhoun, como sempre, usava as botas para destruir a mesa do Coronel Fairchild, enquanto ambas as mãos se ocupavam em utilizar-se do uísque e dos charutos do militar. White Hand, ereto na cadeira de espaldar rijo, não tocava no copo que haviam colocado à sua frente. A porta abriu-se e entrou um homem, cujo rosto expressava tanta urgência quanto pode expressar uma fisionomia barbada e quase inteiramente coberta de neve.

Calhoun e o índio entreolharam-se e adiantaram-se rápidos para a porta. Quando chegaram à sala do telégrafo, Carter transcrevia a mensagem. Calhoun passou os olhos por ela, e Simpson — o outro telegrafista prisioneiro — fez um aceno de cabeça para os dois guardas e assumiu posição por detrás da mesa. White Hand permaneceu de pé. Carter parou de escrever e passou o papel a Calhoun, que imediatamente assumiu uma expressão de ira frustrada.

— Diabo! Diabo! Diabo! Em voz baixa, o índio perguntou: — Problema, Calhoun? Problema para White Hand? — Problema para White Hand. Escute: "Falhou tentativa contra vagão de tropas. Guardas armados em todos os carros. Aconselhe." Como, em nome de Deus, os malditos idiotas não...

— Falar assim não adianta, Calhoun. — O outro fitou-o, inexpressivo. — Meus homens e eu ajudaremos.

— É uma noite feia.

Calhoun dirigiu-se à porta, abriu-a e saiu. White Hand seguiu-o, fechando a porta. Em poucos instantes as duas silhuetas cobriram-se de branco sob a neve espessa.

— Uma noite muito má, White Hand.— As recompensas são grandes. Suas palavras, Sepp Calhoun.

— Você é capaz? Mesmo numa noite como esta? O índio fez que sim.

— Muito bem. A entrada do Passo da Morte. Rochedo de um lado, terreno íngreme, com uma porção de rochas para você e seus homens Se esconderem. Deixe os cavalos a um quilômetro...

— White Hand sabe o que fazer.

— Desculpe. Vamos. Diremos a eles que mandem Banlon deter ais o trem. Será um trabalho fácil, White Hand.

Eu sei, mas não gosto. Sou um guerreiro e vivo para combater. Mas não gosto de massacre.

— A recompensa é grande.

O índio fez um gesto silencioso de assentimento. Ambos voltaram à sala do telégrafo, onde Carter transmitia uma mensagem. Calhoun imobilizou-o com um gesto, sentou-se à escrivaninha emprestada, escreveu um breve texto, entregou-o a

um dos guardas para que o desse a Carter. E voltando-se para Simpson: — Escute com atenção, amigo.

Carter enviou o comunicado enquanto Simpson escrevia. Ao final da transmissão, Calhoun indagou: — E então, Simpson? "Ordene a Banlon que pare o trem a cem metros da entrada leste do Passo da Morte." Calhoun fez um gesto de aprovação para o telegrafista.

— Você talvez ainda chegue à velhice.

Mal terminou de falar, outra mensagem em Morse soou nos fones. Era muito breve e Carter leu-a sem esperar a costumeira confirmação de Simpson.

— Afirmativo. Desligo.

Calhoun teve o sorriso mais benigno de que era capaz e falou: — Nós os pegamos, White Hand.

A julgar por algo de quase imperceptível em sua expressão, Deakin não partilhava de tal opinião. Retirou os fones dos ouvidos, com um forte puxão arrancou o fio do alto do poste, depois empurrou o aparelho do telégrafo, atirando-o pelo precipício, onde este desapareceu na escuridão. Afastando-se rapidamente, descreveu uma curva a boa distância do trem e, chegando à plataforma da locomotiva, limpou a neve do rosto e verificou o mostrador.

A agulha caíra perigosamente abaixo da linha azul. Deakin abriu a fornalha, olhou para os carvões quase apagados e começou a alimentar o fogo. Desta vez, por cansaço ou preocupação, não parecia ter pressa. Limitou-se a observar o mostrador com ar quase que de proprietário e aguardou pacientemente que a agulha passasse do ponto inferior à linha azul até um pouco acima da vermelha. Banlon havia sugerido ser aquela a zona perigosa, mas Deakin aparentemente não se importava. Fechou a porta da fornalha, que agora ardia furiosamente, tomou uma lanterna e duas ferramentas tiradas da caixa de Banlon, e, virando para cima a gola do casaco, pulou para a estrada.

Após a viagem circular em direção à retaguarda do trem, aproximou-se sorrateiro da plataforma do vagão de carga. Carlos, encolhido e trêmulo, ali se encontrava, tentando em vão combater

os rigores da noite com uma garrafa de uísque. Deakin, satisfeito, abaixou-se silenciosamente, engatinhou sob o vagão e, seguindo até o meio da linha, apoiou-se nos cotovelos e foi avançando devagar ao longo dos engates, entre os truques traseiros do carro. Finalmente, deteve-se e girou o corpo com infinita preocupação, de modo a olhar para cima.

Sobre sua cabeça encontrava-se o engate que ligava a parte posterior do vagão de carga à parte anterior do primeiro vagão dos cavalos. Acima, divisava-se a plataforma traseira do primeiro e a dianteira do segundo. No de carga, a cerca de metro e meio de distância, via-se distintamente a silhueta de Carlos. Com toda a cautela, de modo a evitar ruídos metálicos, Deakin agarrou os dois engates centrais e tentou separá-los. Desistiu quase que de imediato, em parte porque a tarefa era claramente impossível, e em parte por perceber que, se insistisse naquele esforço, deixaria a pele das mãos presa ao metal gelado. Erguendo a lata de óleo, esguichou uma generosa quantidade do lubrificante nas porcas. Ouvindo um ruído, colocou a lata devagar na neve e voltou-se muito, muito lentamente, de modo a olhar novamente para cima.

O som que ouvira era Carlos no gesto de pousar a garrafa. Levantara-se e começara a andar de um lado para outro na plataforma metálica, batendo com os pés e sacudindo os braços para normalizar a circulação. Após alguns instantes, optou pela certeza do calor interno em oposição à manifesta incerteza do calor externo e voltou à garrafa de uísque.

Deakin recomeçou seu trabalho. Segurou os engates, rodopiou, e o resultado foi o mesmo. Nada. Com todo o cuidado, largou-os, enfiou a mão no bolso interior do casaco, de onde tirou os ferrões que havia trazido. Comparado ao metal do engate, os objetos que segurava estavam quase quentes. Com todo o vagar e cuidado inseriu os ferrões dos engates e torceu-os. Desta vez o impulso foi além do que esperava e as porcas movimentaram-se de leve, emitindo um ligeiro rangido. Deakin permaneceu imóvel, depois olhou para cima. Carlos movimentou-se, afastou-se do gradil, olhou em volta sem entusiasmo e voltou a encolher-se com sua garrafa de uísque.

Deakin voltou a mexer na porca. Usando alternadamente a lata de óleo e os ferrões, alcançou em pouco tempo o estágio em que só restavam dois ou três fios. Retirando os ferrões, usou a mão para dar as últimas voltas. As duas metades da porca separaram-se e ele as colocou no chão devagar e em completo silêncio, até vê-las pendentes de suas respectivas cadeias. Olhou para cima. Carlos não se movera. Novamente de quatro, Deakin recuou pelo mesmo caminho e voltou à cabina da locomotiva, fazendo o rodeio habitual. A agulha do mostrador, como era de se prever, encontrava-se na linha azul. Após alimentar a insaciável garganta da fornalha, ocupação que se tornava cada vez mais desagradável, Deakin viu a agulha subir novamente para o vermelho. Em seguida deixou-se cair, exausto, num banquinho a um canto, e fechou os olhos.

Se estava ou não adormecido era impossível dizer, mas em caso afirmativo, devia ter uma espécie de mecanismo no cérebro, pois a intervalos regulares despertava, atirava mais combustível à fornalha e voltava ao seu lugar. Quando Banlon e Rafferty, acompanhados de O'Brien, voltaram à plataforma, encontraram-no sentado no banco, cabeça inclinada, queixo encostando no peito. Parecia adormecido. Com um estremecimento, levantou a cabeça.

— O que eu esperava. — A voz de O'Brien soou fria e desdenhosa. — Dormindo em serviço, não é, Deakin? O rapaz não respondeu, limitando-se a movimentar o polegar em direção ao mostrador. Banlon adiantou-se e examinou-o .

— Dormiu pouco, na minha opinião, Major. A pressão está alta.

Voltando-se despreocupado, lançou um olhar ao tênder. A madeira empilhada não apresentava sinais de ter sido tocada.

— E eu diria também que consumiu a quantidade certa de lenha. Um bom trabalho. Claro que com a experiência de incêndios como o de Lake's Crossing...

— Chega, Banlon. — O'Brien fez um meneio de cabeça. — Venha.

Deakin levantou-se com rigidez e deu uma espiada no relógio.

— Meia-noite! Estou aqui há sete horas! Disseram que eu ficaria quatro.

— Banlon precisava descansar. Que quer, Deakin? Compaixão? — Comida.

— Carlos preparou o jantar. — Deakin perguntou a si mesmo de que modo o negro encontrara tempo para prepará-lo. — Na cozinha. Nós já jantamos.

— Aposto que sim.

O'Brien e Deakin desceram até o leito da estrada e seguiram para a plataforma do primeiro carro. Inclinando-se, o Major acenou com a mão e Banlon respondeu ao aceno, desaparecendo no interior da cabine. O'Brien abriu então a porta do salão dos oficiais.

— Vai entrar? Deakin esfregou a testa.

— Daqui a um momento. Não esqueça de que quando o trem está parado não entra ar fresco naquela cabine. Após sete horas, lá, minha cabeça está estourando.

O'Brien fixou Deakin especulativamente e, concluindo que não poderia fazer mal algum permanecendo onde se encontrava, anuiu e entrou, fechando a porta.

11

Banlon abriu a válvula. As rodas giraram nos trilhos gelados, o resfolegar da locomotiva acelerou-se, e nuvens de fumaça saltaram da alta chaminé; o resfolegar diminuiu bruscamente à medida que as rodas giravam e o trem começava a movimentar-se. Agarrado ao gradil, Deakin inclinouse e olhou para a retaguarda. Era difícil verificar na escuridão da nevasca, e poderia ter sido imaginação, mas pareceulhe que se fazia uma ligeira brecha entre o vagão de carga e o primeiro dos que transportavam os cavalos. Meio minuto após, com o trem descrevendo uma suave curva que facilitava a sua observação, Deakin certificou-se de que sua imaginação não estivera funcionando demais. Como fantasmas que rapidamente se afastassem na escuridão, os dois vagões de cavalos, agora a uns cento e cinquenta ou duzentos metros de distância, imobilizaram-se nos trilhos. Deakin endireitou o corpo. Embora sua fisionomia parecesse à primeira vista normal, inescrutável, seria talvez possível perceber em seu rosto uma ligeira nota de satisfação. Girando a maçaneta da porta, entrou. O Governador, Claremont, Pearce e O'Brien estavam sentados junto ao fogareiro, copo na mão, enquanto Mariah, um tanto afastada, achava-se sentada de mãos cruzadas ao colo. Todos ergueram a cabeça ao mesmo tempo e O'Brien apontou com o polegar em direção à traseira do vagão.

— O jantar está na cozinha.

— Onde durmo esta noite? — Poderia aprender a dizer "obrigado".

— Não me recordo de nenhum agradecimento pelas sete horas que passei naquela maldita locomotiva. Onde durmo esta noite? Claremont respondeu: — Aqui. Instale-se num dos sofás.

— O quê? Junto ao armário de bebidas? Fez um gesto para afastar-se, mas a voz de Claremont deteve-o.

— Deakin. Trabalhou muito na fornalha. Não tive intenção de ser grosseiro. Frio? — Sobrevivi.

Claremont fixou o Governador Fairchild, que hesitou, e depois anuiu. O Coronel abriu o armário que ficava às suas costas, tirou a garrafa de uísque e entregou-a a Deakin, que a aceitou quase com relutância.

— Conforme disse a Senhorita Fairchild, você é inocente até que se prove a sua culpa. Se é que me entende. Isso deve aquecê-lo um pouco, Deakin.

— Obrigado, Coronel. Fico-lhe grato.

Voltou-se para sair. Quando se dirigia ao corredor que conduzia à parte posterior do vagão, Mariah ergueu a vista, com um sorriso hesitante nos lábios. Deakin passou adiante impassível e o rosto da moça tornou-se tão inexpressivo quanto o dele. Realizando uma façanha quase impossível, os três conseguiram comprimir-se na minúscula cozinha. Carlos e Henry aceitaram doses generosas da garrafa de Deakin, enquanto o rapaz atacava uma refeição impressionante na quantidade, mas de qualidade indeterminada. Carlos não se encontrava na sua melhor forma como cozinheiro, o que era compreensível, mas Deakin raspou o prato, depois tomou do copo e esvaziou-o.

Em tom de quem pede desculpas, Carlos falou: — Lamento, Senhor Deakin. Deve ter sido difícil trabalhar na fornalha.

Deakin não forneceu esclarecimentos, limitando-se a dizer: — Foi ótimo. Exatamente o que eu precisava. — Bocejou. — E agora sei do que preciso. — Tomou a garrafa de uísque. mas pousou-a novamente na mesa. — Nunca fui muito de beber. Acham que podem cuidar disto por mim? Carlos respondeu com um largo sorriso.

— Tentaremos, Senhor Deakin. Com toda a certeza.

Deakin dirigiu-se ao salão. Quando entrou, o Governador, Claremont, O'Brien e Pearce — Mariah já se retirara — estavam se levantando com intenção de se recolher.

Nenhum deles se dignou a fitá-lo e muito menos a dirigir-lhe a palavra. Deakin, por sua vez, ignorou-os. Colocando mais lenha no fogareiro, deitou-se num sofá na parte anterior do vagão, tirou o

relógio do bolso e consultou-o. Era uma hora.— Uma hora — falou Sepp Calhoun. — Voltará ao amanhecer? — Voltarei ao amanhecer.

White Hand desceu os degraus que conduziam ao escritório do Comandante e reuniu-se aos seus homens; uns cinquenta índios já alinhados no recinto do Forte. Estavam todos montados e tanto os guerreiros como os cavalos achavam-se cobertos por espessa camada de neve. White Hand saltou na sela e ergueu a mão em solene saudação.

Calhoun levantou a sua em resposta. O chefe guerreiro fez rodopiar o cavalo e conduziu-o a trote acelerado para o portão do Forte, seguido de seus cinquenta homens.

Deakin agitou-se, acordou, sentou-se na borda do sofá e de novo consultou o relógio. Eram quatro horas. Levantando-se, desceu silencioso o corredor, passou pela cabine do Governador e pela de Mariah, atravessou a sala de jantar e saiu para a plataforma dos fundos do primeiro vagão. Dali transferiu-se para a plataforma do segundo. Movimentando-se com precaução, espreitou pela vidraça da porta que conduzia ao segundo carro.

A menos de metro e meio, um par de pernas magras projetava-se da cozinha para o corredor. Pertenciam, sem dúvida, a Henry Enquanto Deakin as observava, as pernas cruzaram-se e se descruzaram. Era evidente que Henry estava acordado.

Deakin recuou, pensativo. Desviando-se para o lado da plataforma, subiu ao gradil, estendeu os braços e, após algumas tentativas conseguiu subir ao teto. Apoiando-se nas mãos e nos joelhos, servindo-se de um ventilador central edo seguinte, como suporte, adiantou-se pela precária estrada constituída pelo teto recoberto de neve e gelo, num percurso em nada facilitado pelos solavancos e oscilações do vagão.

O trem corria ao longo de uma estreita e profunda ravina. Do lado oposto, o leito da estrada era contornado por árvores coníferas carregadas de neve. Os ramos inclinados dos pinheiros pareciam roçar o teto do trem. Por duas vezes, como que prevenido pelo instinto, relanceou por cima do ombro justo a tempo de avistar um desses ramos, deitando-se completamente para não ser arrebatado.

Chegando à parte posterior do segundo vagão, adiantouse com todo o cuidado e olhou para baixo. Sem nenhuma surpresa deu com Carlos embuçado até as orelhas para proteger-se do frio, caminhando de um lado para outro da plataforma. Deakin recuou então, afastando-se da borda e, novamente de quatio, engatinhou alguns metros. Em seguida levantou-se e caminhou, mantendo o equilíbrio com a maior dificuldade.

Um grande ramo de pinheiro avançou em sua direção. Não hesitou. Sabia que se não o fizesse naquele momento, talvez não fosse capaz de reunir em si a coragem suicida para tentar novamente. Recuando rápido alguns passos a fim de quebrar o impacto, estendeu os braços à altura do peito. Ao agarrar o ramo com ambas as mãos, percebeu espantado que não era tão espesso como julgara. Fora enganado pela camada de neve. O ramo dobrou-se. Desesperado, ergueu os pés, mas mesmo assim suas costas estavam apenas a uns sessenta centímetros do teto. Olhou para baixo. Carlos, caminhando de um lado para outro, passou rapidamente a uus palmos abaixo, e depois desapareceu.

Deakin baixou as pernas e, de frente para a retaguarda, os calcanhares marcando sulcos paralelos na neve congelada, largou bruscamente o ramo, sabendo que se arriscava a ser dilacerado por um dos ventiladores centrais. Não foi dilacerado, mas naquela fração de segundo não percebeu a sua sorte, pois embora tivesse procurado manter erguida a cabeça, o impacto das costas contra o telhado do vagão foi de entontecer. Paradoxalmente, foi o traiçoeiro teto coberto de neve que lhe salvou a vida. Se caísse sobre uma superfície seca, o fator desaceleração teria sido tão grande que ele perderia os sentidos, se não ficasse gravemente ferido. Em ambos os casos o resultado seria o mesmo: seu corpo insensível ou quebrado teria caído por sobre a borda. No caso, o fator desaceleração foi minimizado pelo fato de seu corpo deslizar imediatamente pelo teto a uma velocidade tal que parecia não só provável como certo que ultrapassaria a borda e cairia no leito da estrada, onde danos de natureza muito permanente lhe ocorreriam.

Também paradoxalmente, foram os ventiladores, perigo letal em potência, que o salvaram. Mais por instinto que por raciocínio,

estendeu as mãos para o primeiro ventilador que passou e teve a nítida impressão de que seu ombro direito se deslocava, fazendo-o largar o apoio. Mas o impacto diminuiu perceptivelmente a velocidade com que deslizava. Estendeu as mãos para o ventilador seguinte e o mesmo processo angustiante repetiu-se; mas agora deslizava quase devagar. O terceiro e, segundo percebeu, último ventilador aproximou-se. De novo passou o braço direito ao redor do aparelho, mas, desta vez, conseguiu movimentar o esquerdo e segurar o pulso da outra mão. Teve a impressão de adquirir um novo ombro direito, pois era como se também este se deslocasse do corpo. Mas conseguiu agarrar-se. Seu corpo deu uma volta de três quartos de círculo e as pernas projetaram-se pela borda esquerda do teto até a altura dos joelhos. Mas conseguiu manter-se seguro. Sabia que precisava sair dali, pois não conseguiria ficar naquela posição por muito tempo mais. Devagar e com grande dor, içou o corpo para a linha central do teto, recuou, e deixou-se cair na plataforma traseira. Arquejante, encolhido e totalmente exausto, permaneceu, sentado por uns cinco minutos, sentindo-se como o primeiro homem que atravessou a catarata do Niágara num barril. Examinou os prejuízos: uma série de costelas quebradas na frente, onde o ramo lhe atingira o peito, quantidade equivalente nas costas, onde colidira com o teto, e ombro quebrado em número indeterminado de lugares. Foi preciso aquela desajeitada investigação para constatar que seu esqueleto continuava inteiro. Contusões, provavelmente maciças, haveria, acompanhadas de dor considerável, mas procurou não deter nisso o pensamento. Não ficaria incapacitado. Levantando-se, abriu a porta do vagão de mantimentos e entrou.

Adiantou-se por entre as pilhas de caixões e volumes de suprimentos médicos até chegar à parte dianteira, onde espreitou através de uma das vigias. Carlos continuava como antes, andando de um lado para outro, obviamente ignorante de que algo de errado se passava. Deakin sacudiu a jaqueta de pêlo de carneiro, colocou-a sobre uma das vigias e obstruiu a outra com um pesado saco. Em seguida, acendeu uma das lâmpadas a óleo que pendiam a intervalos ao longo do vagão. Notou preocupado que havia uma

estreita brecha entre duas tábuas na parede direita, por onde deveria passar uma réstia de luz. Mas para observá-la, caso existisse, seria preciso estar à direita do carro e Carlos se achava em frente a este. Além disso, nada podia fazer para remediar o caso. Afastando o problema da mente, voltou-se para a tarefa imediata.

Com a ajuda de uma chave de fenda e de um frio cinzel, retirados por providência da caixa de ferramentas de Banlon, Deakin abriu a tampa de um caixote de madeira envernizado e reforçado com metal, onde se lia a inscrição: Corpo Médico do Exército dos Estados Unidos. A tampa destacou-se ruidosamente, mas Deakin não prestou atenção. Atos escusos tornavam-se muito mais fáceis num trem em movimento do que num trem imóvel. O vagão antigo, as rodas enferrujadas e as velhas junções faziam ruído suficiente ao chocalharem sobre os trilhos, para impedir até mesmo uma conversação normal com um interlocutor que se encontrasse à distância de alguns palmos. Qualquer ruído no interior do vagão, à exceção de um tiro de pistola, seria inaudível para Carlos que, aliás, concentrava-se noutros problemas. Mais uma vez, deixara de andar de um lado para outro, buscando calor interno em forma líquida.

Os suprimentos médicos estavam guardados em recipientes de metal cinzento, sem indicações. Tomando de um deles, Deakin abriu a tampa. A caixa estava cheia de brilhantes cápsulas metálicas. A fisionomia de Deakin não registrou qualquer reação. A descoberta não lhe causava choque algum, era claro. Abriu mais duas latas. O conteúdo era o mesmo.

Deakin abandonou o caixote com a tampa fora do lugar. Aparentemente ultrapassara o ponto sem regresso, era-lhe pois indiferente que suas atividades fossem ou não descobertas. Passou a outro caixote, cuja tampa arrancou com a mesma indiferença pela propriedade do Governo dos Estados Unidos. O conteúdo era idêntico ao do anterior.

Deakin adiantou-se para a parte traseira do vagão, carregando a lanterna e ignorando todas as outras caixas de madeira rotuladas como se contivessem suprimentos médicos.

Chegando à pilha de caixões começou a puxar um dos que ficavam por baixo. Para um caixão vazio, mesmo levando-se em conta o estado de suas costas e ombro, a manobra custou-lhe um esforço exagerado.

Carlos não estava empenhado em nada que exigisse considerável desgaste de energia. Era óbvio que não perdera a fé na eficácia do uísque como meio de afastar o frio intenso. Levou a garrafa à boca, com o fundo apontando verticalmente para o céu. Baixou-a com relutância, sacudiu-a e inverteu-a inutilmente. Estava vazia. Amargurado, e talvez meio inseguro, aproximou-se do gradil lateral da plataforma e atirou longe a garrafa. Seus olhos acompanhavam trajetória até que o medo desapareceu na escuridão e na neve redemoinhante. de Súbito a expressão lamentosa desapareceu, substituída não pelo habitual sorriso, mas por uma dureza assustadora; as pypebraS súbito contraídas, tornaram-se incongruentes no osto de lua cheia. Fechando momentaneamente os olhos, tornou a abri-loS) mas que vira continuava no mesmo lugar _ um nítido fio de luz ao longo na parede do vagão dfe mantimentos. Movimentandose com a rapidez e a leveza em geral ninguém associa a uma compleição tão vigorosa, atirou-se da plataforma do segundo carro para a do vagão de mantimentos. Fazendo uma pausa para enfiar a mão no interior do casaco; retirou uma faca de aspecto bastante desagradavel No extremo do vagão, Oeakin arrancou a tampa meio arrebetada de um caixão.

erguendo a lanterna, olhou para o interior. Sua fisionomia endurecida não registrou cheque nem surpresa. Encontrara ali, bem mas o que procurava. o local de repouso do Reverendo íeabody mostrava-se adequado. Estava morto há muitas Deakin recolocou a tampa quebrada do caixão e arrastou outro da prateleira para o chão. Pelo tempo que gastou e o grau de energia Despendida, aquele era bem mais pesado que o anterior.cUspindo furiosamente o cinzel, retirou a tampa em segundos, examinou o conteúdo e esboçou um gesto afirmativo de careça; manifestando compreensão imediata. O caixão estava. cheio de rifles de repetição Winchester, acionados a manivela) com pentes tubulares nas culatras.

Deakin atirou a tampa sobre o caixão, colocou sobre ela a lanterna a óleo, arrastou um terceiro caixão e, com habilidade resultante da prática, ergueu a tampa em segundos. Mal teve tempo para notar que também aquele estava cheio de Winchesters nova em folha, quando algo captou a sua atenção sonolenta, levando-o a desviar a vista ligeiramente para a esquerda. A lanterna oscilou apenas uma vez, como que agitada por um repentino sopro de vento num local onde não devia haver correntes de ar.

Deakin rodopiou no momento em que Carlos, empunhando a faca já erguida, atirou-se sobre ele. Conseguiu segurar-lhe o pulso e houve uma rápida, mas feroz luta interrompida temporariamente quando ambos tropeçaram numa caixa e se separaram na queda, Deakin tombando entre duas fileiras de caixões, Carlos no meio do vagão. Levantaram-se ambos rapidamente, embora o primeiro, apesar de suas dores e contusões, ou talvez por apreciar friamente o fato de estar desarmado, fosse um tanto mais rápido. Carlos, segurando a faca em sentido inverso, preparou-se para atirá-la. Deakin, sem espaço para movimentar-se ou recuar naqueles estreitos limites, deu um furioso pontapé na tampa solta do caixão mais próximo, aquele onde se encontrava a lanterna. A madeira saltou no ar, ocultando-o momentaneamente dos olhos de Carlos, enquanto a lâmpada se espatifava no chão, mergulhando o vagão de mantimentos em relativa escuridão. Deakin não tinha a menor intenção de permanecer no local. Combater no escuro contra um homem armado de faca e invisível é forma certa de suicídio.

Correu para a porta traseira do vagão, ultrapassou-a, e fechou-a ao sair. Não se deu sequer ao trabalho de olhar para trás, pois não havia outro caminho por onde fugir, exceto para o alto. Subiu ao teto pela guarda de ferro, deitou-se e olhou para baixo, à espera de que Carlos surgisse para saltar sobre ele ou, melhor ainda, deslizar para trás, esperar que sua cabeça aparecesse e dar-lhe um pontapé. Mas, segundos se passaram e Carlos não aparecia. A compreensão chegou quase tarde demais.

Movendo a cabeça, espreitou para um mundo opaco, cheio de neve rodopiante. Esfregou os olhos, cobriu-os com as mãos e olhou

novamente.

Carlos, a menos de três metros, engatinhava cautelosamente pelo centro do teto, com a faca numa das mãos e os dentes à mostra no rosto escuro. Dava a impressão nítida de alguém que não só estava se divertindo, mas esperava dirão a trajetória até que o objeto desapareceu na escuridão e na neve redemoinhante. Súbito, a expressão lamentosa desapareceu, substituída não pelo habitual sorriso, mas por uma dureza assustadora; as pálpebras, súbito contraídas, tornaram-se incongruentes no rosto de lua cheia. Fechando momentaneamente os olhos, tornou a abri-los, mas o que vira continuava no mesmo lugar — um nítido fio de luz ao longo na parede do vagão de mantimentos. Movimentandose com a rapidez e a leveza que em geral ninguém associa a uma compleição tão vigorosa, atirou-se da plataforma do segundo carro para a do vagão de mantimentos. Fazendo uma pausa para enfiar a mão no interior do casaco, retirou uma faca de aspecto bastante desagradável.

No extremo do vagão, Deakin arrancou a tampa meio arreventada de um caixão. Erguendo a lanterna, olhou para o interior. Sua fisionomia endurecida não registrou choque nem surpresa. Encontrara apenas o que procurava. O local de repouso do Reverendo Peabody mostrava-se adequado. Estava morto há muitas horas.

Deakin recolocou a tampa quebrada do caixão, e arrastou outro da prateleira para o chão. Pelo tempo que gastou e o grau de energia despendida, aquele era bem mais pesado que o anterior. Usando furiosamente o cinzel, retirou a tampa em segundos, examinou o conteúdo e esboçou um gesto afirmativo de cabeça, manifestando compreensão imediata. O caixão estava cheio de rifles de repetição Winchester, acionados a manivela, com pentes tubulares nas culatras.

Deakin atirou a tampa sobre o caixão, colocou sobre ela a lanterna a óleo, arrastou um terceiro caixão e, com habilidade resultante da prática, ergueu a tampa em segundos. Mal teve tempo para notar que também aquele estava cheio de Winchesters novas em folha, quando algo captou a sua atenção sonora, levando-o a desviar a vista ligeiramente para a esquerda. A lanterna oscilou

apenas uma vez, como que agitada por um repentino sopro de vento num local onde não devia haver correntes de ar.

Deakin rodopiou no momento em que Carlos, empunhando a faca já erguida, atirou-se sobre ele. Conseguiu segurar-lhe o pulso e houve uma rápida, mas feroz luta interrompida temporariamente quando ambos tropeçaram numa caixa e se separaram na queda, Deakin tombando entre duas fileiras de caixões, Carlos no meio do vagão. Levantaram-se ambos rapidamente, embora o primeiro, apesar de suas dores e contusões, ou talvez por apreciar friamente o fato de estar desarmado, fosse um tanto mais rápido. Carlos, segurando a faca em sentido inverso, preparou-se para atirá-la. Deakin, sem espaço para movimentar-se ou recuar naqueles estreitos limites, deu um furioso pontapé na tampa solta do caixão mais próximo, aquele onde se encontrava a lanterna. A madeira saltou no ar, ocultando-o momentaneamente dos olhos de Carlos, enquanto a lâmpada se espatifava no chão, mergulhando o vagão de mantimentos em relativa escuridão. Deakin não tinha a menor intenção de permanecer no local. Combater no escuro contra um homem armado de faca e invisível é forma certa de suicídio.

Correu para a porta traseira do vagão, ultrapassou-a, e fechou-a ao sair. Não se deu sequer ao trabalho de olhar para trás, pois não havia outro caminho por onde fugir, exceto para o alto. Subiu ao teto pela guarda de ferro, deitou-se e olhou para baixo, à espera de que Carlos surgisse para saltar sobre ele ou, melhor ainda, deslizar para trás, esperar que sua cabeça aparecesse e dar-lhe um pontapé. Mas, segundos se passaram e Carlos não aparecia. A compreensão chegou quase tarde demais.

Movendo a cabeça, espreitou para um mundo opaco, cheio de neve rodopiante. Esfregou os olhos, cobriu-os com as mãos e olhou novamente.

Carlos, a menos de três metros, engatinhava cautelosamente pelo centro do teto, com a faca numa das mãos e os dentes à mostra no rosto escuro. Dava a impressão nítida de alguém que não só estava se divertindo, mas esperava diverti-semuito mais em questão de um ou dois segundos. Deakin não partilhava de tais sentimentos, sem os quais poderia passar muito bem; naquele

instante, uma robusta criança de cinco anos o teria vencido sem grande dificuldade. Havia, na verdade, uma circunstância que diminuía um pouco as suas desvantagens. Embora as qualidades físicas de Carlos parecessem intactas, era duvidoso que o mesmo acontecesse às mentais. O cozinheiro absorvera considerável quantidade de uísque.

Deakin, apoiado nas mãos e nos joelhos, girou o corpo para enfrentar Carlos que se aproximava. Naquele instante, captou um vislumbre do que lhe pareceu, através da neve, uma longa ponte sobre um precipício; mas a visão tanto poderia ser imaginária como real. Não teve tempo para mais. Carlos, agora a menos de dois metros e com o mesmo sorriso de feroz satisfação, ergueu acima do ombro a mão que empunhava a faca. Parecia alguém que não estava habituado a falhar. Deakin movimentou convulsivamente a mão direita e o punhado de neve congelada que segurava atingiu o adversário nos olhos. Cego, Carlos completou instintivamente o gesto de atirar a faca, mas Deakin já se abaixara, num longo movimento que o colocou abaixo da trajetória da lâmina, enquanto o ombro direito colidia solidamente contra o peito de Carlos.

Tornou-se logo óbvio que o cozinheiro não era o homenzarrão gorducho que aparentava e sim um sujeito alto e muito vigoroso. Recebeu sem um gemido o impacto do golpe de Deakin — é exato que a superfície gelada roubara-lhe apenas uma fração do impulso inicial — e, fechando ambas as mãos ao redor do pescoço do rapaz, começou a apertar.

Deakin tentou livrar-se da pressão, mas descobriu que era impossível. Selvagem, agrediu o outro com o que lhe restava de forças, no rosto e no corpo. Carlos limitou-se a sorrir largamente. Devagar, com as pernas trêmulas pelo esforço, Deakin conseguiu apoiar-se nos pés, esforçando-se por se levantar. O cozinheiro levantou-se com ele. Carlos não fez grande esforço para impedi-lo. Todo o seu interesse concentrava-se em manter e intensificar a pressão.

Enquanto os dois lutavam em movimentos grotescamente vagarosos, procurando manter o equilíbrio na superfície traiçoeira, Carlos olhou para a esquerda. Logo abaixo erguia-se o início de

uma ponte curva e, mais abaixo ainda, as profundezas insondáveis da ravina. Dentes à mostra, em parte pela intensidade do esforço, em parte pelo conhecimento da vitória iminente, enterrou os dedos cada vez mais no pescoço de Deakin. Por excesso de segurança, ou mais provavelmente pela quantidade de álcool que absorvera, não percebeu a intenção de Deakin ao fazer com que ambos ficassem de pé. Quando o percebeu era tarde demais.

Agarrando o casaco de Carlos, Deakin atirou-se violentamente para trás. O cozinheiro, pegado de surpresa e perdendo o equilíbrio naquela superfície gelada, não teve opção senão cair com ele. No mesmo instante, Deakin dobrou as pernas de modo a que os joelhos quase lhe alcançassem o queixo, colocou ambos os pés no ventre do adversário, e deu um pontapé para o alto com todas as forças. A velocidade da queda de Carlos e o movimento das pernas de Deakin, combinados com um forte impulso dos braços, interrompeu o estrangulamento e atirou o cozinheiro, braços e pernas inutilmente agitados, por sobre a borda do vagão e da ponte, fazendo-o cair nas profundezas da ravina.

Estendendo as mãos para a segurança de um ventilador, Deakin olhou para o precipício. Carlos, rodopiando no ar em movimentos grotescamente vagarosos, desapareceu nas profundezas cobertas de neve. Um longínquo grito de terror emergiu da escuridão.

12

Os ouvidos de Deakin não foram os únicos a escutar o último som que Carlos emitiu na Terra. Henry, ocupado em esquentar um bule de café, ergueu a cabeça vivamente ficou por instante à escuta, tenso, na mesma posição. Como se fizesse ouvir, voltou à sua tarefa.

Exausto, arquejante, massageando o pescoço escoriado — gesto que proporcionou ao ombro direito tanta dor quanto alívio ao pescoço — Deakin permaneceu por algum tempo agarrado ao ventilador. Em seguida, aproximou-se cautelosamente da parte traseira do vagão de mantimentos, deixando-se cair na plataforma. Entrando, acendeu outra lanterna e prosseguiu na busca. Abriu mais duas caixas do Corpo Médico. Como as outras, continham munição Winchester. Abriu a quinta e estava para passar adiante, quando notou que era um pouco mais longa que as outras. Isto foi o bastante para fazê-lo manejar imediatamente o cinzel. A caixa estava atulhada de sacas de borracha cinzenta, do tipo frequentemente usado para o transporte de pólvora.

Resolveu abrir mais uma, embora parecesse idêntica à anterior. Estava cheia de pequenos objetos cilíndricos, cada qual com cerca de vinte centímetros de comprimento e enrolados em papel impermeável cinzento. Deakin enfiou no bolso dois deles, apagou a lanterna, tirou sua jaqueta de pêlo de carneiro da vigia de observação e estava ocupado em vesti-la quando viu abrir-se a porta traseira do segundo vagão e Henry aparecer. Trazia uma cafeteira, duas canecas e uma lanterna. Fechando a porta, olhou em volta surpreendido. Aparentemente não era hábito de Carlos abandonar o posto.

Deakin não esperou. Adiantou-se rápido para a retaguarda do vagão de mantimentos, saiu para a plataforma e assumiu posição numa das vigias.

Henry, erguendo a lanterna, abriu a porta e adiantouse devagar pelo vagão. Olhando para a esquerda, imobilizou-se, a fisionomia registrando total incredulidade, o que era compreensível nas circunstâncias. Não esperava encontrar seis caixas de madeira com os tampos arrancados, e o conteúdo à mostra: munição, pólvora e explosivos.

Lentamente, quase como um sonâmbulo, pousou o bule e as canecas e adiantou-se devagar para os fundos do vagão, onde se deteve, os olhos arregalados, boquiaberto, diante dos três caixões descobertos, dois contendo os rifles Winchester e o terceiro, os restos mortais do Reverendo Peabody. Recuperando-se do estupor temporário, olhou em volta desesperado, como se quisesse assegurar-se de não estar na companhia do vândalo doido responsável pelo que via à sua volta. Hesitou, fez menção de recuar, mudou de ideia, e adiantou-se para a porta traseira do vagão. Deakin, que começava a mostrar-se hábil em tais tarefas, subiu para o teto do vagão.

Henry desceu à plataforma traseira. Longos segundos passaram-se antes que sua mente confusa aceitasse a evidência dos sentidos, ou o que deles restava. A expressão de choque e incredulidade ao perceber que o restante do trem desaparecera foi tão intensa que fazia lembrar uma paródia da expressão real. Parecia ter-se transformado em pedra. Súbito, recuperou a capacidade de agir. Dando uma reviravolta, desapareceu pela porta aberta. Deakin desceu e seguiu-o, embora a passos mais lentos.

Henry atravessou correndo o vagão, o corredor dos beliches, e finalmente o do primeiro carro, chegando por fim ao /salão, onde Deakin deveria estar bem instalado, passando a noite. Seu instinto não falhara. O rapaz desaparecera. Sem perder tempo, manifestando espanto ou qualquer outra emoção — a essa altura ficaria estupefato se encontrasse Deakin — voltou-se e correu por onde tinha vindo. Ao passar do primeiro para o segundo vagão, tinha muita coisa na cabeça para se lembrar de olhar para cima, mas, ainda que o fizesse, era improvável que visse Deakin agachado no teto. Entrando no corredor do carro dormitório, deixou

a porta escancarada, Deakin saltou para a plataforma e aguardou com interesse junto dela.

Não precisou esperar muito. Ouviu batidas frenéticas numa porta e em seguida a voz de Henry que expressava, como sua aparência, completo desatino.

— Pelo amor de Deus, Major, venha depressa!

Desapareceram! Desapareceram todos!— Que diabo está dizendo?

— A voz de O'Brien era a de um homem bruscamente acordado de sono profundo. — Diga algo com sentido, homem.

— Desapareceram, Major. Desapareceram. Os dois vagões de cavalos já não estão no trem.

— O quê? Você está bêbado! — Preferia estar.

Desapareceram, é o que digo. E as caixas de munições e explosivos foram arrombadas. E os caixões. E Carlos sumiu. Deakin também.

Não há sinal deles. Ouvi um grito, Major...

Deakin não precisava ouvir mais. Passando para o segundo carro, transpôs a sala de refeições e parou diante da porta de Mariah. Ao experimentar a maçaneta, encontrou-a trancada. Usou então suas chaves e entrou, fechando a porta com cuidado. Uma lamparina brilhava na mesinha junto ao beliche. Deakin ergueu o pavio, apoiou a mão no ombro recoberto de mantas e sacudiu de leve a moça adormecida. Ela se agitou, voltou-se, abriu os olhos e mais ainda a boca. Uma grande mão fechou-se sobre seu rosto.' — Não faça isso. Morrerá se gritar.

Os olhos de Mariah arregalaram-se e Deakin meneou a cabeça, procurando parecer animador, coisa difícil nas circunstâncias .

— Não pela minha mão, senhorita. — Indicou a porta com o polegar. — Seus amigos. Estão à minha procura. Quando me pegarem me matarão. Pode me esconder? Retirou a mão. Apesar da veia pulsando rápido no pescoço, já não estava aterrorizada, embora o olhar continuasse desconfiado. Moveu os lábios sem emitir som, mas finalmente perguntou: — Por que o faria? — Salve a minha vida que eu salvarei a sua.

Ela fitou-o quase sem reação, com incompreensão, mais do que com frieza, depois meneou lentamente a cabeça. Deakin girou

o cinto de modo a fazer ver a parte interior do mesmo, abriu um compartimento fechado por botão, extraiu um cartão e mostrou-o. A moça leu, primeiro sem preender, depois, arregalando os olhos. Em seguida, fez que sim, aceitando aos poucos a ideia. Ouviu-se ruído de vozes no corredor. Mariah escorregou do beliche e fez sinal para, que Deakin nele subisse. Comprimindo-o contra a parede do vagão, cobriu-o de todo.

Em seguida, baixou a lamparina, e estava subindo para o beliche quando bateram à porta. Não respondeu, ocupando-se em arrumar as cobertas de modo a ocultar Deakin o melhor possível. A batida repetiu-se, desta vez mais pé. remptória.

Apoiando-se num cotovelo, Mariah perguntou, sonolenta: — Quem é? — O Major O'Brien, senhorita.

— Entre, entre. A porta não está trancada.

A porta abriu-se e O'Brien surgiu no limiar, sem fazer menção de adiantar-se. Indignada, Mariah perguntou: — Que ideia é essa de me perturbar a esta hora Major? O'Brien respondeu em tom de quem pede desculpas: — O prisioneiro Deakin, Senhorita Fairchild. Fugiu.

— Fugiu? Não seja ridículo. Para onde fugiria alguém neste ermo? — É isso exatamente. Não há lugar para onde fugir, por isso achamos que ainda se encontra no trem.

Mariah fixou-o com fria incredulidade.

— E achou que talvez eu...

Apressando-se em acalmá-la, o Major respondeu: — Não, não, Senhorita Fairchild. É que poderia ter-se esgueirado para cá enquanto a senhorita dormia...

— Bem, não está escondido debaixo da minha cama, Era bastante áspero o tom de Mariah.

— Estou vendo, senhorita. Desculpe, por favor.

O'Brien recuou rapidamente, o que não lhe era característico, e o som de seus passos perdeu-se no corredor. A cabeça de Deakin emergiu das cobertas...— Ora, ora. Foi uma beleza. — O tom era francamente admirativo. — E nem sequer disse uma mentira. Jamais pensei...

— Fora! Está coberto de neve da cabeça aos pés e eu fiquei gelada.

— Não, saia a senhorita. Vista-se e traga aqui o Coronel Claremont.

— Vestir-me! Com... com você deitado... Deakin cobriu os olhos com o braço cansado.

— Minha cara jovem, isto é, minha senhora... tenho outras coisas menos agradáveis em que pensar. Leu o cartão. Não deixe que ninguém a veja falando com o Coronel.

Não deixe que ninguém a veja trazendo-o até aqui. E não lhe diga que estou neste compartimento.

Mariah lançou-lhe um olhar interrogativo, mas não discutiu. Algo na fisionomia de Deakin desencorajava discussões. Vestiu-se rapidamente, saiu, e voltou em dois minutos, seguida por um espantado Coronel Claremont.

Quando Mariah fechou a porta, Deakin afastou as cobertas do rosto e sentou-se na borda do beliche.

— Deakin! Deakin! — Claremont fitou-o, incrédulo. — Em nome de Deus, o que...

Interrompeu-se, levando a mão ao Colt pendurado no cinto.

— Deixe em paz esta maldita arma — falou Deakin, cansado. — Terá muitas oportunidades de usá-la mais tarde. Mas não contra mim.

E entregou-lhe o cartão. Claremont tomou-o hesitante, leu-o, duas, três vezes. Finalmente disse: — John Stanton Deakin... Governo dos Estados Unidos... Serviço Secreto Federal... Allan Pinkerton. — Recuperando o autodomínio com notável rapidez devolveu o cartão. — Conheço pessoalmente o senhor Pinkerton. É esta a assinatura dele. Conheço-o também. Finalmente. Ou ouvi falar a seu respeito. Em 1866 era John Stanton. Foi o homem que desvendou o roubo de setecentos mil dólares da Adams Express naquele ano. — Deakin confirmou com a cabeça. — Que quer que eu faça, senhor Deakin? — O que ele quer que o senhor faça? Mas acaba de conhecê-lo, Coronel. — Mariah parecia francamente incrédula. — Como sabe que ele... Isto é, não tem dúvidas a "eu respeito ou...

— Ninguém duvida de John Stanton Deakin, minha cara — disse Claremont em tom quase suave.

— Mas nunca ouvi falar...

— Não nos permitem fazer propaganda — replicou Deakin, paciente. — O cartão diz Serviço Secreto. Não há tempo para perguntas. Estão atrás de mim e a vida de vocês não vale um fósforo queimado. — Calou-se, pensativo. — Isto seria também exato ainda que não estivessem no meu encalço. Mas os acontecimentos se precipitaram.

Todas as outras pessoas vivas neste trem só têm uma ambição: providenciar a nossa morte. — Abrindo de leve a porta, escutou e tornou a fechá-la. — Estão lá na frente confabulando. Esta é a nossa única oportunidade. Vamos.

Arrancando os lençóis da cama de Mariah meteu-os debaixo da jaqueta.

— Para que isto? — perguntou Claremont.

— Mais tarde. Venham.

— Ir para onde? — replicou Mariah, estonteada. — Meu tio! Não posso sair...

Com voz mansa, Deakin falou: — Pretendo zelar para que seu venerável e íntegro tio, o Governador, seja julgado por assassinato, alta traição e roubo.

Mariah fitou-o num silêncio incrédulo, a fisionomia revelando estado de choque. Deakin abriu de leve a porta. Ouviam-se vozes alteradas no salão. No momento, quem falava era Henry.

— Richmond! Foi lá que o vi. Richmond! — Parecia profundamente infeliz. — Foi em sessenta e três. Agente de espionagem federal. Fugiu. Mas é ele.

— Meu Deus! Agente federal! — O tom de O'Brien era feroz, mas sentia-se a apreensão implícita. — Sabe queo que isso significa, Governador?

Aparentemente o Governador sabia muito bem o que significava. Com voz trêmula e em tom agudo, exclamou: — Encontrem-no! Pelo amor de Deus, encontrem-no! E matem-no! Ouviram? Matem! Matem! — Parece que ele quer me matar — disse o rapaz ao ouvido de Mariah. — Sujeito encantador, não é? Deakin

impeliu silenciosamente pelo corredor uma pálida e abalada Mariah e um singularmente tranquilo Claremont, que encerrava a fila. Atravessando rapidamente a sala de refeições, saíram para a plataforma traseira. Sem uma palavra, Deakin gesticulou em direção ao teto. Claremont olhou para ele sem compreender, depois fez que sim. Com a ajuda de Deakin, galgou rápido o teto, agarrou-se a um ventilador com uma das mãos e estendeu a outra para Mariah. Em breve estavam os três no alto, agarrados uns aos outros, de costas para a neve.

— É horrível! — A voz de Mariah tremia, mas de frio, e não de medo. — Vamos congelar aqui.

— Não fale mal de tetos — censurou Deakin. — Tornaram-se para mim uma espécie de segundo lar. Alémi disso, neste momento é o local mais seguro neste trem. Abaixem-se! Impelidos pela urgência da voz e o movimento dos braços— do rapaz, inclinaram-se quando um espesso ramo de pinheiro roçou-lhes as costas.

— É o lugar mais seguro se ficarmos de olho nesses malditos ramos baixos — falou Deakin.

— E agora? Claremont estava muito calmo, com o ar descontraído' dê alguém que espera divertir-se a qualquer momento.

— Aguardamos. Aguardamos e escutamos. Deitando-se no teto, Deakin encostou o ouvido a um ventilador. Claremont imitou-o. Estendendo o braço, o rapaz atraiu Mariah para junto deles.

— Não precisa me rodear com o braço — disse ela, friamente.

— É o ambiente romântico — explicou o rapaz. — Sou muito suscetível a esse tipo de coisa.

— Verdade? — A voz era tão gelada quanto a noite.

— Não quero que caia deste maldito trem. Ela mergulhou em silêncio ofendido.

— Estão lá embaixo — murmurou Claremont.

Deakin fez que sim. O'Brien, Pearce e Henry, empunhando armas, postavam-se, momentaneamente indecisos, na sala de jantar.

Pearce falou: — Se Henry ouviu um grito e Deakin lutou com Carlos, talvez ambos tenham caído do trem e...

Tanto quanto era possível ao Governador correr, foi assim que entrou no compartimento. Cem metros, e estava ofegante.

— Minha sobrinha! Desapareceu! Houve um breve silêncio de espanto, do qual O'Brien foi o primeiro a se recuperar. Voltando-se para Henry ordenou: — Vá ver se o Coronel Claremont... Não, irei eu mesmo.

Deakin e Claremont trocaram olhares e o primeiro espreitou por sobre a borda justo a tempo de ver o Major passar rapidamente entre o primeiro e o segundo carro.

O'Brien, observou, esquecera a elementar cortesia de guardar no coldre a pistola antes de procurar o oficial superior. Recuando para o ventilador, Deakin passou distraidamente o braço preso sobre os ombros da moça. Se esta tinha objeções, não as manifestou.

— Você e Carlos lutaram'? — perguntou Claremont.

U pouco. No teto no vagão de mantimentos. Ele caiu.

— Carlos caiu? Aquele homem simpático e alegre? — A capacidade de Mariah para absorver informações desagradáveis esgotara-se. — Mas... talvez esteja muito ferido. Isto é, caído na estrada, congelando neste frio horrível.

— Está bastante ferido, sem dúvida. Mas não na estrada. E não sente coisa alguma. Passávamos por uma ponte na ocasião. Ele percorreu um longo caminho até o fundo da ravina.

— Você o matou. — Deakin mal ouviu as palavras pronunciadas em voz rouca. — Mas isso é homicídio! — Todo mundo precisa de um hobby — Deakin segurou-lhe os ombros com mais força. — Ou preferia que eu estivesse no fundo do precipício? Por pouco não fui eu quem caiu.

Ela não respondeu de imediato.

— Desculpe. Sou uma tola.

— Sim — confirmou Claremont, sem galanteria. — Bem, Senhor Deakin, e agora? — Tomaremos a locomotiva.

— E lá estaremos em segurança? — Depois de nos livrarmos do nosso amigo Banlon. — Claremont fitou-o sem compreender. — Isso mesmo, Coronel . Banlon.

— Não posso acreditar.

— As sombras dos três homens que ele matou acreditariam.

— Três homens? — Que eu saiba ao certo.

Claremont levou pouco tempo para aceitar aquela nova realidade. Com voz tranquila, indagou: — Então, ele está armado? — Não sei. Creio que sim. Seja como for, Rafferty está com o rifle. Banlon o usaria, depois de empurrar o soldado para fora da locomotiva.

— Ele ouviria a nossa aproximação? Poderia mantermos a distância?— O mundo é incerto, Coronel.

— Poderíamos resistir no trem. Num corredor. Numa porta. Tenho o meu revólver...

— Inútil. São homens desesperados. Com todo respeito. Coronel, duvido que possa fazer frente a Pearce ou a O'Brien, com uma arma. E ainda que conseguisse mantê-los a distância, haveria um horrível tiroteio. Ao primeiro disparo, Banlon estaria de sobreaviso. Ninguém se aproximaria da locomotiva. E ele seguiria sem parar até o Fort Humboldt.

— E daí? Estaríamos entre amigos.

— Temo que não.

Erguendo o dedo num aviso, espreitou cautelosamente por sobre a borda a tempo de ver O'Brien passando do segundo para o primeiro carro. Tornou a aproximar o ouvido do ventilador e, pelo tom de voz do Major, percebeu que sua tranquila urbanidade abandonara-o completamente.

— O Coronel desapareceu também! Henry, fique aqui e não deixe ninguém passar, nem num sentido, nem no outro. Atire no primeiro que surgir. Mate à primeira vista.

— Não, Governador... começaremos pelo fim e revistaremos cada centímetro deste maldito trem.

Deakin fez um gesto urgente em direção à parte anterior do vagão, mas Claremont, de joelhos, olhava fixo para a retaguarda.

— Os vagões dos cavalos! Desapareceram!

— Mais tarde! Mais tarde! Vamos.

Sem ruído, os três adiantaram-se pelo teto do carro.

Chegando ao outro extremo, Deakin saltou na plataforma e espiou pela vigia de observação. Henry estava bem à vista no extremo do

corredor, com as costas estrategicamente apoiadas à parede da sala de refeições. Seus olhos, em constante movimento, cobriam as duas vias de ingresso, pela frente e pelos fundos. Na mão direita, empunhava, de maneira desagradavelmente decidida, um Peacemaker Colt. Deakin deu uma olhadela para cima, levou um dedo aos lábios, talvez desnecessariamente, apontou para o interior do carro e, estendendo as mãos, ajudou tanto Mariah como Claremont a descer para a plataforma. Ainda em silêncio, estendeu a mão para o Coronel que, após hesitar, entregou-lhe a arma. Deakin fez sinal para que se abaixassem, ficando onde estavam. Subiu então pelo gradil de segurança, chegou à parte posterior do tender e transferiu seu peso para um dos amortecedores. Lentamente içou-se, até conseguir espiar por cima da lenha empilhada no interior.

Banlon olhava para a frente através da janela. Rafferty, diante da fornalha acesa, ocupava-se em alimentá-la. Deixando a porta aberta, voltou-se para o tênder. A cabeça de Deakin desapareceu rapidamente. Rafferty levou duas braçadas de lenha, e começara a virar-se novamente, quando Deakin levantou-se bem à vista de quem quisesse voltar-se. Adiantou-se rápido, mas com cautela, sobre a lenha empilhada, depois deixou-se cair silenciosamente no piso do tênder.

Súbito, Banlon imobilizou-se. Algo, com certeza um reflexo de movimento captado pela vidraça, chamara-lhe a atenção. Desviou lentamente os olhos do vidro e fixou Rafferty, que o fitou no mesmo instante. Ambos voltaram-se para trás. Deakin se encontrava a metro e meio de distância e seu Colt apontava para o corpo de Banlon.

Dirigindo-se a Rafferty, Deakin falou: — Vejo ali o seu rifle. Não tente pegá-lo. Leia isto. Quase relutante, Rafferty tomou o cartão, leu-o à luz da fornalha e devolveu-o, com ar intrigado e inseguro.

— O Coronel Claremont e a Senhorita Fairchild se encontram na plataforma. Ajude-os a vir para cá. Muito, muito cautelosamente, Rafferty, se não quiser que lhe estoure os miolos.

O soldado hesitou, mas fez que sim e saiu. Voltou daí a segundos acompanhado de Claremont e Mariah. Enquanto passavam do tênder para a locomotiva, Deakin avançou para Banlon, segurou-o pela lapela e atirou-o com violência contra a parede lateral, encostando o Colt, sem a menor delicadeza, no pescoço do engenheiro.

— Sua arma, Banlon. Vermes como você sempre possuem uma arma.

Banlon, que parecia estar a ponto de vomitar, lutou para respirar melhor contra a pressão da pistola. Nas circunstâncias, sua tentativa de parecer ofendido constituía grande crédito para seu talento histriônico.

— Que significa isto, em nome de Deus? Coronel Claremont...

Deakin empurrou-o para a frente forçando-o a virar-se, levou a mão direita do engenheiro à altura das omoplatas, e empurrou-o em direção aos degraus e à porta aberta da cabina.

— Salte!

Os olhos arregalados de Banlon refletiram horror. Através da nevasca, vislumbrava-se a íngreme parede rochosa de um precipício. Encostando o cano da pistola nas costas do engenheiro, Deakin repetiu: — Salte, já disse.

Mariah, o horror e a descrença refletidos no rosto, esboçou o gesto de se aproximar de Deakin. Claremont deteve-a.

— Na caixa de ferramentas! — gritou Banlon. — Está debaixo da caixa de ferramentas.

Deakin recuou, permitindo que Banlon voltasse à segurança da cabina. Com a arma, o agente fez sinal para que se postasse a um canto e disse a Rafferty: — Vá pegá-la, por favor.

Rafferty olhou um momento para Claremont, que anuiu. Apalpando o fundo da caixa, o soldado encontrou um revólver, que passou a Deakin. Tomando-o, o agente devolveu a arma de Claremont. O Coronel fez um gesto de cabeça em direção ao tênder e Deakin confirmou.

— Não são tolos. Em pouco tempo descobrirão que se não estamos no trem é porque nos encontramos sobre ele. E se não estivermos no teto só podemos estar num lugar. Seja como for, as

marcas que deixamos lá em cima nos denunciarão. — E voltando-se para Rafferty: — Aponte sua arma para Banlon e não o perca de vista. Se ele se mover, mate-o.

— Matá-lo?

— Você não tentaria apenas ferir uma cascavel, não é? Banlon é mais perigoso que uma cascavel. Mate-o, eu disse. Ele vai morrer de qualquer maneira, na ponta de uma corda.

— Eu? Na força? — A fisionomia de Banlon contraiuse. — Ignoro quem julga que seja, Deakin, mas a lei diz...

Não houve aviso. Deakin deu um longo passo à frente e esbofeteou-o violentamente com as costas da mão, atirando-o contra os controles. O sangue começou a jorrar-lhe do nariz e da boca.

— Eu sou a lei.

Banlon tentou inutilmente enxugar o nariz e a boca com um trapo muito sujo. Seu gesto não teve resultados aparentes, pois o sangue continuou a jorrar copioso. O rosto magro do engenheiro parecia ainda mais encaveirado e abatido. O pergaminho castanho da pele estava vários tons mais pálido, e os olhos saltavam continuamente de um lado para outro, como os de um animal acuado em busca de um meio de fuga que não existia. O olhar fixava-se sobretudo em Deakin e Claremont, voltando ao primeiro, mas sem encontrar consolo. Nenhuma das duas fisionomias demonstrava compaixão.

— O fim do caminho — disse Claremont. — Quem vive pela espada morre pela espada. John Stanton Deakin é a lei, Banlon. É agente secreto do Governo Federal.

Você sabe o que isto significa.

Era claro que Banlon sabia muito bem. Seu rosto assustado tornou-se mais acuado que nunca.

— Atire no corpo, não na cabeça — disse Deakin a Rafferty. — Não queremos ricochetes no interior da cabina.

Voltando as costas ao grupo, adiantou-se para o tender e começou a afastar a lenha do canto direito, nos fundos. Os olhos de Mariah e Banlon não o deixaram um momento.

Claremont, com o Colt apontado, dividia a atenção entre Deakin e Banlon. Rafferty, atento à recomendação, só tinha olhos para Banlon.

Terminada a tarefa, o agente endireitou o corpo e afastou-se para um lado. Mariah esboçou o gesto clássico de levar a mão à boca, seus olhos parecendo imensos no rosto pálido. Claremont fixou as duas silhuetas vestindo uniforme amarrotado. Só a parte superior dos corpos estava à mostra.

— Oakland! Newell! Deakin, sombrio, falou para Banlon: — É como eu disse: a força. — E voltando-se para Claremont: — Agora sabe por que não encontrou Oakland e Newell em Reese City. Não chegaram a sair do trem.

— Descobriram algo que deveriam ignorar? — Seja como for, aconteceu nesta cabina. Devem ter sido assassinados aqui. Não se carregam oficiais mortos por uma plataforma cheia de soldados. Não creio que tenham visto nada de suspeito ou incriminador. Não aqui. Provavelmente ouviram alguém, Banlon e outra pessoa, discutindo coisas estranhas e subiram para investigar.

O último erro que jamais cometeram.

— Henry. Foi o outro. O próprio Banlon me disse que haviam mandado o foguista, Jackson, à cidade enquanto eles...

— Enquanto eles cobriam os corpos dos mortos com a lenha. Foi por isso que o pobre Jackson morreu. Descobriu os corpos. — Deakin inclinou-se e recolocou no lugar alguns toros para ocultar os mortos. — Creio que Banlon estava apavorado com a possibilidade de jusarem a lenha muito depressa e Jackson encontrá-los, de modo que encheu o foguista de tequila na esperança de inutilizá-lo para, em seguida, livrar-se dos corpos enquanto o outro dormia. Mas acontece que a bebida tornou Jackson descuidado. Ao puxar a lenha de um canto descobriu os corpos. Banlon teve que matá-lo. Uma chave pesada, provavelmente. Mas não foi o que o matou.

— Juro por Deus, Coronel, não acredite o que diz esse homem. — A voz de Banlon era um agudo lamento. Mais do que nunca, assemelhava-se a um animal acuado.

Claremont ignorou-o, voltando toda a atenção para Deakin.

— Continue.— Quando Jackson bateu contra a parede de rocha, a morte foi instantânea. Mas havia um profundo corte na parte posterior do pescoço que sangrou profusamente.

— E mortos não sangram.

— Mortos não sangram. Banlon atou um trapo ao pulso de Jackson, atirou-o no precipício quando passávamos pela ponte, deteve o trem, deixou marcas na janela da cabina para mostrar que Jackson ali estivera, e depois contou a história.

A voz de Banlon estava rouca de medo.

— Não pode provar nada disso! — É exato. Não posso provar também que fingiu problemas na alavanca de controle para permitir que fossem cortadas as linhas do telégrafo para Reese City.

Lentamente Claremont falou: — Vi Banlon ajustando a válvula de escape do vapor em Reese City.

— O mais provável é que a estivesse afrouxando. Também não posso provar que fez uma parada prematura para abastecer-se, a fim de permitir que uma carga explosiva fosse colocada no engate dianteiro do primeiro vagão de tropas, carga ajustada para explodir próximo à subida mais íngreme das montanhas. É fácil agora adivinhar por que ninguém saltou, nem tentou deter os carros desgarrados. Quando recuperarmos os destroços, podem ter certeza de que encontraremos as portas trancadas pelo lado de fora, e o guarda-freios assassinado.

— Propositalmente? — murmurou Mariah. — Todos aqueles homens foram assassinados? Quatro disparos soaram um após outro, seguidos imediatamente pelo assobio das balas ricocheteando nas paredes metálicas da cabina e desaparecendo na neve e na escuridão.

Nenhuma, por incrível que seja, permaneceu no interior.

— Abaixem-se! — gritou Deakin.

Atiraram-se todos simultaneamente no piso da cabina e do tênder — todos exceto Banlon, cuja vida já estava ameaçada. Uma pesada chave de fenda surgiu miraculosamente em sua mão, descreveu um arco assassino e atingiu Rafferty com violento golpe na parte lateral da cabeça.

Apoderando-se do rifle que caíra das mãos inermes, Banlon girou, dizendo para Claremont, que apontava o revólver para os fundos do tender: — Não se mova. — E a Deakin, cuja arma continuava no cinto! — Gostaria que se movesse.

Os dois permaneceram imóveis.

— Larguem as armas. Claremont e Deakin obedeceram.

— Levantem-se. Mãos ao alto.

Ergueram-se QS três, Deakin e o Coronel de mãos levantadas. Banlon voltou-se para Mariah: — Ouviu o que eu disse.

Aparentemente a moça não ouvira. Fixava, incrédula, Rafferty. Era óbvio que estava morto. Banlon movimentou de leve o rifle.

— Última chance, moça.

Como em sonho, a jovem obedeceu. Banlon transferiu sua atenção para Deakin. Nesse instante, a mão direita de Mariah movimentou-se devagar, até chegar atrás de uma das lanternas suspensas. Se Deakin percebeu o movimento, não manifestou nem o mais leve sinal no rosto e no olhar. A mão de Mariah foi se fechando gradualmente sobre a lanterna.

— Não sei por que trouxe estes lençóis, mas serão muito úteis — disse Banlon. — Suba na pilha de lenha e agite um deles. Agora! Mariah retirou a lanterna do lugar e movimentou o braço num gesto convulsivo para a frente. Com o canto do olho, Banlon percebeu a mancha de luz aproximando-se dele.

Rodopiou, desviando-se, porém tarde demais para impedir que a lanterna lhe atingisse o rosto. Continuou segurando o rifle, mas desequilibrou-se por dois segundos, tempo mais que suficiente para um homem como Deakin. Seu mergulho de cabeça atingiu Banlon na cintura e atirou o rifle ruidosamente ao chão. O bandido colidiu com força contra a caldeira. Deakin, como um grande felino, agarrou-o pelo pescoço e empurrou-lhe a cabeça por duas vezes contra a parede metálica.

O rosto do agente já não era inexpressivo. Quando seus olhos se moveram para a esquerda, detendo-se momentaneamente no corpo de Rafferty, a fisionomia tornou-se selvagem, amarga e quase inumana. Pela primeira vez Mariah fitou-o amedrontada. Deakin

voltou a atenção para o adversário. Banlon poderia já estar morto, mas Deakin tornou a bater com a cabeça dele contra a caldeira, esmigalhando-lhe, sem dúvida, o occipital. Erguendo o corpo, deu dois passos e atirou-o fora da cabina.

Pearce e O'Brien, empunhando armas, encontravam-se na plataforma do primeiro carro. Súbito, ambos olharam para o lado, a tempo de identificar o corpo de Banlon antes que desaparecesse na escuridão. Entreolhando-se, correram para o interior do carro.

Na cabina da locomotiva, a expressão implacável de Deakin foi substituída pela habitual máscara de impassibilidade. Voltando-se para Mariah, falou: — Vamos, diga. Eu sei. Não devia ter feito isso.

— Por que não? — replicou ela, sensata. — Você disse que não poderia provar coisa alguma.

Pela segunda vez naquela noite, a máscara de Deakin desfez-se. Fitando-a com total espanto disse: — É possível que tenhamos mais pontos em comum do que pensa.

— Como sabe o que eu penso? — perguntou ela, com um sorriso tranquilo.

13

No salão dos oficiais, O'Brien, Pearce, Henry e o Governador haviam organizado um conselho de guerra. Os três primeiros, menos. O Governador, copo de uísque na mão, fixava o fogueiro, com expressão de profundo abatimento.

— É terrível! — Sua voz era um gemido. — Terrível. Estou arruinado. Oh, meu Deus!

— Não achou terrível quando descobri que tipo de homem era você, fraudando eleições e gastando uma fortuna em suborno para se tornar Governador. E quando sugeri que entrasse de sociedade com Nathan e comigo. Não achou terrível quando sugeri você mesmo que Nathan seria o agente ideal, nomeando-o pessoalmente para cuidar das reservas dos índios. Não achou terrível quando insistiu em ficar com metade de tudo o que conseguíssemos. Você me enoja, Governador Fairchild.

— Nunca pensei que nos envolvêssemos numa coisa dessas — murmurou o Governador. — Toda essa matança. Todos esses assassinatos. Que paz de espírito pode ter agora um homem honesto? — Ignorando ou não ouvindo a exclamação incrédula de O'Brien, prosseguiu: — Não me disse que queria a minha sobrinha como refém caso houvesse: problemas com o pai dela. Não me disse...

— Deus sabe o que eu gostaria de lhe dizer — falou Pearce, furioso. — Mas tenho outras coisas em que pensar.

— Espera-se que seja um homem de ação. — Fairchild tentou falar com aspereza, mas sua voz soou apenas deprimida. — Por que não faz alguma coisa? O'Brien fitou-o com desprezo.

— Fazer o que, velho tolo? Viu a barricada de madeira que ergueram nos fundos do tênder? Seria preciso uma bala de canhão para atravessá-la. E é provável que estejam espreitando através de alguma fresta, arma em punho, prontos a disparar no primeiro que

transpuser aquela porta. De uma distância de dois metros — acrescentou com sombria decisão — dificilmente errariam.

— Não é preciso fazer um ataque frontal. Vá até os fundos do carro, suba e aproxime-se pelo teto. Assim dera ver quem quer que esteja no tênder.

O'Brien ponderou a sugestão.

— Talvez não seja um velho tão tolo assim. Enquanto Deakin se familiarizava com os controles, Claremont alimentava a fornalha, e Mariah, sentada num monte de lenha com uma lona sobre os ombros para proteger-se da neve, ficava de olho na parte dianteira do primeiro vagão, através de uma brecha estrategicamente aberta na barricada de madeira. Claremont fechou a fornalha e endireitou o corpo.

— Então era Pearce? — Sim, era Pearce — respondeu Deakin. — Estava na nossa lista de suspeitos há muito tempo. É exato que lutou contra os índios, mas passou-se para o outro lado há seis anos. Para o mundo em geral ele é ainda funcionário de Tio Sam, zelando com olhar paternal sobre as reservas" Uísque e armas. Paternal! — O'Brien? — Nada contra ele. Conhecemos todos os detalhes da sua ficha militar. Um bom soldado, mas maçã podre. Lembra-se daquela grande cena de reunião com Pearce em Reese City, os dois recordando os velhos tempos em Chattanooga, em 1863? O'Brien de fato lá esteve. Pearce nunca pisou no local. Era batedor de uma das seis companhias de cavalaria organizadas pelo que se tornou o novo Estado de Nevada no ano seguinte. O'Brien também é mau caráter.

— O mesmo se pode dizer do Governador? — É claro. Fraco, avarento e manipulador de certa notoriedade.

— Mas será enforcado na mesma árvore? — Será enforcado na mesma árvore.

— Desconfia de todos.

— Faz parte de minha natureza e do meu trabalho, — Por que não de mim? — Não queria Pearce no trem. Isso o inocentava. Mas eu o coloquei a bordo junto comigo. Não foi difícil, com aqueles esplêndidos cartazes de "Procura-se" fornecidos pelo Serviço Secreto.— Você me enganou. — Claremont falou com amargura,

mas sem rancor. — Todos me enganaram. O Governo ou o Exército poderiam ter-me esclarecido.

— Ninguém o enganou. Desconfiamos que havia algo de errado em Humboldt e achamos melhor que o arco tivesse dois fios. AO entrar no trem eu estava tão ignorante do que se passava no Forte como o Coronel.

— Agora sei.

— Deakin! Deakin voltou-se rápido quando o grito soou às suas costas, estendendo a mão para a arma pendente do cinto.

— Há uma arma apontada para a moça. Não tente coisa alguma, Deakin.

O rapaz nada tentou. Pearce estava sentado no teto do primeiro vagão, os pés pendentes da borda, o Colt muito firme na mão, e o rosto de ave de rapina franzido num sorriso sem cordialidade.

Deakin mantinha as mãos bem afastadas do corpo, o que lhe parecia duplamente aconselhável, pois logo atrás de Pearce, no teto, distinguiu também uma OBrien, pistola em punho.

— Que querem que eu faça? — gritou.

— Assim está melhor, senhor agente do Serviço Secreto. — Pearce falava em tom quase jovial. — Pare o trem.

Deakin, voltando-se para os controles, disse em voz baixa: — Pare o trem, ordenou o homem.

Manejou o freio devagar, fechando a válvula. Súbito, num movimento brusco, puxou completamente os freios. As rodas da locomotiva imobilizaram-se e ouviu-se uma série de violentos choques metálicos, quando os amortecedores do tender e dos carros seguintes entraram em sucessivo contato.

O efeito para os dois pistoleiros que se encontravam no teto foi desastroso. A combinação de súbita desaceleração com o sacolejar violento fez com que Pearce deslizesse para a superfície revestida de gelo, caindo violentamente na plataforma e atirando a arma no leito da estrada quando se agarrou ao gradil de segurança para se salvar.

Mais adiante, no teto, O'Brien caiu de lado agarrando-se a um ventilador para não ter o mesmo destino de Pearce.

— Abaixem-se! — gritou Deakin.

Largando o freio, abriu inteiramente a válvula e mergulhou para o tender. Claremont já se encontrava deitado no piso da cabina, enquanto Mariah, sentada no chão, parecia sentir alguma dor. Deakin arriscou um rápido olhar por cima da barricada de lenha.

Pearce, de pé, movimentava-se rapidamente para o abrigo do primeiro carro. O'Brien, o rosto transformado em máscara de fúria, erguia a pistola. Uma chama saiu do cano. Para Deakin, o disparo e o tilintar metálico da bala ao colidir com o metal e o assobio do ricochete foram um Tínicio som. Num gesto reflexo agarrou o toro de lenha mais próximo e, sem se expor ao fogo de O'Brien, atirou o pedaço de madeira para cima e para trás.

O'Brien não tinha alvo contra o qual atirar, mas julgava não precisar dele. Uma bala ricocheteando naquele espaço confinado poderia ser tão letal como um disparo direto. Ao afrouxar a pressão no gatilho, sua expressão passou da ira ao alarme. O toro de lenha, que rapidamente se aproximava, parecia do tamanho de um tronco de árvore. Ainda agarrado ao ventilador, atirou-se para um lado, mas demasiado tarde para impedir que o tronco o atingisse com força no ombro. A arma foi lançada longe. Ignorando que O'Brien estava desarmado, Deakin continuou a atirar a lenha tão rápido quanto possível. O'Brien conseguiu evitar alguns dos projéteis e desviar outros, mas foi incapaz de se colocar a salvo de todos. Bateu em retirada arrastando-se de lado, como um caranguejo, em direção à parte traseira do carro, de onde desceu para o abrigo da plataforma.

No tender, Deakin levantou-se, arriscou primeiro um rápido olhar, depois outro mais prolongado. O terreno estavadesimpedido. Tanto a plataforma dianteira como o teta do carro pareciam desertos. Voltou-se então para Mariah.

— Ferida? Ela esfregou-se de leve.

— Somente onde cáí sentada. Deakin sorriu e olhou para Claremont.

— E você? — Somente na minha dignidade.

Deakin fez que sim, abriu a válvula, tomou o rifle de Rafferty, adiantou-se para os fundos do tãnder, e começou, a fazer nova brecha na barricada.

No salão, o Governador e seus três companheiros faziam, novo conselho de guerra. Reinava no momento uma certa atmosfera de frustração, senão de derrotismo. O Governador Fairchild continuava a segurar o copo cheio de uísque — ou um novo copo. Ao fixar o fogareiro em chamas, sua expressão era das mais infelizes. O'Brien e Pearce, este último recolocando um frasco no centro da mesa entre os dois, pareciam homens muito rijos e competentes, desabituaados de derrota tão fácil e completa. Henry, também empunhando um copo, encontrava-se a distância respeitosa. Parecia ainda mais lúgubre do que habitualmente, se isto é possível.

— Alguma ideia inteligente, Governador? — perguntou, Pearce, furioso.

— A concepção foi minha. A execução sua. Tenho culpa de que ele seja mais esperto que vocês? Se eu fosse vinte, anos mais jovem...

— Mas não é. Então, cale-se — disse O'Brien. Hesitante, Henry falou: — Temos um caixote de explosivos. Se pudéssemos, atirar um cartucho...

— Se não tiver melhor sugestão, é melhor que se cale; também. Precisamos deste trem para nos levar de volta para o Leste.

Recaíram em silêncio pensativo, que terminou bruscamente quando o frasco de uísque espatifou-se, espalhando bebida e fragmentos de cristal cortantes como lâminas por todo o compartimento. Ouviu-se nitidamente a detonação de um rifle. O Governador afastou a mão do rosto, olhando o sangue sem compreender. Novo disparo, e o chapéu negro de Pearce voou para o lado oposto do compartimento. Súbito, desfez-se a incompreensão. Os quatro atiraram-se ao chão e engatinharam para o corredor que conduzia à sala de refeições. Mais três disparos soaram, mas, a essa altura, o salão estava vazio.

Deakin retirou o rifle da barricada, levantou-se, tomou Mariah pelo braço e conduziu-a à cabina da locomotiva. Abrindo mais um pouco a válvula, pegou o corpo de Rafferty, carregou-o para o tênder e cobriu-o com uma lona antes de voltar à locomotiva.

— Melhor eu ficar de vigia — disse Claremont.

— Não é preciso. Não nos perturbarão de novo esta noite. — Olhou com mais atenção para Claremont. — Só a dignidade está ferida, hem? — Erguendo o braço esquerdo de Claremont, examinou-lhe a mão que sangrava profusamente. — Limpe com neve, por favor, senhorita, depois faça uma atadura com faixas daquele lençol.

Voltou a atenção para a estrada. O trem avançava a uma velocidade de cerca de vinte quilômetros horários, o máximo de velocidade naquelas condições de visibilidade tão limitada. Sem entusiasmo, Deakin pôs-se a alimentar o fogo.

Claremont fez uma careta quando Mariah limpou o ferimento.

— Lá no teto você disse que não haveria amigos no Forte — disse o Coronel.

— Haverá alguns, mas prisioneiros. O Forte foi ocupado. Sepp Calhoun, com certeza. Com a ajuda dos Paiutes, é provável.

— Índios! Que vantagem terão eles? Só encontrarão...

— Há muitas vantagens para os índios e nenhuma represália depois que receberem o pagamento que este trem transporta.

— Pagamento?

— No vagão de mantimentos. Foi por isso que morreu o Doutor Molyneux. E também Peabody. Molyneux disse que examinariam os suprimentos médicos no dia seguinte. Precisava morrer.

— Precisava?

— Não há remédios neste trem. Os caixotes estão cheios de munição para rifles.

Claremont observava Mariah que terminava o curativo de sua mão. Após uma longa pausa, falou: — Compreendo. E o Reverendo?

— O Reverendo? Duvido que Peabody jamais tenha entrado numa igreja. É agente federal há mais de vinte anos e meu companheiro nos últimos oito.

— Ele era o quê? — perguntou Claremont.

— Surpreenderam-no abrindo um caixão. Um daqueles para as vítimas da cólera.

— Eu sei. Sei para que são os caixões.

O Coronel parecia impaciente, resultado provável da confusão que reinava em seu espírito.

— Há tanta cólera em Fort Humboldt como na minha cabeça.

— Deakin, com pouca ou nenhuma justificativa, parecia profundamente aborrecido consigo mesmo. — Aqueles caixões estão cheios de rifles Winchester de repetição.

— Não existe tal coisa.

— Existe agora.

— Como é possível que eu nunca tenha ouvido falar nisso?

— Pouca gente ouviu, fora da fábrica. A produção teve início há quatro meses apenas, e não há nenhum à venda. Mas os primeiros quatrocentos foram roubados da fábrica, Agora sabemos onde se encontram, não é?

— Não sei nem onde eu mesmo me encontro. Não sei se estou indo ou vindo. Estou perdido. Que aconteceu aos vagões dos cavalos, Senhor Deakin?

— Eu os desliguei.

— Sem dúvida. Por quê?

Deakin olhou para o mostrador.

— Um momento. Estamos perdendo pressão.

Não havia queda de pressão da relativa segurança da sala de refeições, onde Fairchild e os outros realizavam o terceiro conselho de guerra. Era um conselho singularmente carente de animação, ou mesmo de conversação. O Governador, O'Brien e Pearce permaneciam sentados em sombrio silêncio, que outra garrafa de uísque, obtida ninguém sabia onde, não conseguia dissipar, enquanto Henry ativava, desanimado, o fogareiro.

O Governador agitou-se.

— Nada? Não ocorre nada a ninguém? O'Brien replicou secamente: — Não.

— Deve haver uma resposta.

Henry endireitou o corpo diante do fogareiro.

— Com a licença do Governador, não precisamos de uma resposta.

— Ora, cale-se — disse O'Brien, cansado. Henry, porém, recusou-se a ficar calado.

— Não precisamos de uma resposta porque não há perguntas. Só uma: que acontecerá se não o detivermos? Bem, é simples. Ele seguirá caminho até se encontrar em segurança com seus amigos de Fort Humboldt.

Houve um despertar de interesse, um prolongado e pensativo silêncio, que O'Brien interrompeu, falando devagar: — Por Deus, acho que você tem razão, Henry. Só porque ele sabe que estamos transportando armas para os índios, imaginamos que este esteja a par de tudo, que conhece os nossos planos. Claro que não conhece. Como poderia? Ninguém sabe. Impossível. Só nós estivemos em contato com o Forte.

— Isso mesmo — disse O'Brien, expansivo. — Bem, senhores, a noite está gelada. Sugiro que deixemos Deakin continuar dirigindo o trem. Parece bastante competente.

Com um amplo sorriso, o Governador estendeu a mão para a garrafa e disse, em feliz antecipação: — White Hand o receberá cordialmente quando chegarmos ao Forte.

White Hand encontrava-se naquele momento bem distante do Forte e aumentava essa distância com o passar dos minutos. A neve continuava a cair, mas não tão espessa.

O vento soprava com menos violência. Atrás de White Hand, duas ou três dezenas de cavaleiros bem agasalhados aproximavam-se rápidos da entrada do comprido e tortuoso vale. O chefe índio voltou a cabeça, olhou para a esquerda e depois para o alto. Acima das montanhas, para o lado do oriente, já o firmamento começava a clarear.

O índio girou na sela e, com um gesto em direção ao Leste, chamou seus homens com urgência, impaciência. Os Paiutes começaram a se espalhar, acelerando o galope no solo do vale.

Deakin avistou também os primeiros sinais da alvorada ao erguer o corpo depois de alimentar a fornalha aberta. Deu uma olhada no mostrador, movimentou a cabeça satisfeito e fechou a

porta. Claremont e Mariah, pálidos, apresentando sinais de exaustão, ocupavam os banquinhos da cabina. O próprio Deakin sentia-se arrasado, porém não podia dar-se ao luxo de se entregar. Tanto para se manter alerta e ocupado, como por qualquer outra razão, voltou ao ponto onde interrompera a narrativa.

— Ah, sim. Os vagões dos cavalos. Precisava desligá-los. Os índios — certamente os Paiutes, chefiados por White Hand — vão tentar interceptar e invadir este trem na entrada do Passo da Morte. Conheço o Passo da Morte. Serão obrigados a deixar os cavalos pelo menos a um quilómetro de distância e não quero que encontrem outros bem à mão.

— Uma emboscada? Uma emboscada? — Claremont apalpava no escuro. — Mas pensei que os índios estavam trabalhando de mãos dadas com aqueles renegados lá detrás.

— E estão. Mas pensam que a tentativa de desligar os vagões de tropas falhou. E para eles as tropas têm que ser •destruídas. Eu precisava tirar os índios do Forte, senão jamais conseguiríamos entrar.

Lentamente Claremont perguntou: — Eles pensam que...

— O aparelho de telégrafo desaparecido. Estava desaparecido porque eu o escondi na caixa de feno do primeiro vagão dos cavalos. Quando paramos ontem à noite, enquanto abastecia esta maldita fornalha, arranjei tempo para utilizá-lo. Pensaram que era O'Brien.

Claremont fitou-o longamente.

— Andou muito ocupado, Senhor Deakin.

— Não estive ocioso.

— Mas por que, por que, por quê? — Mariah estendeu as mãos num gesto de impotência. — Por causa de alguns caixotes de rifles Fort Humboldt foi dominado? Por que os Paiutes atacariam o trem? Por que as mortes, o massacre daqueles soldados? Por que meu tio, O'Brien e Pearce arriscariam a vida, destruiriam suas carreiras...

— Aqueles caixões não chegarão vazios ao Fort Humboldt, e pela mesma razão não sairão vazios.

— Mas você disse que não havia cólera — falou Claremont.

— Não há cólera, mas algo muito diferente da cólera, algo pelo qual homens vendem a vida, a honra, a alma. Já ouviu falar em quatro nomes: Mackay, Fair, O'Brien — não é parente do nosso amigo ali de trás — e Flood?

Claremont olhou para o sangue que gotejava lentamente através da atadura improvisada.

— Os nomes me parecem familiares.

— Pertencem aos quatro homens que descobriram a Grande Bonanza, a grande mina, no princípio deste ano, em Comstock. Sabemos com certeza que já retiraram do solo material no valor de dez milhões de dólares. Só há um meio de o metal ser transportado para o Leste: esta estrada de ferro. E é claro que existe também o transporte regular do ouro retirado dos campos da Califórnia. Ambas as remessas de lingotes precisam passar pelo Fort Humboldt. Creio que neste momento há mais ouro e prata no Forte do que em qualquer lugar do país, exceto os cofres federais.

— Ainda bem que já estou sentado — disse Claremont.

— À vontade. Conforme sabem, o Governador do Estado é notificado sempre que se planeja um transporte em larga escala através do seu território, e cabe a ele notificar as autoridades civis e militares para providenciarem a guarda. Neste caso, Fairchild não notificou ninguém. Ou melhor, avisou a O'Brien, que avisou a Pearce, que avisou a Calhoun, que contratou os serviços dos Paiutes por determinado preço. É muito simples, não é?

— E o ouro voltará naqueles caixões?

— Existe alguma solução melhor? Pode imaginar um meio de transporte mais seguro, mais impenetrável? Ninguém abriria caixões, sobretudo de homens que morreram de cólera. Se necessário, seriam até enterrados com honras militares — para serem desenterrados na noite seguinte, é claro.

Claremont meneou a cabeça. Estava completamente desanimado, próximo à total desesperança.

— Todos aqueles ferozes Paiutes, só Deus sabe quantos, todos bandidos nos vagões à retaguarda... Calhoun e seus renegados, à nossa espera em Fort Humboldt...

— Não se preocupe — consolou Deakin. — Descobriremos uma saída.

Mariah fixou-o com frio olhar avaliador.

— Tenho certeza de que descobrirá, Senhor Deakin;

— Para falar a verdade, já descobri.

14

O Passo da Morte, de nome bastante apropriado, garganta árida, sem água, deixava passar a estrada de ferro até uma pequena divisa. O lado esquerdo, voltado para o sul, era contornado por um rochedo quase vertical; o direito, por um declive suave, que conduzia a um leito de rio, há muito seco e abundantemente coberto de grandes rochas, que ofereciam esplêndida proteção — isto é, esplêndida para homens, porém inútil para cavalos. Afora este, o abrigo mais próximo era constituído por um espesso bosque de pinheiros a um quilómetro dali, do outro lado do vale. Foi nesse bosque que White Hand acenou aos seus homens para que fizessem uma parada.

O chefe índio desmontou e apontou para a garganta coberta de rochas.

— O trem vai parar ali. Ali nos esconderemos. Agora precisamos seguir a pé. — E voltando-se para dois de seus homens: — Os cavalos. Conservem-nos aqui.

Mergulhem mais no bosque. Não devem ser vistos.

Na sala de refeições do trem, Henry cochilava sentado junto ao fogareiro. Fairchild, O'Brien e Pearce, cabeça descansando no antebraço, dormiam ou pareciam dormir aã redor da mesa. Na plataforma, Deakin, bem desperto, vigiava o caminho através da janela da locomotiva. A neve continuava a cair e a visibilidade era pouca. Mariah, igualmente acordada, fazia ajustes finais no lençol que envolvia o Coronel Claremont tão completamente que, a não ser pelos braços deixados livres, ele parecia acolchoado da cabeça aos pés. Deakin chamou-o, apontando para a frente.

— O Passo da Morte se aproxima. Faltam talvez unstrês quilômetros. Para você, um e meio. Está vendo aquele bosque de pinheiros à direita da estrada? Claremont fez que sim.

— Devem ter escondido ali os cavalos. E haverá guardas. — Fez um gesto de cabeça em direção ao rifle de Rafferty, que o

Coronel segurava. — Não lhes dê a menor chance.

Não lhes dê igualdade de condições.

Claremont meneou lentamente a cabeça, mas nada disse. Sua fisionomia era tão implacável quanto a de Deakin.

White Hand e outro índio, agachados atrás de um rochedo no declive à direita da garganta, olhavam com atenção para a entrada leste do passo. A neve que caía esparsa permitia-lhes enxergar até a última curva da estrada. Até o momento nada tinham avistado. Súbito, o outro índio estendeu a mão e tocou o ombro do chefe. Voltando de leve a cabeça, ambos assumiram a atitude de quem escuta atentamente. Ao longe, leve, mas inconfundível, ouvia-se o resfolegar de uma locomotiva. White Hand deu uma olhadela para o companheiro e anuiu uma só vez.

Deakin enfiou a mão sob o casaco e dali retirou dois cartuchos de explosivos que havia roubado anteriormente do vagão de suprimentos. Um deles foi cuidadosamente coíocado dentro da caixa de ferramentas, e o outro ele cõservou. Com a mão livre abriu devagar e por completo a válvula do vapor. Imediatamente, a velocidade do trem começou a diminuir.

O'Brien despertou sobressaltado e, aproximando-se da janela mais próxima, livrou-a da condensação e espreitou para fora. Voltando-se para Pearce falou: — Acorde! Acorde! Estamos parando! Nathan, você •sabe onde nos encontramos? — No Passo da Morte.

Os dois fitaram-se interrogativamente. Fairchild agitouse, endireitou o corpo, e aproximou-se da janela. Inquieto, perguntou: — Que diabo aconteceu agora? Deakin havia de fato planejado alguma coisa. Com o trem quase parado, acendeu o pavio do bastão de explosivo, calculou o momento com toda precisão, e atirou-o pela porta da direita da cabina. No mesmo instante, Claremont adiantou-se para os degraus da esquerda. Pearce, O'Brien, Fairchild e Henry, os rostos comprimidos contra a vidraça, recuaram instintivamente, erguendo os braços num gesto de defesa quando um raio de luz acendeu-se e uma seca explosão soou lá fora. Como a vidraça não se estilhaçou, após um instante voltaram

a olhar. Mas desta vez Claremont já se deixara cair à esquerda do carro e rolava a ribanceira, imobilizando-se no fundo.

Envolto no lençol branco, estava quase invisível. Permaneceu imóvel onde caiu. Deakin tornou a abrir a válvula.

O espanto dos quatro homens na sala de refeições foi menor que o de White Hand e seu companheiro. Incerto, o chefe índio falou: — É possível que nossos amigos queiram nos avisar de sua chegada. Está vendo? Recomeçaram a andar.

— Sim. E vi outra coisa também. — O outro índio levantou-se de um salto. — Os vagões de tropas! Os vagões dos soldados! Não estão no trem! — Abaixei-me, tolo! A impassibilidade habitual de White Hand desapareceu completamente. Seu rosto manifestou confusão ao ver que o trem, já bem adiantado no Passo da Morte, era constituído apenas de três vagões.

A fisionomia de O'Brien manifestava igual incompreensão.

— Como, diabo, eu saberia o que ele planeja? O homem é doido.

— Poderia tentar descobrir, não acha? — perguntou Fairchild.

Pearce entregou a Fairchild uma de suas armas.— Sabe de uma coisa, Governador? Descubra o senhor. O Governador agarrou o revólver e, por um instante, tornou-se óbvio que estava fora de si.

— Muito bem. Descobrirei.

Tomando a arma, abriu a porta da frente do primeiro carro apenas o espaço de uma fresta e espreitou para fora. Um segundo após, ouviu-se o disparo de um Colt e uma bala atingiu a parede do vagão a menos de um palmo da cabeça do Governador. Fairchild recuou rápido, batendo a porta, o breve instante de loucura claramente ultrapassado.

Trêmulo, voltou à sala de refeições.

— Bem, que descobriu? — indagou Pearce.

O Governador não respondeu. Atirando a arma sobre a mesa, estendeu a mão para a garrafa de uísque. Na locomotiva, Deakin perguntou: — Visitas? — Meu tio.

Mariah examinou com aversão o Colt ainda fumegante.

— Atingiu-o? — Não.

— Pena.

Claremont, ainda envolto na sua branca camuflagem, aproximou-se lentamente da borda do barranco e espiou por sobre ela. O trem, a quase um quilômetro de distância, encontrava-se no interior do passo. Percorrendo com o olhar os rochedos do leito seco do rio, não percebeu qualquer sinal de movimento. Mas não esperava ainda percebê-lo; White Hand era demasiado experiente para manifestar a sua presença antes do último instante. Claremont olhou para o outro lado do vale, em direção ao bosque de pinheiro.

Se Deakin estivesse com a razão, os cavalos ali se encontrariam; mas o Coronel já não punha em dúvida os juízos de Deakin. A caminhada até os pinheiros seria difícil, mas não impossível: havia um riacho menor, que conduzia às proximidades do bosque, e se ele conseguisse chegar à margem do curso de água seco sem ser notado, ficaria oculto pelo restante do percurso. O único perigo estaria em atravessar a ferrovia e, embora fosse militar demasiado experiente para ignorar a possibilidade de perigo, pensou que os riscos da travessia estavam a seu favor. O guarda ou guardas encarregados dos cavalos estariam naturalmente interessados no que se passava, ou prestes a se passar, do outro lado do vale. Mas a atenção estaria fixa no trem e nos Paiutes escondidos, a um quilômetro de distância à esquerda. Além disso, era ainda madrugada e a neve não deixara de cair. Claremont não hesitou, tanto mais que não lhe restavam outras opções. Apoiando-se apenas nos cotovelos e nos joelhos, começou a avançar pela estrada.

Deakin recuou a válvula. Mariah, de seu posto de observação aos fundos do tênder, lançou-lhe um rápido olhar.

— Vai parar?

— Diminuir a velocidade. — Indicou o lado direito da locomotiva. — Saia do tênder e desça.

Ela adiantou-se, hesitando.

— Acha que haverá tiroteio? — Bem, ninguém vai atirar pétalas de rosas, com certeza.

O trem arrastava-se a uma velocidade que variava de dez a quinze quilômetros horários, mas era claro que não se deteria completamente, fato que se tornava cada vez mais óbvio a White

Hand. Sua fisionomia manifestou ligeira surpresa, exasperação e, finalmente, ira.

— Que tolos! — exclamou. — Que tolos! Por que não param? Levantou-se de um salto, agitando o braço. O trem prosseguiu caminho. White Hand gritou para que seus guerreiros o seguissem. Saindo dos esconderijos aproximaram-se correndo, galgando a encosta tão rápido quanto permitia o terreno coberto de neve. Deakin abriu a válvula, cuidadosamente, um ou dois pontos. O'Brien, Pearce, o Governador e Henry voltavam a olhar com justificada ansiedade através da janela.

— White Hand! — exclamou Pearce. — White Hand e seus bravos! Que significa isto? — Correu para a plataforma traseira, seguido de perto pelos outros. Quando saíram, o trem diminuía perceptivelmente a velocidade.

— Poderíamos saltar agora — disse Fairchild. — White Hand nos daria proteção e...

— Tolo! Qualquer respeito que Pearce ainda tivesse pelo Governador do seu Estado acabava de desaparecer.

— É exatamente o que ele nos está convidando a fazer. Estamos ainda muito, muito distante de Fort Humboldt.

Acenando para a retaguarda, apontou em direção à locomotiva. O chefe índio respondeu ao aceno e voltando-se, gritou uma ordem que eles não ouviram. Imediatamente uma dezena de rifles apontaram.

Deakin deixou-se cair no chão da cabina quando a fuzilaria atingiu a locomotiva. Em seguida, aproveitando uma calmaria momentânea, arriscou um rápido olhar através da porta da plataforma. Os índios, correndo enquanto carregavam de novo as armas, ganhavam terreno. Mais uma vez Deakin abriu de leve a válvula.

Cada vez mais inquieto, O'Brien murmurou: — Que diabo de brincadeira Deakin estará fazendo? Poderia deixá-los para trás se...

Ele e Pearce entreolharam-se.

Claremont chegou em segurança ao abrigo do bosque e foi-se adiantando com rapidez e cautela entre as árvores, rodeando-as de modo a aproximar-se pela retaguarda.

Os guardas estariam com certeza na orla inferior do bosque,, observando a cena que se passava do outro lado do vale,, isto é, de costas para ele. A julgar por sua expressão implacável, era evidente que o Coronel não tinha o menor escrúpulo em abater pelas costas, e sem aviso, dois homens distraídos. Muitas vidas, sem mencionar uma fortuna em lingotes de ouro, e todos os homens que perdera recentemente tornavam irrelevantes quaisquer considerações sobre jogo limpo.

Havia uns sessenta cavalos ao todo, nenhum deles amarrado. Os pôneis índios eram tão bem treinados como os da Cavalaria dos Estados Unidos. Claremont escolheu os três que achou melhores — aos demais espantaria — e caminhou lentamente por entre o bando. Nenhum deles se agitou ou relinchou; alguns lançaram-lhe uma olhadela indiferente, outros o ignoraram. Apesar do pêlo espesso, sofriam com a baixa temperatura.

Os guardas — eram dois — encontravam-se na orla do bosque, logo além dos últimos cavalos, entreolhando-se interrogativamente de ouvidos atentos ao tiroteio esparso do outro lado do vale. O efeito amortecedor da neve, o ocasional bater de cascos dos cavalos e a total concentração dos índios na luta que se passava a menos de três quilômetros permitiram a Claremont aproximar-se até uma distância de seis metros, tomando posição atrás de um robusto tronco de pinheiro. Daquela distância, o uso do rifle pareceu-lhe supérfluo. Apoiando a arma silenciosamente ao tronco, sacou do Colt.

No trem, tanto Pearce como O'Brien gesticulavam frenéticos para a retaguarda, apontando em direção ao bosque de pinheiros num sinal para que White Hand voltasse para lá com seus homens. O chefe índio, compreendendo, imobilizou-se e fez sinal aos guerreiros que o imitaram. Rodopiando, apontou para o bosque.

— Aos cavalos! — gritou. — Voltemos aos cavalos? Deu um só passo e imobilizou-se bruscamente. Dois longínquos tiros de revólver soaram nítidos no ar gelado. White Hand, com a fisionomia impassível, tocou no ombro de dois de seus homens, que saíram num passo apressado em direção ao bosque de pinheiros. Mas não

corriam. A atitude do chefe deixava evidente que o momento de urgência fora ultrapassado.

— Agora sabemos por que Deakin diminuiu a marcha do trem e atirou aquele maldito explosivo — falou Pearce, feroz. — Queria distrair a nossa atenção enquanto Claremont saltava do outro lado.

— O que me preocupa são duas coisas que ignoramos: por que White Hand está aqui, e como, em nome de tudo o que é sagrado, Deakin saberia de sua presença? Os índios, armas abaixadas, constituíam um grupo desolado, uns trezentos metros à retaguarda do trem. Deakin, olhando para trás, afrouxou de leve a válvula.

— Precisamos detê-lo. — Era patente a histeria na voz de Fairchild. — Precisamos, precisamos, precisamos! Vejam, estamos quase a passo. Podemos saltar, dois de cada lado, cercá-lo e...

— E vê-lo acenar um adeus enquanto acelera a locomotiva? — replicou O'Brien.

— Tem certeza de que é por este motivo que está seguindo tão devagar? — Que outro haveria? Claremont, arrastando dois cavalos sem cavaleiros, impeliu a sua montada para o alto de uma estreita brecha do vale. À frente, os cavalos em debandada espalhavam-se e iam-se imobilizando um a um. O Coronel freou o seu no alto da colina e estudou o terreno a meia distância. A menos de cinco quilómetros, mesmo através da neve que ainda caía de leve, avistava-se a entrada de outro vale que se inclinava para a direita. Os postes do telégrafo ali se destacavam. Era a saída ocidental do Passo da Morte.

Claremont, com uma careta de dor, olhou a mão esquerda envolta no curativo. Tanto este como parte da rédea que segurava estavam cobertos de sangue. Erguendo a cabeça, incitou o cavalo a acelerar o passo.

O trem movimentava-se mais rápido agora, deixando gradativamente para trás os índios imóveis. White Hand, rígido e inexpressivo, observava os dois batedores que regressavam do bosque de pinheiros. O primeiro que chegou limitou-se a erguer os braços, com as palmas das mãos voltadas para cima. White Hand fez que sim e voltou-se. Seus homens seguiram-no rápidos, em fila

dupla, ao longo dos dormentes, na direção do trem que desaparecia.

Na plataforma de observação do último carro, Fairchild, O'Brien, Pearce e Henry pareciam profundamente infelizes ao perderem de vista White Hand e seus guerreiros, numa curva da estrada. E mais infelizes ainda se sentiram quando ouviram dois disparos de pistolas em rápida sucessão. Fairchild, desesperado, perguntou: — Que foi isto? — Claremont, com certeza — respondeu Pearce, convicto. — Provavelmente um sinal para Deakin, comunicando que espantou os cavalos de White Hand. Isto significa que os guerreiros terão que fazer o longo percurso até o Fort Humboldt a pé e quando ali chegarem, Dsakin estará pronto para recebê-los.

— Sepp Calhoun está lá — observou o Governador, esperançoso.

— Calhoun tem tanta chance de enfrentar Deakin como a minha avó — replicou Pearce. — Além do mais, está sempre bêbado. — Sua fisionomia enrijeceu-se numa expressão implacável. — Eu não disse? Ele acelerou o trem.

Sem dúvida alguma o trem acelerava a marcha. Os quatro entreolharam-se, cada vez mais inquietos. O'Brien falou: — É provável que ele tenha perdido a esperança de nos fazer saltar.

Inclinando-se sobre o gradil, olhou para a parte dianteira do trem. Ouviu-se um disparo seco e O'Brien recuou para local seguro. Tirando o chapéu com mãos trémulas, examinou o orifício que surgira na aba.

— Parece que não perdeu inteiramente as esperanças. — Observou Pearce secamente.

Na locomotiva, Deakin espiou para a frente pela janela da cabina. A neve cessara de cair. A junção da saída ocidental do Passo da Morte com o vale à direita — o ponto de encontro com Claremont — estava a menos de cem metros.

— Segure-se — ordenou.

Fechando a válvula, aplicou os freios. As rodas de tração imobilizaram-se, acompanhadas de violenta colisão dos amortecedores. Os quatro homens entreolharam-se na plataforma

traseira com crescente perplexidade e apreensão. Entregando a Mariah a arma de Banlon, Deakin tomou o segundo tubo de explosivo guardado na caixa de ferramentas.

O trem imobilizou-se.

— Já! — ordenou Deakin.

Mariah saltou da plataforma, caindo pesadamente com uma exclamação de dor e rolando várias vezes no chão. Deakin liberou o freio, colocou a alavanca em marcha à ré e abriu completamente a válvula. Instantes depois, reunia-se a Mariah no leito da estrada.

Os quatro que se encontravam na plataforma traseira levaram vários minutos para perceber que o trem estava andando para trás e não para a frente. O'Brien, o primeiro a recuperar-se, inclinou-se para fora e arregalou os olhos ao compreender: Deakin, na estrada, apontava a arma para ele. O Major mal teve tempo de recuar quando o revólver disparou.

— Jesus! — O'Brien utilizou linguagem requintada. - Saltaram do trem! — Não há ninguém nos controles? — Fairchild estava à beira da histeria. — Pelo amor de Deus, salte! O'Brien estendeu a mão, detendo-o.

— Não! — Pelo amor de Deus, lembre-se do que aconteceu com o vagão de tropas! — Precisamos deste trem. — E empurrou a porta do primeiro vagão. — Já dirigiu uma locomotiva, Nathan? Pearce meneou negativamente a cabeça.

— Nem eu. Vou tentar. — E acenando com o polegar. — Deakin.

Pearce fez que sim, e desceu da plataforma.

O trem começava a acelerar e Pearce rolou pelo solo até atingir a beira da estrada. Mas o declive coberto por profunda camada de neve ajudou a amortecer a queda, e ele chegou ao fundo sem fôlego, mas ileso. Levantando-se imediatamente, olhou em redor.

O trem, acelerando ainda, já se encontrava a uns cinquenta metros de distância. Pearce olhou na outra direção, onde divisou a cabeça e os ombros de Deakin, que segurava a trêmula Mariah.

— Era só o que me faltava — falou Deakin. — Onde se feriu? — No tornozelo. E no pulso.

— Pode ficar de pé? — Não sei. Creio que não.

— Sente-se, então.

E sem cerimônias, colocou-a sentada à beira da estrada.

Mariah lançou-lhe um olhar velho como a humanidade, mas a atenção de Deakin estava voltada para outra direção.

Lançando um olhar para trás, viu que o trem já se encontrava a mais de meio quilômetro de distância. O que não viu foi O'Brien deslizando pela barricada de lenha do tender e detendo-se, com a fisionomia mostrando um misto de urgência e indecisão, ao defrontar-se com a estranha fileira de controles da locomotiva.

Inclinando-se, Deakin inseriu o tubo de explosivo sob um trilho, junto a um dormente, ajustou-o com terra e pedras, deixando a descoberto apenas o pavio.

Mariah perguntou friamente: — Pretende mandar pelos ares a linha? — Exatamente.

— Hoje não. Pearce adiantou-se, empunhando o Colt.

Lançando um rápido olhar para Mariah que esfregava o pulso da mão" esquerda, falou: — Isto lhe ensinará a não saltar de trens. — E aproximou-se de Deakin, ignorando a moça. — A arma. Sobre o casaco. Pelo cano, amigo.

Deakin enfiou a mão sob o casaco e a arma surgiu lentamente à vista.

— Eu também tenho uma arma — disse Mariah. — Volte-se, Xerife. Mãos ao alto.

Pearce voltou-se devagar, arregalando os olhos ao ver que a mão direita de Mariah empunhava um revólver.

Deakin passou a segurar de maneira inversa o seu Colt. O Xerife, pressentindo o que se aproximava, atirou-se para um lado, de modo que o golpe perdeu parte do impacto.

Mas foi suficiente para fazê-lo tropeçar e cair, largando temporariamente a arma. Tentou recuperá-la, mas Deakin' foi mais rápido e saltou para a frente, movimentando o pé direito.

Mariah estremeceu de horror e repulsa ao ouvir o som do pesado golpe.

— Você o agrediu quando estava de costas — murmurou, — Quando estava de mãos erguidas e depois... e depois...

— E depois dei-lhe um pontapé na cabeça. Da próxima vez em que apontar uma arma para um homem como Pearce verifique se está ou não travada.

Mariah fitou-o de olhos arregalados, baixou o olhar para o revólver e meneou lentamente a cabeça. Erguendo-a em seguida, murmurou: — Poderia pelo menos agradecer.

— O quê? Ah, claro. Obrigado.

Olhou estrada abaixo. O trem, ao longe, parecia diminuir rapidamente de tamanho e seguia agora a grande velocidade, começando a oscilar perigosamente. Desviou a vista. Claremont, com dois cavalos seguros pelas rédeas, aproximava-se a trote, rodeando uma colina. A um gesto de Deakin freou os animais, mantendo-os onde se encontravam. Arrastando Pearce ao longo dos trilhos, largou-o sem cerimónias, correu de volta, inclinou-se, acendeu o pavio, pegou Mariah e desceu rapidamente a encosta. Ajudando-a a montar um dos cavalos, saltou sobre o terceiro e fez um gesto indicando que deviam afastar-se dali. Após um curto trecho, e como que de comum acordo, detiveram-se e olharam para trás.

A explosão foi estranhamente surda. Pedras e terras saltaram no ar. Quando a fumaça se dissipou, viram que um dos dormentes estava retorcido e o trilho da esquerda inutilizado.

Com voz insegura, Claremont falou: — Isto se conserta. Desatarracham o pedaço danificado do trilho, retiram-no e substituem-no por uma parte tirada da retaguarda do trem.

— Eu sei. Se eu o tivesse destruído definitivamente com uma grande carga de explosivo, eles não teriam outra alternativa senão caminhar até o Forte.

— E daí? — Assim chegariam vivos ao Fort Humboldt, não chegariam?

Mariah fitou-o horrorizada.

— Isto significa que todos nós morreríamos — disse ele.

A expressão de Mariah não se alterou.

— Não compreende? — O tom de Deakin era suave. — Não tenho outra opção.

Mariah estremeceu e desviou o rosto. Deakin fixou-a, inexpressivo e pôs o cavalo a trote. Daí a instantes, os outros dois o seguiram. O'Brien deixou-se cair contra a parede da cabina, enxugando a testa coberta de suor, num gesto de alívio. O trem continuava a andar para trás, mas diminuía visivelmente a marcha. O'Brien olhou da plataforma para a retaguarda. White Hand e seus homens encontravam-se agora a menos de meio quilômetro de distância. A férrea impassibilidade do índio abandonara-o. Seu rosto refletiu espanto, incredulidade, e, em seguida, alegria. Acenou para o trem, chamou seus homens e pôs-se a correr. Em dois minutos os Paiutes invadiam a locomotiva parada, enquanto White Hand subia à plataforma, sendo recebido por O'Brien. Este abriu imediatamente a válvula, e o trem começou a movimentar-se para a frente.

— Todos os cavalos se dispersaram? — perguntou.

— Todos. E dois dos meus homens foram baleados, pelas costas. Poupanos uma longa caminhada, Major O'Brien. O meu amigo, o Xerife Pearce... Não o vejo.

— Você o encontrará daqui a pouco. Ele saltou para tomar uma providência urgente.

O'Brien espiou pela janela em direção à saída ocidental do Passo da Morte. Súbito, para enxergar melhor, inclinou-se pela entrada da plataforma. Havia, sem dúvida alguma, um corpo sobre os trilhos. E era também indubitável que o corpo pertencia a Pearce. Soltando uma praga, O'Brien lançou-se para a válvula de vapor e o freio.

O trem imobilizou-se com um solavanco. O Major e White Hand saltaram, correram para a frente e detiveram-se, sombrios, diante do espetáculo de Pearce encolhido, sangrando, e ainda inconsciente. Ergueram simultaneamente a vista e olharam para a linha, alguns metros adiante. Acima de um buraco na estrada, viam-se um dormente torto e um trilho bastante retorcido.

— Deakin morrerá por isto — disse White Hand em voz baixa.

Epílogo

O'Brien fitou-o longamente; depois, sombrio, falou: — Não se ele o vir primeiro, White Hand.

— White Hand não teme homem algum.

— Então, é melhor aprender a temer este. É Agente do Governo Federal. Na sua língua, possui a esperteza da serpente e a sorte do demônio. O Xerife Pearce pode considerar-se um homem de sorte por não ter sido morto por ele. Vamos consertar este trilho.

Sob a orientação de O'Brien, os Paiutes levaram vinte minutos para fazer os reparos. Trabalharam em dois grupos: um removia a parte inutilizada do trilho, e o outro retirava um trilho inteiro da traseira do trem. A parte danificada foi atirada ribanceira abaixo, e a nova, ajustada ao lugar. Acomodar os dormentes e ajustar o trilho não era tarefa para operários sem talento, mas O'Brien verificou que, apesar da maneira grosseira como fora realizado o conserto, a linha aguentaria o peso do trem. Durante a operação, Pearce gemeu, encostado à locomotiva, e começou a recuperar lentamente os sentidos, apoiado pelo solícito Henry, que lhe molhava o rosto e a testa, cortados e bastante escoriados.

— Agora, vamos — disse O'Brien.

Os Paiutes, Pearce e Henry entraram no vagão, enquanto White Hand se reunia a O'Brien na locomotiva. O Major soltou lentamente o freio e abriu a válvula com todo o cuidado, ao mesmo tempo que olhava pela janela. Quando as rodas da locomotiva chegaram à parte da linha que havia sido substituída, mergulharam de leve, mas não perigosamente. Depois que o último carro ultrapassou a parte danificada, O'Brien voltou aos controles e abriu completamente a válvula. Deakin, Claremont e Mariah detiveram-se, imóveis em suas montarias. O primeiro renovava rapidamente a atadura ensanguentada de Claremont.

— Cada minuto é importante, homem! — falou o Coronel, com urgência na voz. — Estamos perdendo tempo.

— Perdemos você, caso não pare de sangrar.

Olhou para Mariah que, com os lábios contraídos de dor, esfregava o pulso esquerdo.

— Como vão as coisas? — Tudo bem.

Deakin fitou-a, inexpressivo, e voltou à atadura. Mas recomeçaram a marcha, tornou a olhar para a moça e percebeu que ela tombara na sela, com a cabeça inclinada.

— O pulso está doendo muito? — perguntou.

— É o tornozelo. Não posso apoiar o pé no estribo.

Deakin rodeou-lhe o cavalo. A perna esquerda da moça pendia fora do estribo. Virando-se na sela, Deakin olhou por cima do ombro. A neve cessara e as nuvens dissipavam-se, descobrindo o azul pálido do firmamento. O sol surgiu por detrás da montanha. Deakin olhou novamente para Mariah. Com tornozelo e pulso inutilizados, mal conseguia sustentar-se na sela. Aproximando-se do cavalo da moça, passou-a para o seu, tomou as rédeas da montaria agora sem ginete e incitou ambos os animais ao galope. Claremont, que não parecia muito melhor do que Mariah, seguiu-o de perto. Encontravam-se paralelos à estrada de ferro. O terreno ali era plano e relativamente livre de neve, o que lhes permitiu avançar a bom passo.

Sepp Calhoun encontrava-se no lugar de costume: a cadeira do Comandante. Com os pés na posição habitual, sobre a escrivaninha, entregava-se à tarefa costumeira de beber o uísque e fumar os charutos do Coronel. O outro ocupante da sala era Fairchild, sentado numa cadeira de encosto duro, os pulsos atados às costas. A porta abriu-se e um homem de pele morena entrou.— Tudo bem, Carmody? — perguntou Calhoun, o cordial.

— Em ordem. Os telegrafistas estão trancados junto com o resto do pessoal. Benson no portão. Harris está preparando a comida.

— Ótimo. Tempo suficiente para se comer algo antes que cheguem os nossos amigos. Menos de uma hora, eu diria. — Sorriu zombeteiro para Fairchild. — A batalha do Passo da Morte agora pertence à história, Coronel. — O sorriso ampliou-se. — Creio que "massacre" é a palavra adequada.

No vagão de mantimentos Pearce, muito ferido, mas já em franca recuperação, ocupava-se em distribuir rifles e munição aos Paiutes que o rodeavam. Não se viam sinais da tradicional reserva índia. Tagarelavam, sorriam, olhos brilhantes, crianças encantadas com seus novos brinquedos. Pearce passou ao tênder, carregando três rifles de repetição sob o braço. Depois foi até a cabina e entregou um deles a White Hand.

— Um presente para você, White Hand.

O índio sorriu.— É um homem de palavra, Xerife Pearce.

O Xerife quis sorrir, mas tinha o rosto tão dolorido que mudou rápido de ideia, dizendo apenas: — Vinte minutos. Nada além de vinte minutos.

Deakin dispunha de quinze minutos de vantagem sobre eles. Detendo por um instante os cavalos, observou o terreno à frente. A ponte sobre a ravina distava meio quilômetro dali. Logo além, via-se o recinto de Fort Humboldt. Ajudando Mariah a passar para o seu cavalo, fez sinal para que ela e o Coronel o precedessem. Sacando da pistola, manteve-a na mão. Sob o sol agora radioso, os três cavalos abriram caminho através da ponte que atravessava o precipício, e aproximaram-se dos portões do forte.

Benson, o guarda, homem de fisionomia estúpida, embrutecida, adiantou-se para interceptá-los, empunhando um rifle. — Quem são vocês? — A voz soava pouco nítida, num misto de truculência e embriaguez. — Que querem em Fort Humboldt?

— Nada queremos com você. — O tom de Deakin era sombrio, autoritário. — Sepp Calhoun. Depressa!

— Quem são estes?

— É cego? Prisioneiros. Do trem.

— Do trem? Benson anuiu, hesitante. Era claro que seus processos mentais, se existissem, estavam temporariamente bloqueados.

— É melhor vir comigo.

Benson conduziu-os através do pátio. Quando se aproximavam do gabinete do Comandante, a porta abriu-se e Calhoun surgiu, arma em punho.

— Quem diabo está aí, Benson? — perguntou furioso.

— Ele diz que são do trem, chefe.

Deakin ignorou tanto Calhoun como Benson e movimentou a pistola na direção de Claremont e Mariah.

— Desçam — ordenou.

E voltando-se para Calhoun: — É você, Calhoun? Vamos conversar lá dentro. O bandido apontou para Deakin ambas as pistolas.

— Mais devagar, moço. Quem é você?

Deakin replicou, exasperado: — John Deakin. Nathan Pearce me mandou aqui.

— É o que você diz.

— É o que eles dizem.

Fez um gesto de cabeça para Claremont e Mariah, já desmontados e obviamente feridos.

— Meu passaporte. Reféns. Salvo-conduto. Pode dar o nome que quiser. Nathan disse que eu devia trazê-los como prova.

Um tanto menos agressivo, Calhoun falou: — Já vi passaporte em melhor forma.

— Tentaram ser espertinhos. Apresento-lhe o Coronel Claremont, comandante substituto, e a Senhorita Mariah Fairchild, filha do atual Comandante.

Calhoun arregalou os olhos, a boca abriu-se perceptivelmente e as armas oscilaram por um instante; mas sua recuperação foi quase imediata.

— Veremos isso agora mesmo. Entrem.

Ele e Benson fizeram entrar os três, à ponta de revólver, no gabinete do Comandante.

O Coronel Fairchild arregalou os olhos quando a porta se abriu. Apesar das mãos atadas, levantou-se trôpego.

— Mariah! Mariah! Coronel Claremont!

Claudicando, a moça atravessou a sala e rodeou-o com os braços.

— Minha filha, que fizeram com você? E por que está aqui? Voltando-se para Calhoun, Deakin perguntou: — Satisfeito?

— Creio que sim. Mas nunca ouvi falar em John Deakin.

Guardando a arma sob o casaco, gesto de paz que ajudou a tranquilizar Calhoun, Deakin falou: — Quem acha que tirou do depósito da Winchester aqueles quatrocentos rifles?

— Tendo adquirido ascendência, utilizou-a com furiosa autoridade. — Pelo amor de Deus, homem, pare de desperdiçar tempo. As coisas vão mal, muito mal. Seu precioso White Hand estragou tudo. Está morto. O'Brien também. Pearce está muito ferido. Os soldados dominam o trem e quando o puserem de novo em movimento...

— White Hand, O'Brien, Pearce...

Deakin fez um breve movimento de cabeça indicando Benson.

— Diga a ele que espere lá fora.

— Lá fora? Calhoun parecia confuso.

— Lá fora. Há piores notícias, mas são só para seus ouvidos.

Calhoun fez um gesto mecânico para o atarantado Benson, que saiu, fechando a porta.

— Não poderia haver nada de pior... — começou Calhoun, desesperado...

— Há sim. Isto.

A pistola voltou à mão de Deakin, que usou o cano da arma para pressionar com força brutal os dentes do bandido. Tomando-lhe ambas as armas, passou-as a Claremont, que as apontou contra Calhoun. Sacando do bolso uma faca, Deakin cortou as cordas que prendiam o Coronel Fairchild, não menos espantado que o bandido, e colocou uma arma sobre a mesa.

— Sua, para quando for capaz de usá-la. Quantos homens tem Calhoun, além de Benson?

— Quem, em nome de Deus, é você? Como...

Deakin agarrou-o pela lapela. — Quantos homens?

— Dois. Carmody e Harris, é como se chamam.

Girando rápido, Deakin encostou o cano do seu Colt nos rins de Calhoun e este gemeu de dor. O processo foi repetido. Sorrindo, o agente falou: — Tem as mãos manchadas pelo sangue de dezenas de homens, Calhoun. Por favor, acredite que estou suplicando por uma desculpa para matá-lo.

A expressão do bandido deixava claro que ele acreditava totalmente no que ouvia.

— Diga a Benson que quer falar com ele, Carmody e Harris, aqui, imediatamente.

Deakin abriu ligeiramente a porta e empurrou Calhoun para a brecha. A poucos passos de distância, Benson caminhava de um lado para outro.

Voz rouca, Calhoun ordenou-lhe: — Traga Carmody e Harris aqui. E venha você também. Agora mesmo! Benson hesitou, depois atravessou correndo o pátio. Fechando a porta, Deakin ordenou a Calhoun: — Vire-se.

O bandido obedeceu. A arma, invertida, foi manejada, e Deakin segurou Calhoun antes que ele caísse. Mariah fitou-o horrorizada.

— Poupe-me os seus malditos sermões. — O tom de voz era frio, mas de conversa. — Dentro de um minuto ele agiria como um rato acuado. — E voltando-se para Fairchild: — Quantos sobreviventes? — Perdemos apenas dez homens e portaram-se todos com muita valentia. — Fairchild massageava as mãos para livrá-las do torpor. — O restante foi surpreendido nos beliches. Calhoun e seus amigos — havíamos dado abrigo aos renegados naquela noite — dominaram os guardas e deixaram entrar os índios. Mas estão sob vigilância a dois quilômetros daqui, numa mina abandonada.

— Não importa. Não preciso deles. Não os quero. A última coisa que desejo é uma batalha. Como está se sentindo agora? — Muito melhor, Senhor Deakin. Que quer que eu faça? — Quando eu der o sinal, dirija-se ao depósito de armas e arranje-me um saco de explosivo e pavios. Por favor, seja rápido. Onde fica a prisão? Fairchild fez um sinal indicativo.

— No ângulo do pátio.

— A chave? O Coronel tirou uma chave do quadro pregado por detrás de sua escrivaninha e entregou-a a Deakin, que agradeceu com um aceno de cabeça e postou-se de sentinela à janela.

Esperou apenas alguns segundos. Benson, Carmody e Harris atravessaram correndo o pátio. A um sinal de Deakin, Claremont ajudou-o a arrastar Calhoun, que foi colocado em posição mais ou menos ereta. Quando os três se aproximaram correndo, a porta da sala do Comandante escancarou-se o corpo inconsciente de Calhoun foi violentamente emjurrado escada abaixo. Imediatamente, estabeleceu-se uma completa confusão e Benson, Carmody e Harris não tiveram nenhuma resistência a oferecer quando Deakin, arma em xmnho, surgiu no limiar. Fairchild apareceu em seguida e correu para o lado oposto do recinto. Deakin seguiu-o, conduzindo seu cavalo com uma das mãos, enquanto a outra, empunhando o Colt, impelia os três, que arrastavam o inerte Calhoun, em direção às celas. Enquanto o agente os trancafiava, Fairchild apareceu numa porta das proximidades, carregando um saco pesado.

Deakin, já a cavalo, agarrou volume, atirou-o sobre a sela e, pondo o animal a galope, transpôs o portão principal e virou à esquerda. Mariah, apoiada num trêmulo Claremont — o cego conduzindo o coxo -, surgiu à porta da sala do Comandante. Acompanhando Fairchild, dirigiram-se o mais rápido possível para o portão.

Deakin conduziu o cavalo até o abrigo de uma rocha arrancada do lugar por uma explosão destinada a abrir caminho para a via de acesso à ponte. Desmontou, atirou a sacola sobre os ombros, e dirigiu-se à ponte.

Pearce afastou-se da janela esquerda da cabine, deixando ver um amplo sorriso no rosto contundido.

— Estamos chegando! — exclamou, exultante. — Estamos quase chegando! White Hand reuniu-se a ele na janela. A ponte estava a uma distância de menos de quilômetro e meio. Sorrindo, o índio acariciou a coronha de sua Winchester.

Enquanto isso, Deakin acabava de introduzir duas cargas de explosivos entre as estacas de madeira e contrafortes da ponte. Uma de cada lado. Usara metade da pólvora que Fairchild lhe dera, mas calculava que a quantidade fosse suficiente. Galgando um contraforte de madeira, atira o saco meio vazio no leito da estrada, depois ergueu cautelosamente a cabeça. O trem se

encontrava a menos de um quarto de quilômetro. Descendo rapidamente, acendeu o pavio de ambas as cargas, depois tornou a subir. O trem achava-se a uns duzentos metros. Colocando o saco às costas, correu para o extremo oeste da ponte.

Pearce e White Hand, debruçados em lados opostos da plataforma, viram a silhueta em fuga de Deakin ultrapassar a ponte. Os dois entreolharam-se e simultaneamente ergueram suas Winchesters. Disparos tocaram o chão e ricochetearam das rochas, próximo à figura em fuga, mas como Deakin corresse desviando-se de um lado para outro, constituindo um alvo muito incerto, e a plataforma ondulante não proporcionasse base estável para os atiradores, nenhum dos disparos chegou muito perto. Em segundos, Deakin atirouse por detrás do abrigo de rochas.

— A ponte! — gritou Pearce. — O demônio dinamitou a ponte! O'Brien, máscara de raiva e medo, fechou a válvula e aplicou os freios. Mas o trem, embora diminuísse bruscamente a marcha, já se encontrava na ponte.

Fairchild, Claremont e Mariah, a algumas centenas de metros, pararam com os olhos dilatados. O trem parecia ter quase ultrapassado o ponto perigoso, na verdade, a locomotiva e o tênder já se encontravam sobre rocha sólida. O'Brien, nos controles, murmurando palavras incompreensíveis, percebeu que cometera um erro, provavelmente fatal e, soltando o freio, abriu a válvula o mais possível. Mas era demasiado tarde. Houve dois clarões simultâneos e um duplo estrondo, que se tornou um só quando a ponte se desintegrou e desabou na ravina. Os três carros desapareceram imediatamente nas profundezas da garganta, arrastando consigo o tênder e a locomotiva. O primeiro já desaparecera e a segunda acompanhava-o rápido, quando três figuras empunhando Winchesters saltaram da cabine, caindo pesadamente sobre a sólida rocha.

A locomotiva foi inexoravelmente arrastada e entre o pedaço do metal e das pesadas vigas de madeira, todo o comboio sumiu no abismo.

Abalados, mas lúcidos, Pearce, O'Brien e White Hand levantaram-se. Com os três apontando armas contra ele, Deakin

pareceu momentaneamente paralisado, porém colocou-se em segurança sem que um só disparo fosse feito. O choque retardara as reações dos homens armados com Winchesters.

Fairchild, Claremont e Mariah atiraram-se ao chão quando os três avançaram, armas apontadas. Deakin enfiou a mão sob o casaco e retirou-a devagar, vazia. A arma ficara na sala do Comandante. Os três bandidos encontravam-se então a menos de sete metros de distância, contornando os rochedos. Era evidente que Deakin não estava armado. Mas a mão direita segurava um cilindro de dinamite com o pavio já aceso. Aguardou um brevíssimo espaço de tempo, que pareceu absurdamente longo, depois atirou o explosivo sobre os rochedos.

A carga explodiu sobre os três homens, cegando-os momentaneamente e desequilibrando-os. Deakin rodeou então os rochedos. Havia muita fumaça e pó, mas avistou White Hand, que perdera o rifle e apertava os olhos lacrimejantes. Dois segundos após, a arma se encontrava nas mãos de Deakin, que a apontava para os ainda aturdidos Pearce e O'Brien.

— Não faça isso — avisou Deakin. — Não me forcem a ingressar na História. Não me tornem o primeiro homem a matar alguém armado com um rifle de repetição Winchester.

Pearce, o mais rápido dos três a se recuperar, atirou-se para o lado, sem largar a arma. A de Deakin disparou.

— Creio que, por hoje, isto basta como feito histórico.

O'Brien fez que sim e largou o rifle. Olhos lacrimejantes, mal enxergava.

Reuniram-se a eles Fairchild, Mariah e Claremont, o último apontando com firmeza a arma, apesar da mão fe-rida. Deakin, o Comandante e Mariah, um tanto afastados, olharam para as profundezas onde mergulhara a ponte destruída. No precipício jaziam os destroços amassados e quebrados do trem, com a locomotiva sobre os vagões despedaçados. Não se via qualquer movimento, nenhum sinal de vida.

— Olho por olho — murmurou Deakin, pesadamente. — Bem, acho que ficamos com os que importam: O'Brien, Calhoun e White Hand.

Fairchild falou, sombrio: — Todos, menos um. Deakin fixou-o.
— Sabia a respeito de seu irmão? — Sempre desconfiei.
Nunca tive certeza. Era ele o chefe do bando? — O'Brien. Foi O'Brien quem utilizou a sua ambição e fraqueza.

— E toda essa ambição, toda a avareza acabaram no fundo do precipício.

— Para o senhor, para ele e para a sua filha, foi melhor assim.

— E agora? — Um destacamento dos seus homens para trazer de volta os cavalos que abandonei mais adiante. Outro para consertar as linhas do telégrafo. Então, convocaremos uma porção de engenheiros civis e militares para reconstruir a ponte.

— Vai voltar agora para Reese City? — perguntou Mariah.

— Voltarei a Reese City quando aquela ponte estiver reconstruída e um trem puder atravessá-la para transportar todo o ouro que se encontra no Fort Humboldt. Só tirarei os olhos dos lingotes de ouro e prata quando chegar a Washington. Antes, não.

— Mas talvez sejam necessárias várias semanas para reconstruir a ponte — observou Fairchild.— É bem provável. Mariah sorriu.

— Parece que temos pela frente um inverno longo e difícil.

Deakin respondeu ao sorriso.

— Creio que não. Quero dizer que encontraremos assuntos de conversa.

FIM